

Adriana Aparecida de Almeida

OPASQUIM E OPASQUIM21
práticas discursivas jornalísticas de resistência

Campinas
UNICAMP/IEL
2006

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

AL64o	<p>Almeida, Adriana Aparecida de. OPASQUIM e OPasquim21 : práticas discursivas jornalísticas de resistência / Adriana Aparecida de Almeida. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.</p> <p>Orientador : Mónica Graciela Zoppi-Fontana. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.</p> <p>1. O Pasquim. 2. Resistência ao governo. 3. Análise do discurso. 4. Humorismo. I. Zoppi-Fontana, Mónica Graciela. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.</p>
-------	---

Título em inglês: OPASQUIM e OPASQUIM21: journalistic discursive practice of resistance.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): O Pasquim; Government, Resistance to; Discourse analysis; Humorism.

Área de concentração: Lingüística.

Titulação: Mestre em Lingüística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Mónica Graciela Zoppi-Fontana (orientadora), Profa. Dra. Bethânia Sampaio Corrêa Mariani e Prof. Dr. José Horta Nunes.

Data da defesa: 17/08/2006.

Programa de Pós-Graduação: Lingüística.

Adriana Aparecida de Almeida

OPASQUIM E OPASQUIM21
práticas discursivas jornalísticas de resistência

Dissertação de Mestrado ao Curso de Lingüística,
do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas
como requisito para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Mónica Graciela Zoppi-Fontana

Campinas
Instituto de Estudos da Linguagem
2006

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Mónica Graciela Zoppi-Fontana - orientadora

Prof. Dr. José Horta Nunes

Profa. Dr. Bethânia Sampaio Corrêa Mariani

Dissertação apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística em 17 de agosto de 2006.

AGRADECIMENTOS

À Mônica, pela importante presença neste trajeto de minha vida. Por sua dedicação, pelo apoio, a importante orientação. Pela profissional competente e a pessoa afetuosa que se unem numa mulher forte e admirável. Pela relação que temos. Do profissional para o pessoal. Minha admiração.

Ao Roberto Baronas, pelos comentários bem elaborados e precisos na qualificação. Pelo apoio e carinho. Pela relação de respeito e afeto que se prolonga.

Ao José Horta, pelas importantes sugestões e incentivos dados na qualificação. Pelo apoio da presença e da leitura bem feita nesta data.

À Marisa Grigoletto, pelos comentários certos em minha qualificação. Pela compreensão e dedicação nesta ocasião.

À Bethânia Mariani, por participar da banca examinadora. Por ser uma pessoa e uma profissional admirável.

À Capes, pelo financiamento de meu trabalho por um período, o qual foi muito importante para conseguir realizá-lo

À Edna, minha querida amiga. Companheira. Pelo período em que dividimos o mesmo espaço em Campinas, lugar em que uma cumplicidade pessoal e teórica se construiu. Pela relação de amizade cultivada além da distância. Muito querida!

Aos amigos de sala de aula, congressos, reuniões e festas na casa de Mônica: Carlos, Lucia(de Piracicaba), Érica, Moniquinha, Geralda, Carmem, Judite, Neuza, Anita, e todos aqueles cujos nomes não estão aqui mencionados mas que marcaram minha vida com sua presença.

À minha amiga, Elissandra. Pela longa e sincera amizade que temos. Por tudo.

Ao meu namorado, Maduro. Pelas discussões e contribuições ao meu trabalho. Por seu apoio. Sua presença especial em minha vida. Pelo amor que cultivamos e o cúmplice relacionamento que vivemos.

A toda minha família que tanto amo. Que mesmo sem saber ao certo a que me destinava, sempre me apoiou. Meu pai, Izael. Minha mãe, Maria. Minhas três irmãs queridas: Andréia, Solange e Lucinéia. Meu querido cunhado, Daniel. Minha mais querida sobrinha, Duda.

Ao meu pai e à minha mãe, pela trajetória de
simplicidade e crescimento de suas vidas.
Suas amáveis presenças em minha vida.

SUMÁRIO

Resumo.....	12
Abstract.....	13
Introdução.....	14
O Pasquim e a imprensa alternativa.....	14
OPasquim21 na mídia impressa.....	17
Organização do corpus.....	18
1.O conceito de resistência.....	21
1a. Resistência: um ponto de vista pecheuxeano.....	22
1b. O poder e as práticas discursivas de resistência: uma leitura de Foucault.....	25
1c. Avançando no conceito de resistência.....	27
1d .O conceito de formação discursiva e as condições de produção.....	28
2.As capas.....	33
2.1- As caras dos Pasquins.....	33
2.2- O Pasquim nos anos 70.....	34
2.3- A ilustração.....	35
2.4- O fotográfico.....	39
2.5- A caricatura.....	43
2.6- A paródia.....	47
2.7- As capas d’OPasquim21.....	52
2.8- A guerra.....	53
2.9- O Presidente Lula.....	59
2.10- Considerações parciais.....	62
3. Os editoriais.....	65
3.1- A construção dos sentidos de resistência: um trajeto de sentidos.....	65
3.2- Editoriais do Pasquim(anos70).....	66
3.3- Considerações parciais.....	86
3.4- Editoriais do Pasquim21.....	87
3.5-Considerações parciais.....	99
4.Os jornais e seus leitores.....	101
4.1- Os caminhos percorridos pelos leitores.....	101
4.2- Cartas que trazem uma imagem do jornal em relação à Seção Cartas.....	107
4.3- Cartas que trazem uma imagem crítica em relação ao jornal.....	111
4.4- Heterogeneidade mostrada: a representação do outro nascartas.....	115
4.5- Considerações parciais.....	121
5. Considerações finais.....	125
6. Bibliografia consultada.....	129
7. Anexos	

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma análise acerca de duas produções jornalísticas que se nomeiam resistentes produzidas em dois períodos distintos: no período da ditadura militar(década de setenta), OPasquim e, no início do século XXI, OPasquim21. Com base no conceito da derrisão, a qual entende a prática humorística como produção ambígua de efeitos de contestação e regulação dos valores e dos códigos culturais dominantes, analisamos os funcionamentos da resistência nas materialidades das capas, dos editoriais e das cartas de leitores. Os três gêneros discursivos permitiram analisar as diferentes posições discursivas da FD de jornalismo de resistência em condições de produção diferentes. Nas capas, as diferentes relações do humor com a língua variando entre o verbal e o não-verbal. Nos editoriais, as práticas de textualização e os modos de dizer que resultam de uma relação com a memória em cada conjuntura. Nas cartas de leitores, a relação estabelecida entre jornal e leitor, que pode assumir a forma de cumplicidade, nos anos 70, ou de questionamento da falta de eficácia de oposição, no Pasquim21.

ABSTRACT

This dissertation presents an analysis over two newspaper issues that call themselves resistant. They were issued in two different periods: in the dictatorship period (in the seventies), *OPasquim* and *OPasquim21* issued in the beginning of twenty-first century. Based on the derision concept, which considers the humor practice as an ambiguous effect of contestation and regulation of the values and dominant cultural codes, we analyzed the resistance functioning in the materialities of the covers, the editorials and the reader's letters. All the three discursive genres allowed us to analyze the different discursive positions in the journalism FD of resistance in different conditions of production. In the covers, the different relation of humor with the language which ranged from verbal to non-verbal. In the editorials, the practices of textualization and the ways of saying which result from a relation with memory in each conjuncture. In the reader's letters, we could see the relationship established between the newspaper and the reader. In the seventies, it can take a form of complicity while it raises an issue on the lack of opposition efficiency in *OPasquim21*.

Introdução

1.1 *O Pasquim* e a imprensa alternativa

*Como um moleque na contramão, como
trombadinha ou pivete.*¹

Nosso percurso se inicia num período político muito marcante para o nosso país, a ditadura militar que teve início com o golpe militar em 1964 e finalizou em 1985 com as eleições indiretas. Um período que ainda se faz muito presente pelas duras lembranças das mais diversas violências que foram sofridas e são hoje testemunhadas pelos que ainda vivem. Um dos mecanismos de poder utilizados pelo governo militar foi o controle sobre os meios de comunicação que assumiu caráter mais repressor com a edição do AI-5² em 1969.

Sob a máscara de uma defesa da moral e dos bons costumes, a censura política das informações se instaura sem nunca se explicitar. Ao longo dos nove anos de existência, ela poderia adotar a forma de bilhetinhos e telefonemas ou se personificar na figura de censores incumbidos de revisar os materiais antes de serem impressos, esta última é mais precisamente conhecida como censura prévia (Marconi, 1980).

Eivada pela inconformidade com a complacente posição (resignação) da grande imprensa diante das imposições do regime totalitário é que surge a imprensa alternativa, lugar em que se encontra a primeira publicação do semanário, *O Pasquim*. Neste contexto, essa designação “alternativa ou nanica” é explicada por Kucinski (2003) da seguinte forma: o primeiro adjetivo deve-se ao fato destes periódicos não estarem relacionados à política dominante, o de ser uma opção entre duas coisas que se excluem, ou ainda uma saída para uma situação difícil e, o desejo de realizar transformações sociais; já o segundo adjetivo “nanica” atribuído por publicitários afeitos a estes jornais, refere-se tanto ao seu formato tablóide como à pequenez que era atribuída pelo sistema num primeiro momento.

¹ Depoimento de Jaguar, em *Folhetim*, 30-12-1979

² O controle da informação já era uma preocupação desde que os militares se apossaram do poder em 1964. O Ato Institucional n.5, mais conhecido como AI-5, foi baixado em dezembro de 1968 e durou até 1978. Conforme relata Marconi (1980:34), por meio deste “o Presidente da República teve poderes – exercendo-os plenamente – para determinar a censura da correspondência, da imprensa e das telecomunicações, acobertado pelo manto discricionário do artigo 9 do AI-5 que lhe permitia adotar medidas “se necessário à defesa da Revolução”. Mesmo pelas combatidas e retalhadas Constituições revolucionárias, o Presidente da República só teria autonomia para tanto em caso de Estado de Sítio”.

Esses alternativos foram em sua maioria bastante efêmeros. Lançavam-se em difíceis veredas em busca de esboçar seus inconformismos de maneira ousada e corajosa. “Quixotes”, como diria Filho(2002). A dificuldade de sobrevivência advinha da imposição da censura prévia comum a todo alternativo, já que eram tidos pelo governo como instrumentos de *resistência*(Kucinski, 2003:16).

Kucinski(op.cit) em sua história da imprensa alternativa na época da ditadura militar, agrupa os alternativos que circularam neste período em três categorias:

- motivação jornalística – como uma alternativa tanto à ordem do sistema como à ordem da cultura oficial de esquerda - *Pasquim*
- os existenciais- cujas raízes estavam no movimento de contracultura norte-americano e na filosofia existencialista de Jean Paul Sartre: *Bondinho, Ex, Versus* os de reportagem – *Coojornal e Repórter*
- os revolucionários - jornais vinculados a partidos ou frentes políticas. Com uma linguagem dogmática coerente com o comprometimento com o Partido Comunista do Brasil(PC do B), *Opinião, Movimento, Em Tempo*.

Apesar desse grupo não ser homogêneo, era reconhecido pelo Departamento Estadual de Ordem Política Social (Dops/SP) como uma verdadeira “cadeia” de pequenos jornais(Maia, 2002).

Um importante diferencial do *Pasquim*, face aos outros jornais de resistência, é a instituição do culto da cultura *underground* norte-americana pelo jornal, que detonou ainda um movimento próprio de contracultura por meio da transformação da linguagem do jornalismo, com o uso de coloquialismos que vão além de uma simples transcrição da linguagem oral.

O Pasquim mudou ainda hábitos e valores dos jovens dos anos setenta, sobretudo jovens que viviam em cidades interioranas que surgiram com o milagre econômico, presos numa moral provinciana(Kucinski: 2003:15).

O satírico opôs-se ao regime até mais visceralmente, como diria Braga(1991). Um humor pautado não no diversionismo, mas na denúncia, na contestação. Esse mesmo perfil que rendeu ao semanário a atuação numa grande mudança de comportamento na época, atraiu-lhe um olhar bastante atento da censura. O jornal passou a ser fiscalizada pelo DOI-

CODI³ culminando na invasão do jornal por censores, em 1 de novembro de 1970, a qual ocasionou a prisão⁴ de alguns membros e a permanente crise interna.

As crises no Pasquim eram inevitáveis pela maneira como era conduzida a censura. Num primeiro momento, havia a presença dos censores, ao final de 1973, a censura é transferida para Brasília e os jornais tem que ser enviados ao Departamento da Polícia Federal. A partir de então, nem sempre o material devolvido após a análise era suficiente para a publicação, devido à quantidade de cortes efetuados e nem sempre havia o tempo necessário para efetuar alterações devidas já que o material era devolvido com muito atraso. É por isso que, neste período, as matérias tratam sobretudo de assuntos internacionais. Como diz Braga(1991:52), em 1972, OPasquim tratava freqüentemente da guerra do Vietnã.

Assim, os problemas do jornal se resumiam à dificuldade de alcançar a tiragem mínima, cobrir as despesas e à falta de receita publicitária. Os alternativos tinham que pagar uma comissão exorbitante para os distribuidores com o objetivo de sustentar uma circulação nacional e não perder a proposta de visibilidade e ampliação política. Essa situação fez do *O Pasquim e Repórter*(um outro jornal considerado alternativo que circulou neste período) casos raros de presença em banca nacional, dada a natureza de seus projetos ser política e não mercantil.

Os principais alvos de crítica d'OPasquim eram a ditadura militar, a classe média, seus costumes e moralismo e a grande imprensa.

³ O DOI-CODI (Departamento de Operações de Informações do Centro de Operações de Defesa Interna) é integrado por elementos dos seguintes órgãos militares e civis de segurança e informações no período pós-64: Centro de Informações do Exército (CIE), Centro de Informações da Marinha (CENIMAR), Centro de Informações e Segurança da Aeronáutica (CISA) e os Departamentos de Ordem Política e Social (DOPS). Na teoria, estes órgãos deveriam assessorar ao Estado garantindo a segurança nacional. No entanto, eram utilizados como meros órgãos de repressão. Sendo que o DOI-CODI atuava com ações repressivas armadas quando julgadas necessárias por estes órgãos (Marconi, 1980:28)

⁴ Nesta data de 1 de novembro de 1970 foram presos: Ziraldo, Paulo Francis, Luiz Carlos Maciel, Paulo Garcez (o fotógrafo) e Haroldinho (ajudante da equipe). O motivo da prisão teria sido um Cartum feito por Ziraldo em que reproduz o quadro de Pedro Américo em que D. Pedro proclama a independência e é acrescentado um balão que diz: “Eu quero mocotó”. Na ocasião da prisão, o número 72 que continha o cartum ainda estava sendo rodado. No entanto, como afirma (Braga,1991:36) este processo já havia iniciado há muito tempo. O jornal já estava tendo problemas com a censura prévia que se institucionalizou em 26 de janeiro de 1969 em forma de decreto-lei. Problemas com distribuidoras que cancelavam serviços da noite para o dia sem explicações e até uma bomba jogada no prédio do jornal. De fato, o jornal já incomodava muito.

1.2 OPASQUIM21 na mídia impressa

Essa história não se repete com OPASQUIM21. Talvez a prática discursiva dessa nova discursividade de resistência não seja eficaz o bastante para agir nas práticas históricas dos sujeitos nas condições de produção mais democráticas deste século. *OPasquim21* chega ao fim mais especificamente com 117 edições semanais. Começou a ser produzido no início de 2002 e encerrou em julho de 2004, somente dois anos e seis meses de vida.

O Pasquim(primeira publicação) deixou de circular com a abertura política. Os humoristas se dissiparam para grandes jornais e revistas. Millôr foi para revista *Veja*, Henfil para *Isto É*, Ziraldo foi para JB e a tentativa de Jaguar de seguir com OPasquim fracassou.

Antes da publicação d'OPasquim21, Ziraldo junto com alguns humoristas já havia produzido duas revistas humorísticas que antecedem o jornal: *Bundas* e *Palavra*. Em 2002, Ziraldo junto com seu irmão, Zélio Alvez Pinto lançam OPasquim21 numa tentativa de rememorar o sucesso do Pasquim nos anos setenta.

Diferente em sua forma, o Pasquim21 segue o modelo “standard”, uma abundância de cores em contraposição ao modelo tablóide, não colorido do Pasquim. No entanto, a definição do gênero textual não é muito clara no Pasquim21. O semanário denomina-se “jornal” ao longo de seus editoriais, ou até mesmo quando seus editores se referem a ele ao dar entrevistas, mas a partir da edição de número 66, abaixo do logotipo com o nome, a contagem semanal da publicação recebe a denominação de “revista” que será mantida até o fim. A formulação consiste em: UMA REVISTA SEMANAL, escrita em letras maiúsculas.

Essa questão do gênero é inclusive uma das razões pelas quais é justificado o fim de sua publicação. Zélio, o editor chefe, justifica haver uma dificuldade enfrentada com os anunciantes devido a sua circulação semanal adentrar a atuação mercadológica das revistas, além da oscilação de vendagem nas bancas restringir-se entre 10 mil e 15 mil exemplares.

O contexto político de existência do jornal corresponde ao ano da eleição de 2002 em que Luiz Inácio Lula da Silva(mais conhecido pelos brasileiros como Lula, apelido que foi incorporado ao seu nome por registro em cartório), do partido dos trabalhadores(PT), é eleito e os dois primeiros anos de seu governo.

Desse modo, diferentemente do Pasquim que circulava no governo militar, nos anos setenta, o Pasquim21, além de vicejar num período de democracia, acompanha a chegada e parte de um governo dito de esquerda ao poder.

Dadas estas condições de produção, OPasquim21 não tem no governo, como o tinha o Pasquim nos anos 70, um adversário. No entanto, foi criado para contestar, para expressar indignação e não-conformismo. A inexistência desta oposição ao governo faz com que, nos anos 2000, seu discurso de auto-definição seja contraditório, variando entre continuidade/descontinuidade em relação ao Pasquim.

1.3 Organização do Corpus

É importante sublinhar a divisão efetuada no corpus para compreender a constituição destas discursividades.

É longa a periodicidade da primeira publicação do Pasquim (junho de 1969 até 1982). Nosso recorte se focará na fase que Braga(1991) denominou “longa travessia”. O autor a descreve como a fase em que o semanário enfrentou visceralmente a censura prévia exercida com a promulgação do AI-5(ato institucional que promulga a censura policial à imprensa brasileira).

Esse período compreende as edições de número 80 a 300, entre janeiro de 1971 a março de 1974. Inicia logo após a saída do grupo da prisão e a mudança de censor com uma marcação mais cerrada(sai Marina e entra o general Juarez Paz Pinto) e finda com a derrogação da censura prévia no *Pasquim* e a saída de Millor da direção e do jornal. O jornal precisa enfrentar dívidas e uma desorganização administrativa.

Nosso recorte consiste numa fase marcada por duas direções: em 1971, Sérgio Cabral era o diretor, entre setembro de 1972 a março de 1974, Millôr assumia a direção⁵.

Do Pasquim21, cuja duração foi de dois anos e seis meses, a análise centra no período de março de 2003 a julho de 2004. Período correspondente ao governo democrático e petista no poder. O objetivo é analisar como um jornal alternativo, que se diz de “resistência”, faz oposição a um governo de partido de esquerda numa conjuntura democrática.

⁵ No capítulo 3, a análise dos editoriais refere-se à ruptura na série de editoriais, devido a organização interna do grupo de jornalistas, bem como apontando para uma mudança das condições de produção mais amplas do jornal.

A organização interna do texto dos jornais é semelhante. São divididos entre seção cartas, textos, charges, tiras, editoriais, entrevistas e dicas.

Nosso objetivo da análise é compreender o sentido de “resistência” e a formulação desta nas duas publicações, para isto, selecionamos três gêneros textuais: as capas, os editoriais e a seção de cartas:

1. As capas, nos Pasquins, são importantes por apresentarem formulações verbais e não-verbais. Interessa-nos focar a diferente dimensão dada ao não-verbal em cada publicação e a distinta relação do humor com o real estabelecida a partir daí em cada momento. Assim como o processo derrisório dialético em que, numa materialidade mesma, produz efeitos de contestação e regulação.
2. Os editoriais, no jornalismo, são escritos pelo redator-chefe e devem expressar a opinião deste e do proprietário do jornal. O jornal pode falar de si e auto-definir-se. Nos Pasquins, o editorial interessa-nos particularmente, por ser o espaço em que há essa auto-definição e também, o lugar em que o “sentido de resistência” é abordado mais diretamente. As análises buscam compreender a diferença das práticas de textualização e dos modos de dizer, que resultam de uma relação com a memória discursiva em cada conjuntura. Principalmente, pelo fato de na década de 70, não ser possível discutir diretamente as questões políticas do contexto e, na segunda publicação, a recorrente referência ao Pasquim do anos 70, para marcar uma posição no século XXI.
3. A seção de cartas é um espaço de comunicação entre o jornal e seus leitores. Interessa-nos analisar como se estabelece essa relação nos alternativos e como os efeitos de resistência são produzidos.

É esta relação entre língua como sistema sintático intrinsecamente passível de jogo, e a discursividade como inscrição de seus efeitos lingüísticos materiais na história, que constitui o nó central de um trabalho de leitura de arquivo”
(Pêcheux, 1994:63)

1. O CONCEITO DE RESISTÊNCIA

Ao analisar o funcionamento de duas publicações do Pasquim, a primeira na década de 70 e, a segunda, já no início do século XXI, buscamos compreender estes lugares de enunciação que se constituem no jogo da língua e da história, instaurando discursividades de resistência.

Para isto, consideramos que na primeira publicação, cuja existência foi de longos vinte anos, o semanário fora capaz de atravessar a vigilância do poder totalitário produzindo efeitos de resistência. Já na segunda publicação, desta vez renomeado Pasquim21, o semanário sobrevive somente por dois breves anos.

O que as difere, basicamente, é a oposição de cada conjuntura. A primeira, caracterizada por um cerceamento explícito do dizer, na ditadura e, a segunda, em condições democráticas cuja discursividade é produzida entre outras vozes permitidas. No entanto, ambas conjunturas possuem mecanismos de controle de produção e da circulação dos discursos (Foucault, 1971).

Mas para discutir acerca do conceito de resistência ou discursividade de resistência, passaremos por um percurso primeiro que adentra questões epistemológicas da análise de discurso. Tal trajeto implica destacar justamente uma temática que foi responsável por pontos de encontros e desencontros entre Pêcheux e Foucault e que engendrou importantes mudanças teóricas dentro deste campo epistemológico. Sendo que esta se caracteriza como sendo uma ciência cujo desenvolvimento consiste em constantes idas e vindas, com espaço para avanços e retificações.

Considerando que nosso objeto de análise são jornais de publicação semanal, portanto, práticas discursivas jornalísticas, o conceito de resistência baliza nossa análise na medida em que visamos compreender a ação dessas práticas.

1a. Resistência: um ponto de vista pecheuxiano

O conceito de resistência começa a ser pensado por Pêcheux justamente num momento de retificações e releituras das teses materialistas da ideologia. Isso acontece no momento em que Pêcheux (1983) caracteriza como a passagem da AD1 para a AD2, em que ocorre uma mudança no *corpus* enfatizando a alteridade na identidade discursiva:

O deslocamento teórico que abre o segundo período resulta de uma conversão (filosófica) do olhar pelo qual são as *relações entre* as “máquinas” discursivas estruturais que se tornam o objeto de AD. Na perspectiva da AD-2, estas relações são relações de forças desiguais entre processos discursivos, estruturando o conjunto por “dispositivos” com influência desigual uns sobre os outros: a noção de *formação discursiva* tomada de empréstimo a Foucault, começa a fazer explodir a noção de máquina estrutural fechada na medida em que o dispositivo da FD está em relação paradoxal com seu “exterior”: uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente “invadida” por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhes suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo sob a forma de “pré-construídos” e de “discursos transversos”) (op.cit p.313/4).

Primeiramente, com o aparecimento de um conceito chave que já havia aparecido em 1969 como o “já dito”, “já ouvido”, o *interdiscurso* é formulado em *Semântica e Discurso* (1975). Importante livro em que vários conceitos são nomeados e reformulados dentro da teoria do discurso. O autor sinaliza “mais um passo no estudo das condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção” (op.cit. p.145) dizendo que os aparelhos ideológicos de Estado não se relacionam igualmente. Os aparelhos de Estado possuem propriedades “regionais” devido sua especialização (na religião, na política, no conhecimento, etc), conseqüentemente, suas referidas formações ideológicas possuem um caráter regional e comportam posições de classe. Isso implica duas afirmações:

- “objetos ideológicos são sempre fornecidos ao mesmo tempo que a maneira de se servir deles”
- “as ideologias práticas são práticas de classes (de luta de classes) na Ideologia. (...) Não há, na luta ideológica (bem como nas outras formas das lutas de classe) posições de classe que *existam de modo abstrato e que sejam então aplicadas* aos diferentes

“objetos” ideológicos regionais das situações concretas, na Escola, na Família, etc. (op.cit, p. 146 - grifos do autor).

Com a reflexão sobre a teoria da interpelação a partir das considerações acima citadas, o conceito de *formação discursiva* é emprestado de Foucault e redefinido como *aquilo que , numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e o que deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.)*(op.cit.p160). Neste mesmo capítulo, Pêcheux traz a definição de interdiscurso como “o todo complexo com dominante” das formações discursivas. Com o interdiscurso, a temática da heterogeneidade é introduzida(cf.Malidier, 2003:53).

Ainda sobre a teoria da interpelação, Pêcheux especifica que “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação(do sujeito) com a formação discursiva que o domina” (op.cit p.163). Essa identificação, é fundadora da unidade imaginária do sujeito e está relacionada à inscrição dos elementos do interdiscurso(o pré-construído e o processo de sustentação) no discurso do próprio sujeito. No entanto, a relação de identificação, pela forma-sujeito, do “sujeito da enunciação” com o “Sujeito universal” se desdobra em diferentes modalidades.

A superposição caracteriza o discurso do “bom sujeito” que reflete espontaneamente o Sujeito, ou seja, o sujeito se identifica com a formação discursiva e é cegamente determinado pelo interdiscurso). A contra-identificação, o sujeito se volta contra o sujeito universal, há a dúvida, distanciamento, revolta; neste caso, o sujeito se contra-identifica com a formação discursiva que lhe é imposta pelo interdiscurso.

A terceira modalidade, a desidentificação, é caracterizada pelo autor por integrar o *efeito das ciências e da prática do proletariado*(idem p.217). A desidentificação não promove o fim da forma-sujeito, mas sim um trabalho de transformação-deslocamento desta, de modo que o processo de interpelação funcione às avessas, por meio de um ‘desarranjo-rearranjo’do complexo das formações ideológicas.

Em *Remontemos* (1977) é feita uma comparação entre Spinoza e Foucault. Ao colocar a categoria da contradição no centro da discussão e resguardar as “ingenuidades” de Spinoza, o autor se refere a ambos acentuando que *Spinoza avança lá*

onde Foucault permanece um pouco bloqueado. Esse texto registra uma releitura da relação entre ideologia dominante/ dominada. A ideologia dominante não mais pode ser tida como um exterior da ideologia dominada, mas antes, como constituída na própria organização desta última. Trata-se da *contradição de dois mundos em um só*. Disso decorre uma transformação do conceito de formação discursiva, a qual perde seu caráter homogêneo para dar lugar a uma heterogeneidade necessária, já que esta estabelece uma relação com seu exterior discursivo específico.

Em *Delimitações, inversões, deslocamentos* (1982) a concepção de resistência avança ao se ressaltar a importância da questão lingüística nos discursos revolucionários “as ideologias dominadas se formam *sob* a dominação ideológica e *contra* elas, e não em um “outro mundo”, anterior, exterior ou independente”. O autor define as resistências ao discurso dominante como quebras, lapsos, atos falhos no ritual da prática ideológica. As resistências se constituiriam num distanciamento do discurso de dominação em que se faz realizar o irrealizado:

As resistências: não entender ou entender errado; não “escutar” as ordens; não repetir as litanias ou repeti-las de modo errôneo, falar quando se exige silêncio, falar sua língua como uma língua estrangeira que se domina mal; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar os enunciados ao pé da letra; deslocar as regras na sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras...(Pêcheux, 1981: 17).

Essa temática da resistência é ainda central em seu texto “Só há causa daquilo que falha”(1988) que é anexado ao livro *Semântica e Discurso*(1975). Neste texto, Pêcheux diz ter escrito para “corrigir” a tese do assujeitamento escrito em *Semântica e Discurso*. Trata-se de um momento de auto-crítica. O autor lamenta o fato de, embora tenha utilizado a noção de desidentificação, ter chegado naquele texto a um sujeito paradoxal da prática política do proletariado sem questionar sua relação com o sujeito da prática política burguesa. Há também uma auto-crítica em relação à utilização de conceitos da psicanálise(o ego e o sujeito).

O título em 1988(“Só há causa daquilo que falha”), emprestado de Lacan, procura abarcar um pouco mais o papel do inconsciente no ritual da interpelação admitindo a falha como constitutiva. Não se trata de remeter à constituição das ideologias dominadas no registro do inconsciente, mas de lembrar sua condição como *contradição histórica motriz (um se divide em dois)*.

Das retificações e observações tecidas pelo autor, cabe enfatizar as afirmações com que Pêcheux(idem p.304) finaliza seu texto:“não há dominação sem resistência”(é preciso ousar se revoltar) e “ninguém pode pensar do lugar de quem quer que seja”(que significa que é preciso pensar por si mesmo).

Nesta perspectiva, cabe lembrar o estudo feito por Lagazzi(1998)¹ sobre o trabalho de resistência no espaço do assentamento. Nesta caso, a autora faz uma reflexão sobre o trabalho da resistência no assentamento, que se faz na imbricação do político e o jurídico. Nosso trabalho se difere deste por ser uma prática discursiva de jornalismo de resistência.

Contudo, a migração entre as fronteiras das formações discursivas, a capacidade de movimento dos sentidos, a heterogeneidade que possibilita a capacidade de deriva do enunciado e o fato de que um enunciado é sempre suscetível de tornar-se outro, sinalizam possíveis sinais de resistências, rupturas e transformações histórico-linguageiras(cf. Mariani, 1998:50).

1b. O poder e as práticas discursivas de resistência: uma leitura de Foucault

Diferentemente de Pêcheux, cuja leitura dos pressupostos marxistas se assenta sobre a leitura de Althusser do materialismo histórico, com a tese da interpelação ideológica, Foucault trabalha sob as lentes da *micro-física do poder* em que se estuda uma analítica do poder.

O conceito de poder é proposto por Foucault ao longo de alguns estudos realizados sob uma perspectiva genealógica. Embora o tema central de sua pesquisa não seja o poder, mas sim o sujeito², a temática do poder é suscitada no decorrer de seu estudo ao se perceber que o sujeito humano ao ser colocado em relações de produção e significação, coloca-se também em relações de poder muito complexas.

¹ Lagazzi-Rodrigues, S.(1988) *A discussão do sujeito no movimento do discurso*. Tese de doutorado. IEL. Unicamp, 1998

² O próprio autor afirma que embora ele tenha se envolvido bastante com a questão do poder, a temática central do seu trabalho era o sujeito (Foucault, 1995:232). Seu objetivo era ‘criar uma história dos modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos’. Segundo ele, é neste âmbito que os modos de pensar o poder e sua conceituação são pensados.

Neste sentido, o poder é compreendido como uma relação, uma prática, não necessariamente vinculada ao Estado. De forma que, o objeto de análise serão as relações de poder e não um poder. Não se trata de algo que funcione como “o poder” exercido por grupos individuais. De modo que o ponto de vista metodológico evite o que ele denomina uma análise descendente, em que o poder estaria localizado em um ponto central(o Estado), ou fossem efeitos produzidos a partir de uma estreita relação com este. O que Foucault pretende com isso é desvencilhar a conotação negativa do poder que identifica o Estado como órgão repressor, busca estudar tecnologias e dispositivos(como, por exemplo, o da sexualidade) de poder acoplados à produção de saberes na sociedade ocidental.

O início de seu estudo sobre o poder coincide com a pesquisa sobre a história das penalidades, momento em que identifica a disciplina como uma tecnologia de poder exercida na prisão, bem como em instituições como o hospital, a escola, a fábrica. Esse dispositivo disciplinar é predominante dos séculos XVII e XVIII, que caracteriza a *sociedade disciplinar*. Baseado no conceito do *Panóptico* de Jeremy Bentham, esse tipo de poder exerce uma organização do espaço, um controle do tempo e uma vigilância contínua que regula os hábitos, os costumes. É positivo na medida em que estabelece limites para o pensamento e a prática, produzindo individualidade.

Nos limites da modernidade, há uma passagem dessa sociedade disciplinar para a *sociedade de controle*. Os dispositivos de controle seriam desta vez mais ‘democráticos’ exercidos sobre o próprio cérebro por meio de sistemas de informação, redes de informação. Difere da disciplina na medida em que o controle está disseminado, para fora das instituições. Este novo paradigma aparece representado como o biopoder, controle sobre a própria vida.

Assim, o autor propõe as formas de resistência como ponto de partida para análise do poder, pois resistência e poder estariam imbricados dentro de uma mesma relação. Não há como haver resistência fora de uma rede de poderes, então, *não existe propriamente o lugar da resistência, mas pontos transitórios e móveis que também se distribuem por toda estrutura social* (Machado, 1995:14)

“no centro das relações de poder e como condição permanente de sua existência, há uma “insubmissão” e liberdades essencialmente renitentes, não há relação de poder sem resistência, sem escapatória ou fuga, sem inversão eventual; toda relação de poder implica então, pelo menos de modo virtual, uma estratégia de luta, sem que para tanto venham a se

superpor, a perder sua especificidade e finalmente a se confundir(...). Em suma, toda estratégia de confronto sonha em tornar-se relação de poder; e toda relação de poder inclina-se, tanto a seguir sua própria linha de desenvolvimento quanto ao se deparar com resistências frontais, a tornar-se estratégia vencedora.” (Foucault, 1995:248)

As lutas desenvolvidas nos últimos anos possuem certas especificidades, além de serem antiautoritárias; são lutas que questionam o estatuto do indivíduo, assegurando-lhe o direito de ser diferente e ligá-lo à sua própria identidade. Agem, pois, contra uma forma de poder, contra o “governo da individualização”. Sua ação reside numa atuação cotidiana, ligando o indivíduo à sua própria identidade por meio da imposição de uma lei de verdade. Esta é a razão da positividade do poder, seu exercício conjugado de um saber engendra uma produção de efeitos, fabricação dos sujeitos. Sendo que saber, no sentido foucaultiano, não se refere à idéia, mas a uma prática, acontecimento(cf.Machado,1995). As lutas insurgentes nesta modernidade seriam caracterizadas como sendo de três tipos: 1. contra as formas de dominação (étnica, social e religiosa), 2. contra as formas de exploração, 3. contra formas de sujeição, as formas de subjetivação e submissão, as quais estabelecem uma ligação do indivíduo consigo mesmo e o que o submete.

Como estamos a tratar de práticas discursivas jornalísticas de resistência, atentamos para a ação destas práticas como constituição de um lugar na mídia impressa em condições de produção distintas. Uma vez que o discurso é um espaço em que saber e poder se articulam (quem fala, fala de um lugar, a partir de um direito reconhecido institucionalmente) essas discursividades de resistência atuam como práticas discursivas contra formas de sujeição.

1c. Avançando no conceito de resistência

Ao comparar-se os dois autores temos: à medida que o primeiro interessa-se pelas relações entre saber/poder dentro das ciências humanas, o segundo, centra-se na constituição teórico-analítica de mecanismos de linguagem de um campo específico, a AD.

Dessa forma, compreendemos neste trabalho, de encontro ao que propõe Foucault (op. cit) que não é possível pensar a resistência separada do poder, portanto os sentidos

textualizados pelos semanários são analisados como produzindo efeitos de resistência/poder. E juntamente com Pêcheux, pensaremos a construção deste discurso em termos de posição. Entendemos que os semanários ocupam um lugar numa certa região de sentidos em que textualizam sentidos. Interessa-nos, pois, compreender a construção destes lugares de enunciação em que se auto-denominam um discurso de oposição.

As resistências em questão, as discursividades instauradas pelos semanários, culminam como acontecimento discursivo na medida em que se inserem num processo discursivo, instaurando uma *quebra de ritual* dentro de determinada ordem de discurso. De maneira que, os rituais enunciativos desses discursos de resistência pasquiniana sejam construídos no cruzamento da atualidade de dois momentos históricos distintos, com seu campo de memória. O que interessa é, pois, compreender o modo como esses discursos se inscrevem/produzem discursividades possíveis em dadas conjunturas históricas, enfatizando o funcionamento destas discursividades, na maneira como integram elementos de seu exterior(Courtine: 1981).

Num primeiro momento, no Pasquim, a discursividade pasquiniana que é instaurada visa a tentar falar no silêncio, no equívoco da linguagem. Trata-se de ocupar um lugar num espaço de memória buscando fazer ecoar sentidos. Por outro lado, no Pasquim²¹, a resistência neste outro século, é uma busca de se fazer ouvir entre todas as vozes permitidas. A oposição de cada conjuntura seja ela caracterizada por um cerceamento explícito do dizer, na ditadura, ou em condições democráticas, possui mecanismos de controle de produção e circulação dos discursos (Foucault, 1971) e não uma mera oposição censura/liberdade. Em outras palavras, Pêcheux diria que essa oposição contrastiva(dominantes/dominados) não é possível porque a relação que estabelecem entre si é contraditória.

Por conseguinte, necessariamente, o conceito de resistência será abordado juntamente com o de formação discursiva e o de condições de produção.

1.d O conceito de formação discursiva e o de condições de produção

O conceito de formação discursiva, que a partir de Foucault é incorporado e readaptado para o domínio da AD, passando pelo filtro da instância ideológica em sua reprodução/transformação das relações sociais como conceito analítico e teórico.

aquilo que em uma formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito articulado sob a forma de uma alocução, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.). Isto significa colocar que as palavras, expressões, proposições etc. recebem seus sentidos da formação discursiva na qual são produzidas(...) (Pêcheux, 1998:15)

A formação discursiva a partir de onde se enuncia determina “o que pode e deve ser dito” numa dada posição em uma conjuntura dada. Sendo que este lugar não é entendido aqui como homogêneo, mas antes como regiões de confronto de sentido, sítios de significância que estão em constante processo de reconfiguração. Por isso, Orlandi (1994) diz que as formações discursivas ao mesmo tempo em que determinam uma posição não a preenchem de sentido.

O interdiscurso³, segundo Courtine (1980), é o lugar em que se formam os objetos de discurso de uma determinada FD e este consiste num processo de *reconfiguração incessante*. De acordo com o mesmo autor, essa inconsistência é perceptível por intermédio de três modalidades: a heterogeneidade, a repetição/descontinuidade e a contradição. Estas modalidades têm importante função na constituição dos lugares de enunciação de resistência em cada uma das posições da FD pasquiniana.

A heterogeneidade da FD é dada pela incorporação de elementos pré-construídos do exterior em uma dada conjuntura. De modo a incorporá-los, organizando sua repetição, mas também provocando o seu esquecimento ou até mesmo sua denegação. O que Courtine(op.cit) exemplifica com seu trabalho sobre o discurso comunista endereçado aos cristãos, verificando que em certo momento, encontra-se na FD comunista, palavras referidas na FD não comunista num discurso de aliança.

Com efeito, o próprio de uma FD é *dissimular, na transparência do sentido que se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso*,...(Pêcheux, 1975:162).

³ O interdiscurso é um ponto crucial desenvolvido por Pêcheux em *Semântica e Discurso* (1975), embora esteja presente desde *a análise automática do discurso* (1969) com o anúncio do “já dito”, o “já ouvido”.

De modo que o interdiscurso forneça a realidade para cada sujeito sob a forma de evidências. Não há, no entanto, sujeito no interdiscurso. Mas, sim, *posições de sujeito* que regulam o ato de enunciação. O pré-construído⁴ é um dos modos de determinação do enunciado pelo interdiscurso no processo de assujeitamento produzindo o efeito de evidência.

Como *toda formação discursiva deriva de condições de produção específicas* (Pêcheux; Fuchs, 1975:167), a análise implica considerar sobretudo as diferenças históricas entre uma primeira publicação sob a “ilusão do regime ditatorial de interdição de sentidos” (Orlandi, 2002:132), nos anos 70 e, uma segunda, o Pasquim21, sob “liberdades democráticas”(no início do século XXI). Buscando por intermédio de seu funcionamento, compreender de que maneira esta FD de jornalismo de resistência estabelece relações com os domínios de saber em cada conjuntura.

Pensar em condições de produção, nos dois períodos distintos que caracterizam nosso corpus, implica interrogar-se sobre duas questões distintas: primeiro, qual é o sentido de resistência que representa a atuação do semanário em cada um dos momentos e, segundo, como essa resistência é exercida.

O que difere amplamente as duas publicações do Pasquim é que a discursividade de resistência, nesta primeira publicação, se encontra numa ordem de discurso cujo procedimento de controle que regula a produção do discurso nesta sociedade é a interdição. Foucault(1971:9) caracteriza a interdição como sendo de três tipos que se entrecruzam: tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala.

Na imposição da censura, a ordem do discurso de resistência é diretamente submetida ao controle externo que se incide sobre o direito de fala. Esse direito não é reconhecido nesta conjuntura social pelo governo ditatorial e, o fato de que *não se tem o direito de falar tudo, não se pode falar tudo de tudo em qualquer circunstância, ...não se pode falar de qualquer coisa qualquer* (ibidem) que caracterizam a produção do discurso, com a censura adquire um estatuto em forma de lei, na edição do AI-5(ato institucional n.5).

⁴ Termo introduzido por Paul Henry em *La Mauvais Outil* (tradução brasileira: *A Ferramenta Imperfeita*(1992), designa uma oposição anterior, exterior, independente, por oposição ao que é construído na enunciação.

Orlandi(2002), analisa a censura como fato de linguagem quando estuda as formas do silêncio. A autora entende o papel da censura como agindo dentro da formação discursiva, configurando *de forma localizada, o que, do dizível não deve(não pode) ser dito quando o sujeito fala* (p.79). Sua ação está relacionada à interdição da inscrição do sujeito em determinada formação discursiva, de modo que afeta a identidade do sujeito, ou neste caso, a identidade do discurso de resistência:

A censura tal como a definimos é a interdição da inscrição do sujeito em formações discursivas determinadas, isto é, proibem-se certos sentidos porque se impede o sujeito de ocupar certos lugares, certas posições. Se se considera que o dizível define-se pelo conjunto de formações discursivas em suas relações, a censura intervem a cada vez que se impede o sujeito de circular em certas regiões determinadas pelas suas diferentes posições. Como a identidade é um movimento, afeta-se assim esse movimento. Desse modo, impede-se que o sujeito, na relação com o dizível, se identifique com certas regiões de sentido pelas quais ele se representa como (socialmente) responsável, como autor. (ibidem,107)

No que concerne ao funcionamento da censura, a autora ainda afirma que sua ação acontece no nível da formulação e não da constituição do sentido. O que significa que seria um mero engano pensar que há falta de informação nesta primeira fase de publicação do Pasquim; elas existem mas não podem ser ditas. Neste momento, os sentidos não deixam de ser historicamente dizíveis, no entanto, há uma política de silenciamento que não permite que eles sejam formulados. Na interdição da repetição de enunciados, discursivamente, a censura interfere na produção da memória, uma vez que funciona no nível da *circulação e na elaboração dos sentidos assim como sobre o processo de identificação do sujeito em sua relação com os sentidos* (idem. p.110).

Considerando que, conforme afirma Orlandi(2001:12), *os sentidos são como se constituem, como se formulam e como circulam*, a circulação é uma importante questão no funcionamento da prática discursiva de resistência do Pasquim, nos anos 70, já que a censura impede sua circulação.

Nos próximos capítulos, apresentaremos uma análise realizada acerca dos efeitos de sentido que são produzidos, quando os semanários ocupam determinadas posições sujeito no seio da FD de jornalismo de resistência, nas suas diferentes conjunturas políticas.

2 - AS CAPAS

2.1 - As caras dos Pasquins

Filho(1999:07) define as primeiras páginas dos jornais(as capas) como “espelhos do mundo”, por meio das quais se conhece a realidade objetiva através de um recorte anterior. De maneira que as idiossincrasias, hábitos e ilusões, determinam o que deve ou não estar na primeira página.

Numa perspectiva discursiva, entendemos que não se trata exatamente de um espelhamento, mas de uma construção que produz esse efeito. São veiculadas imagens que correspondem a uma interpretação do mundo, a qual corresponde à identificação com uma posição discursiva. Pela característica de representarem uma “leitura” dos fatos do mundo e, seu intuito de ter que atrair o leitor para a leitura, é que estas primeiras páginas ocupam um importante papel na busca de compreender as diferentes maneiras de se construir um discurso de resistência, um discurso irreverente, tendo como pano de fundo contextos sócio-políticos distintos.

A especificidade das capas dos Pasquins está sobretudo nos processos de significação das formulações imagéticas que perpassam a via humorística estabelecendo um limiar entre as demais produções midiáticas. Diferenciando-se também de outras produções humorísticas voltadas para o diversionismo. Os jogos discursivos, presentes nas imagens através de processos derrisórios, podem produzir efeitos de contestação e/ou regulação nestas discursividades de resistência.

É a prática da derrisão proposta por Mercier (2001)⁶ como algo além do riso, com seu impacto social, político e cultural que nos interessa nas materialidades das capas. O autor sublinha a importância da derrisão na produção da ambigüidade de efeitos de contestação e regulação. O poder desta prática está justamente em ritualizar, através do recurso criativo, a contestação dos valores e dos códigos culturais dominantes. O autor a define:

Mas a derrisão não se reduz ao riso, na boa palavra. O termo derrisão significa nos dicionários: fusão de indiferença e desdenho. O termo derrisório significa: o que é dito ou feito por derrisão, e portanto por analogia, o que é insignificante, negligenciável, ridículo,

⁶ Mercier é o organizador da revista francesa *Hermès*(2001) intitulada *Derrisão – Contestação*.

vão. Tornar em ridículo, menosprezar, evidenciar a derrisão, todos são traços associados à derrisão, e que permitem a distinção das noções do riso e do cômico (termos gerais) ou do humor (as intenções desestabilizam muito menos afirmam.) A derrisão contém em si uma dimensão de contestação, contra a ordem estabelecida ou os princípios largamente aceitos numa sociedade ou num grupo (p.10)- tradução livre.⁷

Essa perspectiva dialética da derrisão entre a violência simbólica da contestação e sua capacidade de saber da ordem social e política que assegura a regulação da derrisão sócio-política é que nos interessa nos Pasquins. Analisaremos os funcionamentos das imagens na produção destes efeitos ambíguos, na busca de demarcar as diferenças nos dois momentos.

As diferentes imagens utilizadas pelos Pasquins nas capas: o fotográfico, a ilustração, a caricatura ou a paródia são interpretadas por sua natureza simbólica. Sendo assim, essas imagens, como qualquer outra formulação, são construídas no jogo polissêmico da produção de sentido definindo posições de discurso. Já que *a ordem do discurso é estruturada por um lado pela estrutura, a regra, a estabilização, o acontecimento e, de outro, o jogo e o movimento* (Orlandi, 2001:103). Ao mesmo tempo em que se inscreve numa rede de sentidos, trazendo elementos de uma formação discursiva, a imagem, como objeto simbólico, pode produzir sentidos outros, provocando deslocamentos.

É neste sentido que buscamos compreender os vários funcionamentos imagéticos utilizados pelos Pasquins, analisando a constituição de uma discursividade de resistência na produção de efeitos de contestação e regulação.

2.2 - O Pasquim nos anos setenta

As capas do Pasquim 70, podem ter ou não uma relação direta com o editorial (como é o caso do n. 150 e 156 que analisamos no capítulo sobre editoriais). De

⁷ Mais la dérision n'est pas réductible au rire, au bon mot. Le terme dérision signifie dans les dictionnaires: moriqueri mèprisant et dedaigneuse. Le terme dérisoire signifie: qui est dit ou fait par dèrision, et donc par analogie, ce qui est insignifiant, négligeable, ridicule, vain. Tourner en ridicule, mèpriser, souligner l'insignifiance, tels sont les traits associés à la dérision, et qui permettent de la distinguer des notions de rire ou du comique (termes généraux) ou d'humour (aux intentions déstabilisatrices beaucoup moins affirmé). La dérision porte en elle une dimension de contestation, de remise en cause de l'ordre établi ou des principes largement acceptés dans une société ou dans un groupe. (p.10)

modo geral, elas funcionam de modo a interpelar seu leitor a interpretar sua condição de existência. Tende, pois, a utilizar procedimentos de inscrição das condições de produção censuradas em seu discurso. Esse modo de inscrever as condições de produção, juntamente com a busca de fazer significar o político e os acontecimentos numa situação de interdição, caracterizam os processos discursivos pasquinianos numa formação discursiva de resistência.

2.3 A ilustração

Iniciamos essa análise pela capa de n. 157(4 a 10/07/72), penúltimo ano do chamado milagre econômico(1968-1973) e também ano de comemoração da Independência do Brasil. O jornal já havia escrito o n. 150 em comemoração à independência do Brasil e também o 156 em comemoração aos três anos de Pasquim. Este último é o que antecede a capa agora analisada.

Esta publicação(n.157) é a que corresponde exatamente à semana do aniversário de 7 de setembro e, ao contrário das outras capas que nomeiam as comemorações⁸, este número nem mesmo menciona a data. O apagamento da data dá lugar a uma formulação ousada, composta por diversos pixels, cuja forma é de uma bunda de mulher. Acima da ilustração, na frase-lema abaixo do nome do jornal, uma citação de St. Exupéry; “O essencial é invisível aos olhos”.

A resistência é produzida em relação ao moralismo, através da audácia de representar o apelo sexual do corpo feminino numa capa. É a sexualidade da mulher brasileira juntamente com a preferência masculina pelas nádegas femininas no Brasil que está sendo representada. Neste caso, trata-se de exaltar especificamente traços da sexualidade presente na cultura carioca, já que é no Rio de Janeiro, região com clima quente, com praias e famoso carnaval, que o jornal é produzido.

O discurso pseudo-filosófico de Saint Exupéry, na frase-lema, produz um efeito de ironia diante da nudez da capa. O essencial que é invisível ao olhos pode ser interpretado como a

⁸ A análise das edições n.150 e n.156 estão no capítulo 3.

RECOMENDADO PARA
MAIORES DE 16 ANOS

PASQUIM

N.º 157 - Cr\$ 1,50 - "O essencial é invisível aos olhos" (St. Exupéry)



própria parte frontal da mulher que não aparece, ou ainda, como sendo o tão apreciado bumbum nacional que, na verdade, está exposto.

Assim, de maneira bastante ousada e escrachada, são produzidos efeitos de contestação em relação ao moralismo na sociedade, assim como uma crítica à própria comemoração da data de “Independência” do país.

Há ainda capas neste ano nas quais as condições de produção estão inscritas diferentemente. As dificuldades impostas pela censura prévia não abrangem somente a produção da edição do jornal, mas dificuldades financeiras. Como o jornal adquire importância aos olhos da censura, as dificuldades passam também a ser enfrentadas com anunciantes, distribuidoras, jornaleiros e até leitores.

É essa relação de dependência/ independência que é tematizada no número 161. Tema que suscita o contraste entre grande imprensa e pequena imprensa. Essa rede temática, rede de sentidos, mostra um outro viés da posição da imprensa alternativa que se quer um “modelo ético-político” que ultrapassa a resistência à ditadura para se contrapor ao sistema dominante como uma contra-hegemonia⁹ ideológica. A imprensa alternativa é também alternativa no sentido de se constituir como uma organização não mercantil, sem fins lucrativos, um espírito anti-capitalista, trata-se da criação de um espaço público alternativo. Diversamente, após o golpe de 64, a grande imprensa regride a relações puramente mercantis. Sem condições de atingir um equilíbrio financeiro, o processo de acumulação dos jornais diários da empresa jornalística estabelece uma relação direta com o Estado mediante subsídios, empréstimos favorecidos, verbas publicitárias e isenções fiscais, em prol de uma convivência com o governo e conseqüentes restrições editoriais.

Ocupando a totalidade da página, uma mão masculina fechada (há pêlos nos dedos), em forma de punho cerrado, numa metonímia de um gesto de impaciência, inaceitação ou imposição. O punho esmaga o Sig, na representação de toda força com que a mão é imposta. O balão que sai da boca de Sig, afobado, diz: “O Pasquim um jornal que vai ou ra...”.

⁹ Kucinski(2003:21) fala sobre o papel da imprensa alternativa dos anos 70 como sucessora da imprensa panfletária e da imprensa anarquista como um espaço público contra-hegemônico, o qual “traça a demarcação entre a imprensa convencional e imprensa alternativa no Brasil pelos seus papéis opostos de agregadores ou desagregadores da sociedade civil.”

RECOMENDAVEL PARA
MAIORES DE 16 ANOS

PASQUIM

Nº 161 - Cr\$1,50 - Um jornal que sempre foi independente, não era?



O
PASQUIM
UM
JORNAL
QUE OU
VAI OU
RA...



Sig, abreviação de Sigmund, é um personagem importante do jornal¹⁰. É um rato (um rato que ruge) criado por Jaguar que se torna símbolo do jornal. Portanto, como é sobre o símbolo do jornal que o punho se verte, a figura sugere a ação esmagadora e opressiva da censura exercida sobre os jornalistas. O enunciado emitido por Sig, insere-se dentro da paráfrase discursiva de “O Pasquim um jornal que vai ou racha”, que corresponde à posição afrontadora e resistente do jornal.

Neste número, a frase-lema somada à imagem direciona o percurso de sentidos que inscreve o enunciado numa rede parafrástica em que elementos de saber desse discurso de resistência funcionam lingüisticamente como marcadores de uma posição, de uma identidade discursiva: “Um jornal que sempre foi independente”. No entanto, a pergunta retórica ao final da frase funciona como glosa meta-enunciativa, a qual se volta como um questionamento de seu próprio discurso, num movimento de questionar a obviedade do sentido “ não era?”.

Esta glosa meta-enunciativa colocada pelo enunciador como um questionamento do não-um de seu dizer funciona na polissemia. Da mesma maneira que a capa n. 157 trabalha no equívoco suscitando a interpretação. Através do equívoco, o questionamento com o verbo de ligação no tempo pretérito “era” remete ao passado, confirmando a independência do jornal num tempo anterior, no entanto, não a assegurando até um tempo presente. Uma auto-crítica.

2.4 O fotográfico

A capa do n.162(8 a 14/08/72) e do 163, produzidas no mesmo ano que as anteriores, inscrevem estas condições diferentemente, é por meio do recurso do fotográfico que as imagens são elaboradas.

Na edição n.162, há um certo silenciamento produzido por meio do apagamento da frase-lema abaixo do nome do jornal, enunciado utilizado em todas as capas. E o foco é dado à imagem com a sobreposição do texto não-verbal. O enunciado é: “162(um número

¹⁰ É um personagem bastante recorrente nas capas podendo exclamar interjeições, falar do conteúdo do jornal ou emitir algum enunciado integrante da composição das capas.

RECOMENDÁVEL PARA
MAIORES DE 16 ANOS

IPASQUIM

162
(UM NÚMERO FEITO
NAS...)
Cr\$ 1,50

PAULO
CESAR:
PRETO
NO PRETO

RECOMENDAVEL PARA
MAIORES DE 16 ANOS

PASQUIM

N.º 163 — Cr\$ 1,50 — Um jornal que não se vende, a não ser aos seus leitores.



DEU ZEBRA!!!
OUTRO PASQUIM
NAS BANCAS!

feito nas...)", escrito sobre as coxas de uma mulher, a qual está sentada com as pernas cruzadas em evidência.

A capa é construída de maneira apelativa, posição insinuante, trazendo elementos do discurso erótico: a mão sobre as coxas enfatizando a sensualidade, a roupa curta e supostamente brilhante utilizada pela mulher. A crítica é construída por meio do efeito de sentido de irreverência que transita entre o lúdico e provocador, o riso e o escárnio. Ao mesmo tempo em que a nudez pode causar o riso(ar de gozação), é também uma formulação de zombaria em reação à censura. Uma maneira de atacar o discurso "moralista" da classe média.

Assim, procedimentos como o humor satírico são eficazes durante a censura pois ocupam um espaço de liberdade que ela não pode alcançar. Se, como diria Maurice Lever(apud Minois, 2003:594), "O poder não tem humor, senão não seria poder", a resistência tem humor e este torna-se um instrumento de luta possível, e conseqüentemente, um instrumento de poder. Neste sentido é que Pêcheux(2002:53) ressalta a importância do humor dentro da perspectiva discursiva, diferenciando-a da estruturalista, por esta última não ter discernido "em quem o humor e o traço poético não são o domínio do pensamento", e os define como pertencentes " aos meios fundamentais de que dispõe a inteligência política e teórica".

A capa do n. 163, apresenta uma nudez maior. Desta vez é a parte superior do corpo feminino que está sendo evidenciada. De costas, braços para trás, unidos no alcance das mãos, o que supõe estarem atadas, embora não revele. Os raios de luz do lado direito em alinhamento diagonal sinaliza que o corpo está recostado sobre alguma parede. O lado esquerdo mais evidenciado pela inclinação do corpo expõe os seios e as nádegas. Sobre o corpo, feixes de luz que remetem ao adentrar de raios num espaço escuro por meio de uma janela gradeada, característica de janelas de prisões.

Essa nudez, ao contrário da audácia e exposição da capa anterior, produz efeito de sentido de aprisionamento e resignação. O aprisionamento do corpo frágil feminino(a nudez sugere fragilidade neste caso) funciona como denúncia da violação dos direitos humanos na ação censória.

No entanto, sobre a imagem, na parte inferior, na voz de Sig, lê-se: "Deu zebra!!! Outro Pasquim nas bancas". Neste enunciado, os sentidos deslizam para uma leitura outra:

à liberdade que o próprio jornal conquista para si, conseguindo efetivar mais uma publicação ainda que tolhido pela censura.

A contraposição verbal e não verbal desta capa configura uma materialidade, cuja interpretação instaura o equívoco na compreensão da condição do jornal. Ao mesmo tempo em que há o aprisionamento, há o espaço para liberdade. Ambos funcionam juntamente e não de maneira opositiva. É o espaço do não-um do funcionamento do procedimento de derrisão do jornal em que a contestação ao discurso censório e a regulação do funcionamento deste funcionam juntos.

Na frase-lema, a formulação: ‘Um jornal que não se vende, a não ser aos seus leitores’. São também elementos de uma memória discursiva de independência/dependência da imprensa que está sendo recuperada. A primeira parte da frase, uma proposição assertiva, funciona como uma auto-afirmação de sua posição ainda que “consciente” dos riscos da censura.

2.5 A caricatura

Fonseca(1999:17) define a caricatura como a *representação de uma pessoa, tipo ação ou idéia interpretada voluntariamente de forma distorcida sob seu aspecto ridículo ao grotesco*. No Pasquim, dadas as condições de produção de interdição, a caricatura funciona na referência aos assuntos internacionais na busca de fazer significar as condições internas do país. Como assevera Braga(1991:52):

Na ausência da fala livre, mas procurando exprimir-se, ocupar o mais possível do pouco espaço, o *Pasquim* foi desenvolvendo o perfil deste período. Um dos recursos foi o de explorar ao máximo o fato internacional. Seja diretamente pelo seu valor informativo, que contrastava com o esvaziamento, a mesmice do fato político nacional. Seja indiretamente, deixando no ar - e à agudeza do leitor - referências entre o que acontece no mundo e o que vai pelo Brasil.

Na capa 168 (19 a 25/09/72), é construída uma caricatura de Hitler. Acontecimentos externos e internos perpassam a construção desta capa. Neste mesmo mês de setembro, na semana anterior a esta edição do Pasquim, o seqüestro e assassinato de

atletas israelenses em Munique, conhecido como o Massacre de Munique; e internamente, a guerrilha do Araguaia iniciada em abril de 1972.

Os atletas foram seqüestrados no dia 5 de setembro. Foram feitos reféns pelo grupo palestino denominado Setembro Negro. O governo alemão se recusou a aceitar a proposta do governo israelita de enviar sua equipe de operações especiais. A tentativa de liberação dos reféns levou à morte de todos os atletas. Tal fracasso tornou-se bastante embaraçoso para os alemães. Há outras referências à guerra internamente no jornal. Entre estas, a página sete escrita por Claudius em forma quadrinhos, na qual estabelece uma relação dos recordes olímpicos com os aqui conseguidos no Brasil. Referência irônica à condição social precária da população.

A guerrilha do Araguaia iniciou em abril de 1972 e terminou em meados de 1974. É importante lembrar que acontecimentos internos eram proibidos de serem comentados pela imprensa. É a fase mais dura da ditadura militar brasileira, o auge da repressão. O governo Médici mobiliza mais de 2.000 homens do exército que tomam a região do baixo Araguaia, na qual Marabá e Xambioá são tomadas como cidades quartéis, para abafar o movimento de resistência iniciado na região por militantes do Partido Comunista do Brasil. A ação militar afetou não só os militantes, mas também a população local. Foi a luta de resistência de maior duração durante a ditadura militar.

Na composição da capa, abaixo do nome do jornal, há o lema: “O importante não é vencer. É sair vivo”. Nesta formulação há a reatualização e o deslocamento do ideal olímpico que diz “o importante não é vencer, é participar”. Dito pela primeira vez em 1908 pelo bispo da Pensilvânia, durante um sermão aos atletas que disputariam as Olimpíadas de Londres. No deslizamento de sentidos dessa máxima para o “É sair vivo” é que residem os sentidos de resistência. É este deslizamento que coloca o outro na jogada, um deslocamento que é não só linguístico, mas também discursivo. As fronteiras entre o um e o outro são muito tênues. “Sair vivo” é o discurso do outro, o discurso interdito que alude às várias repressões vividas neste momento: à repressão da guerra de resistência do Araguaia, à repressão da censura política que pode prender, torturar ou matar presos políticos.

Tal enunciação traz a memória de jogos olímpicos que é reafirmada com a imagem de Hitler sobre um “pódio”. A caricatura de Hitler funciona aqui como um pré-construído(o

RECOMENDÁVEL PARA
MAIORES DE 16 ANOS

PASQUIM

ANO IV - Nº 168-III - Cr\$ 1,50 O IMPORTANTE NÃO É VENCER. É SAIR VIVO.



já-la, o já sabido). Um ditador responsável por ter cometido um genocídio contra os judeus. Morte, massacre, violência, estado de guerra. Com ele, traz-se para a superfície discursiva toda a significação social dessa figura em nossa história. Hitler, nascido na atual Áustria, foi Führer(cargo que equivale ao acúmulo das funções de Presidente e Chanceler) da Alemanha de 1933 a 1945. Tal referência pode sugerir uma crítica ao presidente da Alemanha diante do assassinato dos atletas israelenses.

Como se não bastasse sua caricatura, na imagem ele está sobre um pódio cujo formato representa o de um túmulo. Há perfurações sobre este que remetem a tiros, dadas as condições de guerra. As posições do segundo e terceiro colocados no “pódio” estão ocupadas por crucifixos. É possível associar os túmulos externamente aos atletas assassinados e, internamente, aos brasileiros aqui aniquilados pela violência do sistema ditatorial. Violência que faz calar verbalmente e fisicamente por meio dos órgãos repressores do AI-5.

Sendo que o efeito de memória é dado no ponto de encontro de uma memória com uma atualidade, a figura de Hitler se entrecruza com a de Médici. A figura de poder e opressão do presidente ditador é satirizada por meio da figura de Hitler já que não é possível uma referência direta.

A caricatura materializa uma das características da derrisão: “uma forma socialmente aceita de exprimir sua agressividade avessa ao outro”. O potencial de violência do riso reside no fato de este ser uma válvula de agressividade. Uma via para expressar a frustração, o recalçado ou negado. Diante da interdição imposta à imprensa, o grotesco, o sórdido representado na caricatura funcionam como uma violência simbólica em represália à violência sofrida na ditadura.(cf. Mercier, 2001)

O humor apresenta essa capacidade de jogar, essa capacidade de contestar sem que a vítima tenha uma reação, já que se a vítima não rir, ela é acusada de não ter senso de humor (op. cit).

Com isso, a derrisão produz aqui também seus efeitos ambíguos. Uma vez que a contestação é realizada de uma maneira julgada tolerada, há uma regulação no reconhecimento das regras do jogo.

2.6 A Paródia

Um outro funcionamento imagético nos Pasquins, em ambas publicações, para produção de sentidos de resistência é através da desconstrução da paródia. Diferente da derrisão que é um procedimento que consiste em diferentes modos de provocar o riso, usar o humor para provocar um impacto social, político ou cultural; a paródia, segundo Hutcheon(1985: 17) é uma forma de discurso que se *caracteriza por uma inversão irônica, nem sempre às custas do texto parodiado*; ou , noutra formulação da autora “*repetição com distância crítica em vez de semelhança*”.

Ou seja, diferente da derrisão, na paródia há um texto anterior do qual se parte; é a própria temática da representação/interpretação que ela suscita. No caso dos Pasquins, tal questionamento é bastante pertinente para a análise. Tanto porque é um lugar de enunciação midiática em que se busca representar os fatos de maneira diferente da grande imprensa. Ou ainda porque por meio da nuance artística da paródia é possível focalizar duas diferentes maneiras de representação e produção de efeitos de sentido quando se compara as duas publicações do Pasquim (OPasquim e OPasquim21) em condições de produção diferentes.

A heterogeneidade constitutiva que é comum a qualquer texto aparece explicitamente por meio do procedimento parodístico. O “outro” das redes intertextuais e interdiscursivas que participam do processo discursivo é diretamente identificado no movimento da construção dos sentidos.

Esta análise abarca duas edições dos jornais nos dois momentos das publicações: a edição n.223 do OPasquim e a edição n.76 do OPasquim21. As duas capas fazem uma paródia da obra de Leonardo da Vinci: Mona Lisa.

Quanto ao quadro parodiado de Leonardo, algumas observações: Gioconda é uma das mais conhecidas obras do artista italiano, nascido em 1452, um dos mais importantes pintores do Renascimento Cultural. A expressão ambígua de Gioconda é o que há de mais rico na obra, caracterizada como enigmática, podendo representar várias emoções. O sorriso intrigante, conhecido como “o sorriso que desvanece”, pode oscilar entre a dubiedade da alegria e a tristeza. Uma obra instigante devido a produção de vários efeitos.

RECOMENDÁVEL PARA
MAIORES DE 16 ANOS

PASQUIM

Ano V — N.º 233 - LVIII — Rio, 9 a 15/10/73 — Cr\$ 2,00

O PASQUIM — Um jornal megalomaniaco, modestia à parte.



Jaguar — De quem você gostou
mais lá no Louvre?
ROGÉRIA — Foi a Mona Lisa.
Genial!
Zirado — Você ficou muito
emocionada de ver a Mona Lisa?
ROGÉRIA — Porque eu tenho a
impressão de que é um travesti.

ROGÉRIA

CRIAÇÃO E MONTAGEM: CAULOS · FOTO: NELSON VIDAL · MONA LISA: LEONARDO DA VINCI

OPasquim – n.223 (9 a 15/10/73)

Na primeira publicação, o procedimento é utilizado para referenciar o conteúdo interno do jornal. O número traz uma entrevista com Rogéria(Astolfo Pinto), um ator-transformista que se tornou muito conhecido no Brasil e no exterior. Em sua entrevista, conta seu sucesso na Europa, em especial na França.

Na capa, conservam-se as roupas de Gioconda, os cabelos, a posição da mãos, o fundo paisagístico, e a desconstrução é operada justamente na expressão facial da mulher. O rosto é reconstruído, transfigurado no perfil facial de Rogéria, produzindo um efeito de “travestização”. Os olhos abertos, o nariz mais arredondado e o sorriso carnudo de Roberta. Eis o travesti no corpo da respeitada dama, respeitada obra de arte. O nome “ROGÉRIA” em letras maiúsculas também participa do processo de reformulação dando continuidade ao deslocamento facial. Considerando que o processo de designação nominal produz um efeito de instituir a coisa, a colocação do nome próprio institui Rogéria (bem lembrado, ator transformista) legitima o deslocamento.

Próximo da boca de Rogéria, um balão recorta um trecho da entrevista em que Rogéria diz acreditar que Mona Lisa é um travesti:

“Jaguar – De quem você gostou lá no Louvre?

ROGÉRIA – Foi a Mona Lisa. Genial!

Ziraldo – Você ficou muito emocionada de ver a Mona Lisa?

ROGÉRIA – Porque eu tenho a impressão de que é um travesti.”

A resposta dada por Rogéria a respeito da impressão de Mona Lisa ser um travesti fundamenta o procedimento paródico da capa e contribui para produzir um efeito ainda maior de contestação e choque.

Na frase-lema do jornal: “O PASQUIM: um jornal megalomaniaco, modéstia à parte”. O enunciado correlaciona a ousadia da capa com a ousadia do próprio jornal. Legitima sua posição frente à grande imprensa, reforçando sua “louca mania de grande”, sua “superioridade” aos demais.

São dois os alvos de contestação desta capa: a sociedade moralista, na busca de chocá-la por meio da colocação de um travesti, através da paródia da obra renascentista de

DI PASQUINI

**NÚMERO
SETENTA
E SEIS**

UMA REVISTA SEMANAL
33ª SEMANA DE 2003 (AGOSTO)

R\$ 3,4725



FINALMENTE, HABEMUS MUSA

LETÍCIA SABATELLA

Antes que
alguém aventureiro
lance mão!

PÁGS. 3, 29 E 32

EXCLUSIVO

ESTÃO INVENTANDO
O TERROR
NAS CATARATAS

Rogério Bonato

PAG. 22

**FAUSTO
WOLFF**

AGORA É QUE VAI
COMEÇAR A
VERDADEIRA
NOVELA DA GLOBO

PAG. 24

DO CACETE:

AS NOVAS SECRETARIAS
ELETRÔNICAS DO

SILVIO LACH

PAG. 10

E AS NOVAS GAFES

ALDIR BLANC

PAG. 4

ENTREVISTÃO

ZECA DO PT

O GOVERNADOR QUE PESCA
COM O PRESIDENTE

PAG. 13



QUINHO

Leonardo da Vinci de grande importância na história da arte, a Mona Lisa; e a grande imprensa, menos audaciosa, menos corajosa, conivente com o governo e a alienação de parte da sociedade.

OPasquim21 – n.76(18/08/2003)

No Pasquim21, como já dissemos, há uma paródia da mesma obra renascentista. A repetição do mesmo procedimento paródico e da mesma obra produz um efeito de continuidade, na medida em que legitima este como um procedimento discursivo possível nesta formação discursiva jornalística. No entanto, o retorno também estabelece rupturas demarcando diferenças na constituição desta.

Diferente da capa de Rogéria, o Pasquim21 utiliza a paródia para comemorar a nomeação de uma musa do jornal, Letícia Sabatella. O procedimento paródico legitimado pela repetição com diferença. Do texto original de Mona Lisa mantém-se o fundo paisagístico, a inclinação do corpo para a direita, a sobreposição das mãos, a roupa, o comprimento dos cabelos.

No entanto, no distanciamento em relação à obra de Mona Lisa é o recurso da caricatura que se entrecruza com o da paródia. Letícia tem seus traços do rosto e cabelo caricaturizados. Bochechas grandes, olhos grandes, o formato do rosto quadrado é enfatizado. O sorriso desvanecente de Mona Lisa é substituído pelo sorriso aberto, com dentes de Letícia à mostra. A caricatura produz um efeito de enaltecimento, não de contestação social.

Acima da imagem de Letícia, há o enunciado: “finalmente, habemus musa: LETÍCIA SABATELLA”. Tal enunciado é uma paráfrase discursiva do enunciado “Habemus Papum”, o qual intitula o texto lido por um cardeal na ocasião da eleição de um novo papa. Desse modo, “habemus musa” produz também um efeito de sentido de enaltecimento da musa apresentada. Tal efeito de exaltação é reafirmado na formulação localizada abaixo de seu nome “Antes que algum aventureiro lance mão!”, a qual sugere uma situação zelo de um cavalheiro com sua dama.

Contudo, pode-se tecer algumas considerações a respeito das duas edições apresentadas:

O exagero da pintura de Letícia (cores fortes, caricatura) implica uma grande reformulação de Mona Lisa que se contrapõe à estilização de Rogéria em relação à Mona Lisa. Os traços fortes atribuídos à Letícia Sabatella, numa mescla entre a obra de arte e a musa escolhida, não existe exatamente o conceito de ridículo nesse funcionamento paródico. Mais do que parodiar Mona Lisa, o jornal está caricaturando sua musa, elevando-a à obra de arte.

No entanto, é Rogéria, com sua temática mais ofensiva que produz um efeito mais ofensivo, um efeito de crítica em relação aos preconceitos da sociedade moralista, por meio da questão do homossexualismo, indicando uma posição discursiva mais agressiva do jornal como discurso de resistência. O funcionamento da paródia estaria muito mais próximo do conceito de paródia que entende que a repetição tende a opôr-se ao texto primeiro com a intenção de zombar dele, ridicularizá-lo.

Dado que o funcionamento da paródia (Hutcheon, 1985:48) reside na repetição com diferença, ou seja, na transcontextualização, o distanciamento operado de maneira distinta em cada uma das capas, produz efeitos discursivos distintos, no primeiro, uma inversão depreciativa, no segundo, uma inversão bem humorada, as quais assinalam diferenças entre as posições discursivas da formação discursiva do Pasquim em diferentes condições de produção. Lembrando que é somente no Pasquim²¹ que o jornal elege uma musa.

No entanto, a estratégia da paródia comum a ambas publicações caracterizam posições na imprensa em que se pode ousar as liberdades de produção de sentidos que a paródia permite. A imitação com um distanciamento irônico faz da paródia um meio de *exorcizar fantasmas pessoais*, um meio de liberdade na imitação (Hutcheon, 2001:51). Importante não só em fazer da paródia uma prática discursiva, mas também pelo novo que ela produz. Fazer da capa de uma revista ou jornal a paródia de uma obra de arte, implica assinalar uma posição discursiva alternativa no espaço midiático.

2.7 - As capas d'O Pasquim 21

No Pasquim²¹, nas capas, as formulações imagéticas partem de uma ordem discursiva em que a liberdade de expressão inerente às condições de produção democráticas

permitem que seu referente de oposição, suas críticas, sejam mais explícitas. Neste sentido, é possível que o político seja abordado de maneira mais direta.

A mesma posição dos editoriais, a qual oscila na contradição entre uma continuação do Pasquim dos anos setenta e uma ruptura, o partidarismo do jornal e o apartidarismo, repete-se nas capas de modo que o funcionamento da derrisão nas ilustrações das capas produza efeitos de contestação à guerra e regulação do governo brasileiro petista.

Nos acontecimentos nacionais e internacionais abordados pelo jornal neste momento, a figura do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e os componentes de seu governo é recorrente, assim como o assunto da guerra contra o Iraque e a figura do presidente americano George W. Bush, que se encontra à frente da questão desta guerra. Todos eles são caricaturados nas capas.

Analisaremos capas que perpassam estas duas temáticas: a guerra e o presidente Lula.

2.8 A guerra

Inicialmente fundamentada em razão do Iraque ter em seu poder armas de destruição em massa e, por isso, representar um perigo para a humanidade, é travada a guerra entre Estados Unidos e Iraque, culminando na destituição de Saddam Hussein do poder e a ocupação americana do território iraquiano. Tal guerra é noticiada pelo jornal desde seus primórdios até o fim da produção do jornal, a qual se encerra antes que a guerra termine.

O número que anuncia a guerra é o 55 (25/03/2003). A capa é composta por um enunciado escrito em letras grandes em toda a parte superior da página, que é colocado sobre uma mancha vermelha que representa uma mancha de sangue. O enunciado é ousado: **PQP! Não é que o demente do Bush fez A GUERRA!**. A maneira audaciosa do semanário de construir seu enunciado demarca uma posição de oposição irreverente na imprensa brasileira. Por mais que discursos de oposição à guerra circulassem na mídia, a interjeição: puta que pariu! E o xingamento ao Bush na formulação do adjetivo “demente”

OPASQUIM

NÚMERO
CINQUENTA
E CINCO

12ª SEMANA DE 2003 (MARÇO)

Rs 3,49



POQP!

NÃO É QUE O DEMENTE DO BUSH FEZ

A GUERRA?!

COMO A GUERRA É PELO PETRÓLEO, TODOS OS HOMENS A SEUS POSTOS! **SILVIO LACH** PÁG. 11

ENTREVISTA

**FREI DAVID
RAIMUNDO**

"O racismo não é um problema do negro, é um problema nacional!" PÁG. 13

JEBÃO
NÃO ESTÁ NEM AÍ,
NEM QUER SABER
QUEM MORREU PÁG. 18

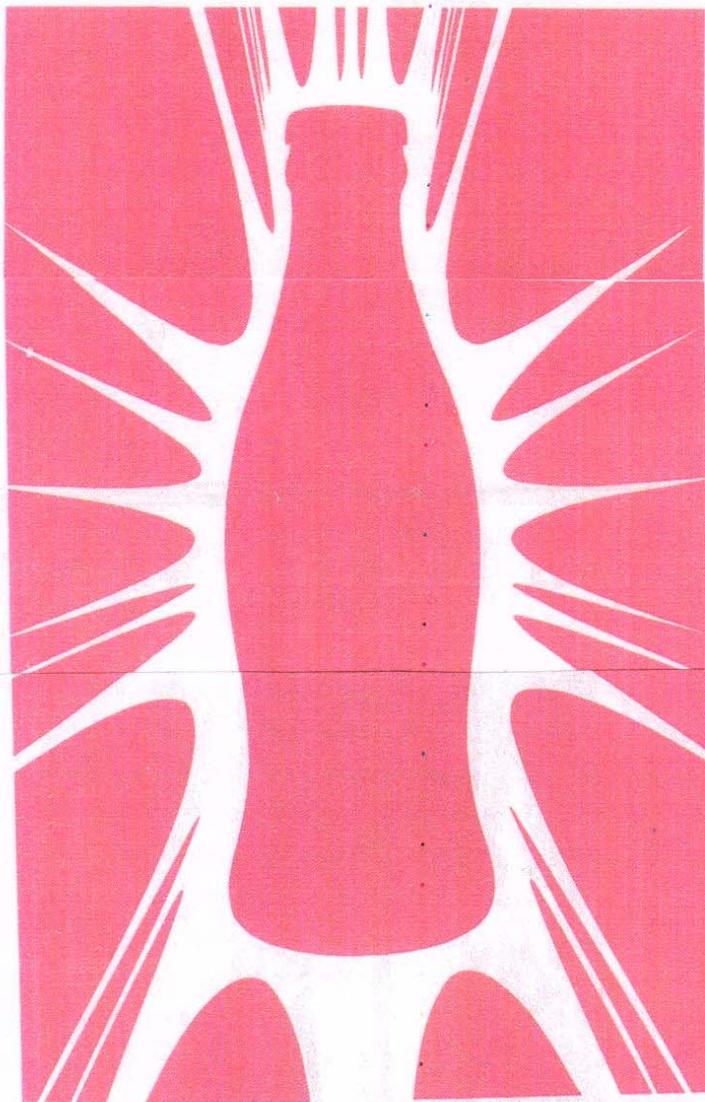
ÁGUA:
CARLOS TAUTZ
ENTREVISTA
PATRICK MCCULY PÁG. 8

Sérgio Augusto, Newton Carlos, Emir Sader, Nani, Sérgio Rodrigues, Fritz Utzeri, Fausto Wolff e um monte de carunistas guerreiros:
NOSSOS HOMENS PRA LÁ E PRÁ CÁ DE BAGDA



NÓS, OS DETENTORES DOS VALORES ÉTICOS, MORAIS E ECONÔMICOS DO OCIDENTE,

VENCEMOS!!!



PÁG. 9

...E FOI SANGUE PRA TODO LADO!

A GUERRA DAQUI, CONTINUAMOS PERDENDO

ENTREVISTA

MARCELO ITAGIBA

PÁG. 13

HOMEM-FORTE DA POLÍCIA FEDERAL NO RIO

MIRO NA MIRA DAS TELES

PÁG. 21

MILTON TEMER BUSH: A AMAZÔNIA NA FILA DE ESPERA

PÁG. 11

demarca não só a oposição à guerra, como também a diferenciação de outros jornais impressos.

O número 58 do semanário (15/04/2003) também perpassa a temática da guerra. Tal capa traz a imagem de uma garrafa de coca cola num fundo retangular vermelho, cujo contorno é definido por raios brancos, produzindo um efeito de destaque à imagem da garrafa. A imagem da garrafa figurativiza os Estados Unidos, devido ao alcance mundial da produção e consumo da coca-cola.

A cor vermelha é um importante elemento na produção de efeito de sentidos nesta capa, pois além de ser a cor da coca-cola, na sociedade ocidental, pode tanto estar associada ao sentido da paixão, do amor, ou ao sangue, referência à dor e a guerra. O enunciado ao lado da imagem: “e foi sangue pra todo lado!” direciona esses sentidos para elementos de uma memória discursiva de sangue, guerra e sofrimento. Há, pois, o funcionamento ambíguo da derrisão nesta capa também, a cor vermelha produz um efeito de crítica, mas também um enaltecimento do Estados Unidos; portanto, regulação.

A posição de oposição à guerra é construída sobretudo pela construção irônica que denota sobreposição de força e poder do ocidente em relação ao oriente, textualizada na nominalização “os detentores” no enunciado acima da ilustração: **“Nós, os detentores dos valores éticos, morais e econômicos do ocidente, VENCEMOS!!!”**. Na equivocidade do pronome pessoal “nós” , que produz um efeito de inclusão a nós leitores brasileiros, demarca a posição de oposição do jornal de maneira mais ampla. Não se trata de opôr-se a uma atitude distante, de um outro país, um outro presidente, ou um acontecimento internacional, mas sim, de opôr-se a valores ocidentais, os quais se estendem a nós brasileiros.

O mesmo procedimento da paródia utilizado na capa 66, com a nomeação da musa do semanário, é também utilizado na capa do n.112 (22/05/2004). É construída uma paródia da obra “Lição de Anatomia do Doutor Nicolaes” de Rembrandt, um pintor holandês do século XVII, pós-renascentista, que pertenceu ao Barroco. Como o nome sugere, a pintura retrata uma aula de anatomia na qual professor Nicolaes Tulp e seus sete alunos assistem à demonstração de dissecação do antebraço. Na pintura, o professor mostra o músculo para os alunos com a mão direita e, com a mão esquerda, mostra a ação dos mesmos. O corpo que está sendo dissecado é de um homem que havia sido condenado por

roubo. Naquela época, os corpos de criminosos executados eram doados para anatomia. A cor em tons pastéis e o sombreamento produzem um efeito de realidade à pintura. O cadáver é enfatizado por sua posição central, assim como pela brancura de sua imagem, em contraposição às roupas escuras dos demais personagens.



Lição de Anatomia do Doutor Tulp – Rembrandt

Na imagem da capa do Pasquim21, os personagens são substituídos por Bush, no lugar do Dr. Tulp, e os sete estudantes são substituídos pelos cinco aliados de Bush, os quais, da esquerda à direita são: Tony Blair, primeiro ministro britânico, Donald Rumsfeld, secretário de defesa dos Estados Unidos, responsável pelas forças armadas e decisões militares dos Estados Unidos, Condoleeza Rice, secretária de Estado, abaixo dela, Ariel Sharon, primeiro-ministro de Israel e, acima da secretária, Dick Cheney, o vice-presidente dos EUA.

O efeito de realismo do quadro de Rembrandt é substituído pelo efeito de exagero, grotesco na capa do Pasquim21. Tal efeito é produzido pela proximidade do foco nesta imagem, em oposição à distancia do quadro, a substituição das cores pastéis por tons intensos dos personagens, e o aspecto amarelado do corpo a ser dissecado. No Pasquim21, um o cadáver está caracterizado como um iraquiano. Seu corpo possui hematomas, seus olhos estão abertos e ao invés do antebraço é sua barriga que está sendo suturada. O estereótipo de um iraquiano qualquer simboliza o infortúnio do povo iraquiano diante dos protagonistas da guerra.



DEUS QUE NOS PERDOE, MAS DE MARKETING O INFERNO ENTENDE MESMO! OLHA SÓ

O STAFF DO CAPETA



QUE TIPO
DE BICHO
SÃO ELES?
PÁG. 27-28,
29, 30 e 31
(Não recomendadas
aos leitores de retina
ou estômago
rômulo)

PÁG. 13 - ENTREVISTA

JULIO BRESSANE "CINEMA EM MIM É UM DISTÚRPIO"

**ZIRALDO
MARCIA
FRAZÃO
L.F. VICTOR**

TRES OLHARES SOBRE
UM MESMO HORROR

PÁG. 5, 27, 28, 29, 30 e 31



**J. SAUTCHUK
JANIO
DE FREITAS
E ZÉLIO**

TRES LEITURAS SOBRE
UM MESMO TEXTO

PÁG. 3 e 23

**NEWTON
CARLOS**
E A GESTAPO DE
WASHINGTON

PÁG. 5

ALDIR BLANC
INVENTA A REPARTIÇÃO
E CONTA O QUE VEM A SER
BRAAAP

PÁG. 26

**MAURO
SANTAYANA**
E O CHOQUE DAS
CIVILIZAÇÕES

PÁG. 21

ALÉM DISSO, NOSSOS CARTUNISTAS, INFERNAIS, NÃO POUPAM NINGUÉM!

A imagem está intitulada em letras maiúsculas e brancas, dando-lhe destaque: O STAFF DO CAPETA. A nomeação funciona como um acréscimo à crítica já produzida. Os personagens da guerra são “endemonizados” pelo aspecto sombrio da ilustração e pelo funcionamento da nomeação que os institui como membros do “capeta”. Há ainda um funcionamento da ironia no enunciado que anuncia esta imagem: “Deus que nos perdoe, mas de marketing o inferno entende mesmo! Olha só”.

Esse efeito de endemonização ou animalização do grupo à frente da guerra é ainda produzido pelo enunciado ao lado direito da página “Que bicho são eles?”. Os números das páginas, que aparecem em cor vermelha, remetem às páginas em que se fala da violência de soldados americanos contra prisioneiros de guerra no Iraque. Há inclusive fotos que relatam as torturas na prisão iraquiana de Abu Ghraib (mulheres sendo estupradas, fazendo sexo oral em soldados, soldados com cachorros diante de prisioneiros nus). Por isso, o efeito irônico do aviso dado ao leitor: “Não recomendadas aos leitores de retina ou estômago sensíveis”.

Contudo, o procedimento discursivo da paródia funciona de modo a produzir um efeito de oposição à guerra, portanto, de contestação à posição americana. No entanto, como o procedimento irônico e paródico é tolerado em nossa sociedade ocidental, o próprio procedimento corrobora na aceitação de uma visão maniqueísta, há o lugar para o bem e para o mal. São efeitos de regulação que estão sendo produzidos juntos com a contestação por meio da perpetuação de valores e posições vigentes.

2.9 O presidente Lula

Várias são as capas dedicadas aos assuntos que dizem respeito ao presidente Lula. Mas é a capa do n. 84(17/10/2003) que foca a relação do presidente com o jornal.

A capa é construída por uma foto-montagem de Lula que, sentado em sua cadeira presidencial (a cadeira vermelha e a cor da parede remetem à sala presidencial), lê esse mesmo Pasquim²¹ que tem sua foto na capa. O enunciado acima da fotografia : “Infiltramos nosso representante no palácio presidencial para saber O QUE O LULA LÊ”

O funcionamento da fotografia, com a sobreposição do verbal, produz um efeito de veracidade dos fatos e dá legitimidade à idéia do presidente ser um leitor desse jornal. A representação do presidente leitor remete a uma posição-sujeito do jornal de identificação com a posição do presidente petista.

Diferente do recurso da fotografia analisada nas capas do Pasquim(nos anos 70) que possui o funcionamento ambíguo da materialidade pasquiniana, o não-um da posição de resistência, esta capa produz um efeito de homogeneidade, uma vez que se supõe que o jornal e o presidente ocupam a mesma posição discursiva. Desse modo, o funcionamento desta capa não é de contestação ou oposição e, sim, de regulação, uma identificação favorável ao governo petista que está no poder.

NÚMERO
OITENTA
E QUATRO

PASQUIM

RS 3,50

UMA REVISTA SEMANAL
41ª SEMANA DE 2003 (OUTUBRO)



INFILTRAMOS NOSSO REPRESENTANTE NO PALÁCIO PRESIDENCIAL PARA SABER

O QUE O LULA LÊ



ENTREVISTÃO: JORGE SAMEK O PRESIDENTE DA ITAIPU-BINACIONAL, CHEIO DE ENERGIA, GOSTA DO QUE FAZ E TEM TESAPO PELO BRASIL. **PÁG. 13**



FAUSTO WOLFF: NO BRASIL QUEM TRABALHA É ESCRAVO E QUEM NÃO TRABALHA É MISERÁVEL OU CORRUPTO

PÁG. 19

VINICIUS DE MORAES, UM POETINHA NOVENTÃO

PÁG. 4

SANTAYANA: BC CONTINUA A SER A CAIXA-PRETA QUE SERÁ ABERTA DEPOIS DA CATÁSTROFE

PÁG. 18

ZÉLIO E A MARGINALIDADE ORGANIZADA

PÁG. 9

MARCELO AULER: PROFESSOR PRIMÁRIO ESTÁ EM EXTINÇÃO, COMO O MICO-LEÃO-DOURADO

PÁG. 16

PETICOV MARCA A ARTE BRASILEIRA

PÁG. 24

MARCOS CAETANO PEGA O FLUMINENSE PRA CRISTO! OTA PEGA DON INÁFIO E VÊ DIRFEU DE JEITO!
E OS CARTUNS DO NANI PEGAM TODO MUNDO!

2. 10 - Considerações parciais

A análise das capas permite focar a relação do humor com a língua. Essa foi uma importante questão para Gadet&Pêcheux(2004) para compreender a relação do real da história com o real da língua. Orlandi, no pré-prefácio deste livro, realça a questão do *sério, do jogo, da piada* como forma de pensar a práxis discursiva tocando a materialidade da língua.

No Pasquim, nos anos setenta, a relação do humor com o real é de escapismo em relação à condição de cerceamento. Há uma censura centrada no logicismo da linguagem que se mantém vigilante e punitiva. O equívoco, falha da língua na história, está presente na materialidade verbal e não verbal das capas para fazer falar através do processo dialético da derrisão em que, numa materialidade mesma, produz efeitos de contestação e regulação. O humor fundamenta e possibilita uma posição de resistência devido aos deslizamentos inerentes à sua concepção.

Há uma importante diferença do predomínio do não-verbal sobre o verbal nos anos setenta. As imagens nas capas ocupam páginas inteiras, diferentes das imagens com dimensão de meia-página no Pasquim21. De modo que a composição das capas seja um importante fator para diferenciação da utilização do humor pelos dois jornais e, conseqüentemente, de suas posições discursivas. A imagem de página inteira com a sobreposição do texto verbal(enunciados sobrepostos às imagens ou a utilização de frases-lemas), aponta para um humor mais refinado, com uma preocupação maior na construção de um espaço público alternativo. Na medida em que as capas do Pasquim21, põem em evidência um humor mais “autorizado”, um humor no espaço público permitido.

No Pasquim21, a relação do humor com o real é a de fazer rir. Diferente da primeira publicação, não é preciso falar nas margens. O humor é mais uma via entre outras de se falar os acontecimentos. Uma voz que pode contestar a guerra, ou apoiar o presidente petista. Mas ainda assim é mais uma posição numa conjuntura “democrática” que não ecoa como antes.

A representação do real também é distinta nos dois momentos: na primeira publicação por intermédio de uma estilização por vezes produzindo um efeito humorístico.

Há a colocação de fotografias, ilustrações, uma paródia mais sutil quando comparada à caricaturização no Pasquim21, imagens que buscam produzir sentidos através da ironia e do implícito. Num segundo momento, no Pasquim21, as imagens das capas se caracterizam pelo exagero das cores e dos próprios procedimentos. Neste último, a fusão de paródia e caricatura (capa de Letícia Sabatella) há um grande distanciamento da texto primeiro, o qual produz como efeito o riso, algo mais voltado ao diversionismo. Neste caso, não há muito a ser interpretado pelo leitor, os sentidos estão postos, escancarados, por isso dizermos que é algo próximo do grotesco, da carnavalização.

Desta maneira, sublinha-se diferentes maneiras de lidar com o “exterior”, corroborando na ênfase do liame que une a formação discursiva às condições de produção. Ainda que se pretendendo irreverentes, ainda que dirigida por componentes em comum (como por exemplo, a presença do Ziraldo nas duas publicações), ou até mesmo com um discurso por vezes continuísta, as condições de produção determinam uma outra direção para “carnavalizar” o mundo.

Vale ressaltar que as imagens, num olhar discursivo, tem um importante papel nos semanários porque, enquanto simbólico, a imagem *pode conservar a força das relações sociais* (Pêcheux, 1999:27) e até mesmo operar como um *dispositivo que por natureza é durável no tempo* (ibidem, p.30).

“Seria do maior interesse reconstruir a história desse sistema diferencial dos gestos de leitura subjacentes, na construção do arquivo, no acesso a documentos e a maneira de apreendê-los, nas práticas silenciosas da leitura “espontânea” reconstituíveis a partir de seus efeitos de escritura”
(Pêcheux, 1994:57)

3- OS EDITORIAIS

3.1 - A construção dos sentidos de resistência: um trajeto de sentidos

Nos meios de comunicação da mídia impressa, o editorial é um gênero¹² que tem como função expressar a opinião dos diretores ou dos proprietários do jornal. Diferente das capas e das cartas de leitores, é um texto escrito pelo redator-chefe do jornal. Nos Pasquins, além de funcionar como um espaço de posicionamento diante dos acontecimentos em curso, os editoriais também produzem um efeito de auto-definição.

A auto-definição e a interpretação dos fatos fazem do editorial um importante lugar de análise para compreender os sentidos de resistência para cada conjuntura. Ademais, é nos editoriais, na primeira publicação do Pasquim, que o sentido de resistência é abordado pela temática da independência e da liberdade, um importante percurso temático para a circunstância.

As análises apresentadas residem na busca de compreender a diferença das práticas de textualização e dos modos de dizer que resultam de uma relação com a memória discursiva em cada conjuntura. Em especial, pelo fato de, na década de 70, não ser possível discutir diretamente as questões políticas do contexto e, na segunda publicação, a recorrente referência, nos editoriais, à sua existência anterior, OPasquim dos anos 70, para assentar uma posição no século XXI.

Buscamos acentuar o trajeto de sentidos que delinea o movimento do processo de significação dos Pasquins instaurado na formulação da resistência, no mesmo momento em que se produz um determinado sentido de resistência. Isso é possível devido ao

¹² Utilizamos a concepção de gênero discursivo considerando que os modos de utilização da língua estão relacionados com as esferas da atividade humana, tal como é entendido por Bakhtin(1992:279): “Estes três elementos(conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciado, sendo isso que denominamos *gêneros de discurso*.”

deslizamento de sentido inerente à própria concepção de discurso como estrutura e acontecimento em que *todo discurso marca a possibilidade de desestruturação-reestruturação das redes e trajetos*(Pêcheux: 2002:56).

Enquanto analista, consideramos que a leitura deste trajeto de sentidos se dá à *posteriori*, à medida que o arquivo não é tido como um simples documento. Diferente de uma realidade institucional ou da classificação arquivista dos historiadores, é possível analisar uma variedade de arquivos permitindo que se traga à tona uma variedade de *dispositivos e configurações* interessantes(Guilhaumou e Maldidier, 1994: 164).

Analisar as práticas de textualização de um discurso significa compreender como acontece a atualização da memória no intradiscurso, considerando o texto somente como uma unidade imaginária, enquanto manifestação concreta do discurso(Orlandi, 2001:12). A heterogeneidade discursiva é comum a qualquer texto, já que todo texto pauta-se num já dito, de maneira alusiva ou não. Como diz Orlandi(1996:31), *todo discurso é produzido a partir de um outro discurso de maneira que os sentidos são sempre referidos a outros sentidos e daí tiram sua identidade*.

Nos Pasquins, buscamos sublinhar de que maneira a posição de sujeito a partir de uma relação de polêmica e apagamento inscritas entre as formações discursivas no interdiscurso determinam um trajeto de sentidos em que se reaviva memórias, provocando reatualizações, deslocamentos, na colocação do discurso outro em cena, seja para negá-lo ou concordar com ele.

Propomos discutir a construção desses sentidos considerando a heterogeneidade do papel da memória na legibilidade destes textos editoriais, os quais podem ser verbais ou não verbais, e o necessário jogo com o já-dito devido à ação da censura.

3.2 Editoriais do PASQUIM (nos anos 70)

Na década de 70, nosso recorte contempla o ano de 1972, período em que os editoriais estão organizados de duas diferentes maneiras dadas as duas diferentes direções neste mesmo ano. No início de 1972, Sérgio Cabral deixa a presidência e Jaguar assume juntamente com Ziraldo e Henfil como vice-presidentes.

O hebdomedário passava por uma fase de reorganização desde a crise que iniciou com a saída do grupo da prisão¹³. Portanto, até o mês de setembro, a página editorial apresenta textos variados (ilustrações ou charges) assinados por toda a equipe: Millor, Henfil, Claudius, Caulus, Ivan Lessa, Miguel Paiva.

A partir do momento em que Millôr Fernandes assume (do número 166 ao 245 – setembro de 72 a março de 74) os editoriais são, em sua maioria, assinados pelo diretor. Ocupando a página três esse é primeiramente intitulado “Mais sete dias – E isso é isso”, nome que depois é resumido em “E isso é isso”.

No entanto, nas edições de n.231 a 238, os editoriais não são mais textos escritos por Millôr e, sim, diferentes ilustrações. Essa ruptura sinaliza para o momento em que a censura é transferida para Brasília.

A ANÁLISE

No ano de 1972 a chamada linha-dura está no poder: Médici é o presidente. Seu governo se caracteriza pelo clima do chamado “milagre” econômico, um sonho de Brasil potência. O Brasil está muito atraente para investimentos internacionais, é comparado ao Japão pelo seu crescimento. Planeja-se Itaipu, assim como outras obras caríssimas. A estatização da economia está em avanços.

A classe média é beneficiada por salários mais elevados em decorrência do aumento dos níveis de renda no país. A censura prévia impede que a imprensa comente a ação do governo.

É também o ano em que se comemora na mídia o sesquicentenário da independência do Brasil (7 de setembro de 1822 em que D. Pedro declara: Independência ou Morte). Em virtude dessa comemoração o Pasquim escreve também seu sesquicentenário no número 150 (16 a 22 de abril/ 1972).

É através do entrecruzamento de discursos então vigentes: sesquicentenário da independência do Brasil e o sesquicentenário do próprio jornal que o Pasquim constrói seu

¹³ Ver capítulo 1 p.11

editorial na voz de Dom Quixote e dos inconfidentes para estabelecer uma crítica à organização política estatal (establishment) ditatorial e à censura imposta por esta.

A temática da independência do Brasil está figurativizada na capa formada por vários Sigs que seguram placas numa contagem até 150 cujo agrupamento desenha o contorno do mapa do Brasil. Acima do mapa, a chamada destaca: “O PASQUIM SESQUICENTÃO”. A frase-lema que acompanha o logotipo do jornal é: “Temos sesquicentenário próprio”.

Na página três, aparece, pela primeira vez, na parte superior, ao lado esquerdo da página, o enunciado: **Editorial** – 150 semanas depois. O acontecimento discursivo¹⁴ deste enunciado produz um efeito de sentido de legitimidade do gênero editorial, suscitando o questionamento da impossibilidade do jornal escrever um editorial nas cento e cinquenta edições anteriores, sobretudo porque este editorial tematiza a liberdade.

Abaixo do enunciado há uma ilustração. Num entrecruzamento de vozes, a figura do cavaleiro Dom Quixote de La Mancha com seu fiel escudeiro Sancho Pança montado em seu burro, aproximam-se de um moinho de vento em que há uma placa que diz: “Establishment”. Abaixo da placa um bilhete – “fechado para almosso”. A figura do cavaleiro traz elementos da memória discursiva conhecida na literatura como aquele que confunde ficção/realidade, verdade/inverdade, um sonhador. No livro *Dom Quixote*, Cervantes satiriza os romances de cavalaria e o heroísmo medieval.

A crítica é construída por meio da ironia presente na construção da ilustração que tem a placa (establishment¹⁵) vista sob os olhos de Dom Quixote juntamente com os moinhos de vento, os quais são frutos de sua criação, produzindo um efeito de contestação da eficácia da organização do momento. Assim como o erro ortográfico da palavra no bilhete “almosso” (em que há a troca do ç pelos ss, um erro possivelmente cometido por

¹⁴ Utilizamos acontecimento discursivo como aquele que provoca uma interrupção na memória como estruturação de materialidade enunciativa. De acordo com Pêcheux (1999:52), o acontecimento discursivo “pode desmanchar essa regularização e produzir retrospectivamente uma outra série sobre a primeira, desmascarar o aparecimento de uma nova série que não estava constituída enquanto tal e que é assim o produto do acontecimento; o acontecimento, no caso, desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior.”

¹⁵ *Establishment* é um termo pejorativo utilizado nas sociedades ocidentais para se referir a estruturas de controle elitistas da sociedade. Nos anos 60 e 70, o establishment era entendido como uma representação das políticas restritivas e autoritárias.



PASQUIM

N.º 150 - Cr\$ 1,50 - Temos sesquicentenário próprio.

O PASQUIM SESQUICENTÃO

78 79 76 75 73 69 68 83 84 67 64 65 28 21 22 22 16 14 13 12 11 10 9 8 7 6 5 4 3 2 1

80 82 74 72 68 85 86 67 66 30 31 27 25 20 17 15 13 12 11 10 9 8 7 6 5 4 3 2 1

81 83 86 71 87 86 80 32 33 34 26 24 19 17 16 15 14 13 12 11 10 9 8 7 6 5 4 3 2 1

84 85 91 88 84 80 32 33 34 26 24 19 17 16 15 14 13 12 11 10 9 8 7 6 5 4 3 2 1

93 94 95 90 89 36 37 38 39 40 43 45 46 47 48 49 50

96 97 98 100 106 107 107 113 114 115 116 117 118 119 120 121 122 123 124 125

96 102 101 107 109 119 118 116 117 120 118 117 121 122 123 124 125

130 131 129 124 129 126 123 122 124 125

132 133 134 136 35 137 138 139 140

141 142 140 PAI DE FERDINANDO

144 143 145 ACUSADO

144 148 146 DE

148 149 ATENTADO

150 AO PUDOR!

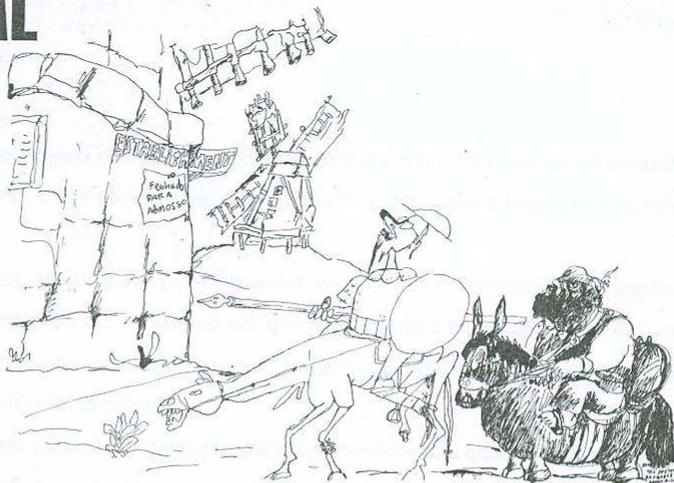
PEPE LASAGNA MALHA JESUS CRISTO O PASQUIM ENTREVISTA UMA FEIJOADA

J. EDGAR HOOVER BOTA PRA QUEBRAR NO PURGATORIO

SIG EM POSE ESPECIAL PARA CAETANO

EDITORIAL

150 SEMANAS DEPOIS



O PASQUIM SESQUICENTÃO

Cada um faz o sesquicentenário que pode, aguenta, ou deixam. Cada um usa a liberdade que tem, aprendeu, ou comprou no Sâpermaqueti. Olha, cento e cinquenta números não é hora de vacilações. Que horas são, no teu? Hora das grandes decisões, eu creio. Já que de nós ninguém duvida, o país inteiro assiste, semanalmente, estarrecido, os nossos selvagens galopes em todas as direções ao mesmo tempo, como o cavalo do bêbado. A nossa rebeldia altaneira e ínvia atravessa alta os libérrimos campos do América. Pois nunca nos renderemos. Nem mesmo nos rendevus. Poderemos sucumbir mas nossa flâmula continuará de pé, e impávida. E na hora de correr estaremos sempre juntos, ombro a ombro.

O PASQUIM conseguiu se manter livre quando todos os outros táxis estavam ocupados, imune quando todos os outros inploravam vacinas, senhor do seu nariz quando já estavam na moda narizes pitanguis. Nosso lema é o mesmo dos outros desvairados: *Libertas quae sera tamen*. Tãmem ou também, pô? *Libertas quae sera tamen* — reparem bem, a mesma estrutura sintática de *podes crer amizade*. E não será nesta hora que iremos recuar. Dizai — que horas são, agora? Pé em Deus e fé na tábua. É preciso deixar bem claro: preto é preto, branco é branco, mas a mulata é a tal. A liberdade é a condição (e por que não a condução?) fundamental do homem livre. Sacou? Aquele negócio de ir-e-vir. Peripatético às pampas. Largueza, ensancha e a ânsia dos imensos descampados. Tamos aí. Como dizia Herbert Stengley — escritor que estou inventando neste momento — que maravilhoso arcaísmo é a liberdade. Sem falar na Igualdade e na Fraternidade, as outras duas manecas desse milenar lesbianismo *Self-government*, já ouviu falar? Nós, aqui do Pasca, de cima destes cento e cinquenta números, nos recusamos a reconhecer restrições, aceitar limitações. Estamos soltos nas imensidões de nossas serranias-dessujeitos, dessubjugados,

forros. E lá, bem no alto, nosso céu. Com mais estrelas. Pois todo homem nasce livre, não é mesmo? Naturalmente dependente do pai, da mãe, da classe social e dos acasos genéticos. Mas decora logo a tabela dos direitos e deveres, faz as contas, e, se leva vantagem, cai de pau em cima dos outros. É assim que é, pô, não vem com essa não.

Ser livre, enfim, é bem notar, não é ser libertado. “Eu te dou toda liberdade”, tá na cara, é a restrição máxima. Evita nego. E dobra à esquerda. Já a liberdade dos telespectadores consiste em virar o botão prum programa ainda pior. Vai por mim: deixa esse mesmo! Não muda não! Mas aqui estamos nós: 150 anos ou 150 números, dá no mesmo. Sesquicentões como o país que nos viu nascer. Que nos deu a luz. Ou que nos deu a luz. Não será uma crase vulgar e artificial que irá nos jungir ao pelourinho (dessa eu gostei). Com crase ou sem crase não nos pouparemos, na hora do afinco. Que hora mesmo, ô meu? A hora do lobo. Sacudiremos grilhões e grilhinhas, desprenderemos algemas, cavaremos túneis por baixo das donzelas, desbridaremos os corcéis, e gritaremos “Laços Fora!” Pois nós, da patota, também só usamos fósforos Ipiranga e somos todos marginais. Será a liberdade apenas uma nostalgia? Uma colagem mal feita de fatos nunca acontecidos? A política da esperança já, assim, meio desesperada? Uma simples omissão dos poderes vigentes? O Fla x Flu do Possível contra a Aventura? O condicionamento total é a liberdade?

Pois a verdade é que nessa luta ingrata saem todos perdendo: não há palpíte triplo e as zebras estão na cadeia. Mas, como dizia o outro, o importante é ganhar, não competir. Sesquicentão. Henfil, Jaguar, Caulos, Ziraldo, Ivan, Miguel, Sérgio, Francis e o outro Ivan, cuidado: Prometeu acabou lá, espetado no rochedo. E o abutre detestava fígado.

MILLÔR FERNANDES



peças mal alfabetizadas) que supostamente se refere à pouca inteligência dos que estão no poder.

Há um equívoco nesta crítica do jornal: ao mesmo tempo em que o jornal se configura contra o reacionarismo, é por meio de um reacionarismo em relação à língua que se colocam como superiores.

No texto verbal, escrito por Millôr Fernandes, os sentidos de resistência são produzidos pelo jornal, por intermédio de um trajeto em que a liberdade é tematizada. Ao descrever a façanha do sesquicentenário como aquilo que “pode, agüenta, ou deixam” sugere-se toda a “circunstância” de controle da censura.

No entanto, essa situação é contraposta à ação da resistência que se pauta na posição de compreender a liberdade como algo que se “tem, aprendeu ou comprou no Sâpermarketi”. Numa escrita alusiva, os verbos apontam para diferentes maneiras da imprensa se relacionar com a censura e o governo atual: é possível simplesmente ter a liberdade quando se faz parte deste último; aprendê-la, quando se consegue burlar a censura; ou comprá-la, como é feito na grande imprensa que paga o preço sucumbindo-se às imposições do governo.

Uma citação latina é utilizada, reavivando uma memória discursiva em que há uma cenografia de luta: “Libertas quae sera tamen”(liberdade ainda que tardia). Este enunciado foi o lema, o grito de luta utilizado pelos inconfidentes na primeira tentativa de independência do Brasil(Inconfidência Mineira) em 1792¹⁶.

Há pois um ideal de revolução, sentidos libertários que são reavivados com esse enunciado. E, ao mesmo tempo em que a liberdade é exaltada, é também criticada aquela que consiste em proposições políticas que assumem posições supostamente democráticas, como o *Self-government*.

A posição discursiva do Pasquim é delimitada na tematização da liberdade através do estabelecimento de fronteiras discursivas por meio do (re)conhecimento da censura, a qual aparece formulada na própria negação desse reconhecimento: “*nos recusamos a (re)conhecer restrições, aceitar limitações*”. A negação funciona ainda como refutação do

¹⁶ O mais importante dos movimentos de insurgência ocorridos no Brasil durante o período colonial inspirado nos ideais propostos na revolução francesa. A escolha de tal lema pelos inconfidentes, por sua vez, é inspirada na primeira bucólica de Virgílio.

discurso outro no estabelecimento de fronteiras em: “*Ser livre, enfim, é bem notar, não é ser libertado. “ Eu te dou a liberdade”, tá na cara, é a restrição máxima”*”.

Assim, através do funcionamento discursivo da heterogeneidade enunciativa, o editorial da edição 150, escrito em comemoração às cento e cinquenta edições produzidas, integra o trajeto de sentidos na constituição do sentido/da posição de resistência ocupando um lugar que permeia regiões de sentidos que passam/ultrapassam os limites entre o poder dizer de sua época, tangenciando os sentidos de liberdade.

O funcionamento derrisório do editorial, o qual se dá na composição do texto não-verbal(figura) com o texto verbal, escrito em tom debochado, irônico, centrado sobretudo na negação do discurso outro, produz o efeito ambíguo de contestação e regulação semelhante às capas.

A contestação está na formulação crítica, no fato de circunscrever-se num lugar na mídia impressa, resistindo às imposições culturais do papel designado à “grande imprensa”, ocupando uma determinada formação discursiva diferente da maioria da “grande imprensa”. O efeito de regulação está na formulação da negação que, ao negar, estabelece o (re)conhecimento do outro.

A seguir, apresentamos o editorial da edição número 156, agora escrito em comemoração aos três anos de existência do jornal.

Neste percurso de sentidos, este número escrito em comemoração aos três anos de Pasquim é mais um número em que o Pasquim dedica o editorial para falar de si, de sua posição. No entanto, a enunciação desta comemoração é construída de maneira a enfatizar os incômodos causados pelo jornal, ou seja, mais uma maneira de delimitar fronteiras discursivas.

Na capa, a frase-lema retoma de maneira parafrástica o enunciado “Um é pouco, dois é bom, três é demais”. Um ditado popular produzido em diferentes situações enunciativas, entre elas, para referir-se de maneira reticente a um triângulo amoroso.

Esta paráfrase abre para a polissemia, na medida em que, o acontecimento discursivo deste enunciado causa um deslocamento discursivo tanto na referência do discurso, que desta vez é o período de existência do jornal, quanto na linearidade discursiva (três **já** é **demais**) com o acréscimo do “já” e do sublinhado no predicativo do sujeito “demais” produzindo um efeito de sentido de maior irritação e intolerância.

RECOMENDÁVEL PARA
MAIORES DE 16 ANOS

PASQUIM

N.º 156 - Cr\$ 1,50 - Um é pouco, dois é bom, três já é demais.

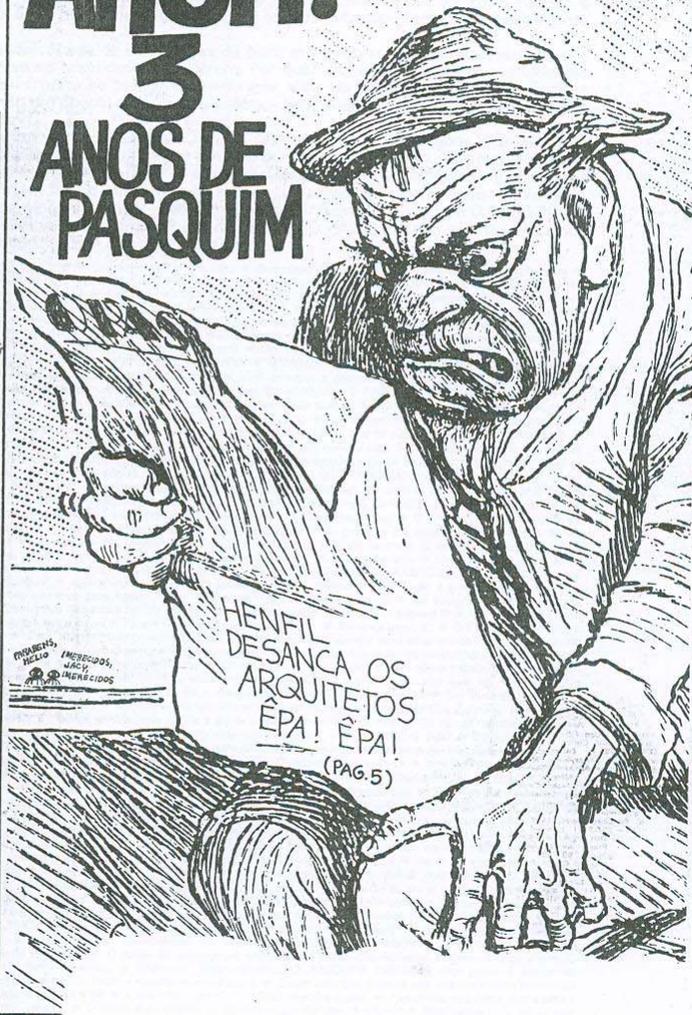
FLÁVIO
CAVALCANTI
ME PASSOU
PRA TRÁS!
(PAG. 8)



Foto de JOUBERT

ARGH!

3 ANOS DE PASQUIM



(PAG. 5)

3 ANOS: PUTZ!

E no princípio foi o Verbo. E a ele acrescentamos o Adjetivo e o Substantivo e o Advérbio. E surgiram Interjeições e Onomatopéias. E vieram as Conjunções e os Artigos. E vimos que era bom. E viram que era bom. E deixemos de blasfêmia antes que um raio nos atinja em nossas novas e luxuosas acomodações situadas na Av. N.S. de Copacabana, 1183, 8º andar.

Mas não é nada, não é nada, completamos, esta semana, 3 anos de PASQUIM nas ruas. Não foi mole para nós, não foi mole para muitos. Não está sendo, nunca será e nem é para ser mole. Mas estamos aí e vamos ficar por aí, graças ao incentivo dos mortos-vivos que torcem e insistem e esperam que a gente feche no próximo número. Aqui se fecha o tempo. Tempo não fecha a gente não.

E a Turma da Paleta? Verde de inveja, roxa de ódio, mãos rubras de tanta puxa-saquice, nos pintando nas mais diversas tonalidades de marrom. Por quê? Porque não achamos que tudo seja ouro sobre azul. Aqui é preto no branco e o panorama, visto do oitavo andar, é negro. Então a gente bagunça o coreto um pouco, ri outro pouquinho — feito naquela piada do Festival de Salão: só dói quando a gente ri.

Enfim: 3 anos de um pega-para-capar que não foi brincadeira. No bolo, alguns levaram sobras imerecidas. Outros badalações idem. Demos algumas dentro, outras a esmo. Mas vamos parar — este papo — por aqui mesmo antes que entremos no clássico e caretíssimo balanço. Vamos parar por aqui pra poder ir em frente. Uma coisinha apenas que achamos de bom alpiste. Demos uma espiada na coleção de números antigos e, para melhor definir o que há e não há n' O PASQUIM, o que ele é e não é, selecionamos algumas frases de capa. Se O PASQUIM tem espírito — e ainda não chegamos a uma conclusão — elas dão uma dica:

Quem não xumbrega não xurupita • Corajoso como um rato • Desculpe, dona Betty, mas nós vamos dar cobertura às furadoras da greve do sexo • Ou O PASQUIM acaba com o erro de revisão ou o erro de revisão acaba com O PASQUIM • Um marginal de Ipanema transando na Lapa • Também conhecido por The Gutter, The Rag, The Lampon e El Pasquin • Aos amigos, tudo; aos inimigos, justiça • Um lixo da primeira à última página • Hay Gobierno? Somos a favor • Um expoente da imprensa marrom-glacé • Um jornal que não é lido pelo doutor Gustavo Corção • Um jornal que cala mas não consente • Um ponto de vista carioca • O verdadeiro cabra da peste • O melhor entre os piores • Também conhecido como o easy rider caboclo • O PASQUIM é filho do Tom Jobim (Caetano Veloso) • Um jornal que sente o drama de escolher um lema por semana • N' O PASQUIM os ratos não abandonam o navio (Sigmund) • O PASQUIM é como uma grande família (a gente briga o tempo todo) • Se alguém pensa que O PASQUIM se atemoriza com ameaças e pressões, pode tomar nota de uma coisa: é verdade • Os Estados Unidos preocupados com a maioria silenciosa. Os inimigos d' O PASQUIM preocupadíssimos com esta minoria barulhenta • O rato que ruge • Quem está impressionado com a nossa tiragem ficará muito mais impressionado com a nossa botagem • Se bar bronzeasse, a turma d' O PASQUIM seria o próprio Black Power • O dr. Roberto Campos é tão subserviente que só trata a General Motors de Marechal Motors (Millôr) • Um jornal que se vira para agradar aos leitores • A intenção oculta de Guttenberg • O essencial está lá dentro • Um jornal sem um nome a zelar • Um republicano no reinado de Momo • Sátira afixada em lugar público (Aurélio Buarque de Holanda) • Negô seguin: enganar todos por todo tempo não dá pé bicho • Vão pará com essas mãe aí! • A alegria do confinamento é a chegada d' O PASQUIM (Hélio Fernandes) • Esta é a realidade: veja e leia os fatos & fotos e as manchetes por 500 cruzeiros • All the news that are unfit to print • O melhor jornal da rua Clarisse Índio do Brasil 32 (Millôr) • Chegamos ao número 100 • O verdadeiro órgão da família brasileira • O melhor joio do trisal • O maior jornalco do país • Um jornal contra o anti-semitismo e a favor dos árabes • O PASQUIM é um produto do meio; também, ninguém é perfeito • Sim, os tempos mudaram. Antigamente, sair num pasquim era vergonha. Hoje é honra • Nas páginas internas tudo o que você procura por apenas NCR\$ 0,50 • Um jornal que vai levando. E como tem levado! • Um pequenino enganador • Uma odisséia etílica • Um jornal distilled and bottled in Rio de Janeiro • Um verdadeiro saco de ratos • Um caos para conferir • Apesar dos pesares • O jornal com algo menos • Quem não é o maior tem que ser o menor • Transmido em preto e branco para todo o Brasil • Custamos, mas chegamos ao 69 • Sai todas as terças, ou quartas, ou se calhar, quintas • Um jornal que não está a fim de • Mais divertido pra quem faz do que pra quem lê • O PASQUIM é filho da Banda de Ipanema • Sangue, suor e lágrimas • Pé em Deus e fé na tábua (Millôr) • Estamos aqui, ô! • O PASQUIM é a prova: quem comunica se trumba • Deus perdoa; Django nunca! • Uma coisa é certa: lá dentro deve estar muito mais engraçado do que aqui fora • Sempre em alta graças ao nosso baixo nível • Um jornal lido até pelos seus próprios colaboradores • Milhões de leitores seguram este pasquim • Na terra de cego quem lê O PASQUIM é rei • Um jornal que está como o diabo gosta • Temos sesquicentenário próprio • Basta você abrir O PASQUIM e você está por dentro • O pior cego é o que quer ver • Um jornal a favor do contra • Ame-o ou deixe-o • Um jornal que só diz a verdade quando está sem imaginação • Em terra de cego, quem tem um olho emira (Millôr ou Sérgio Porto) • Ou todos nos locupletamos ou restaure-se a moralidade (Tia Zulmira) • Um jornal válido, lúcido e autêntico (argh!) • Somos contra tudo o que a gente pode ser contra • O PASQUIM não se responsabiliza pela opinião de seus colaboradores; aliás, nem pelas suas • Tudo na vida tem seu preço; o nosso é NCR\$ 0,50 • Dá um boi pra não entrar numa briga, dá uma boiada pra sair dela (Millôr) • De pai para filho há 47 números • De tanto ver triunfarem as nulidades, O PASQUIM acabou dando certo • O jornal preferido de Plínio Salgado • O diário oficial patriota • Um jornal que não pode ser lido pelas senhoras de dores de indaia • Se você gostou de 69, tome nota do nosso endereço: Clarisse Índio do Brasil 32 • Os Estados Unidos têm Herman Kahn, o futurólogo; o Brasil tem Nelson Rodrigues, o passadólogo • Todo mundo acha que O PASQUIM está por cima da carne seca; podemos assegurar que, em matéria de carne, nossa preferência é outra (Millôr) • Como diz o Tom Jobim, O PASQUIM é um marginal bem sucedido • Quem não lê O PASQUIM também morre com a boca cheia de formiga • Sig resiste a tudo, de fio a pavio • O PASQUIM não é um jornal político, nem apolítico. É apocalíptico • Um jornal de achados para os perdidos • A Banda (podre) de Ipanema • Um jornal feito no Rio, impresso em São Paulo e lido até no Piauí • Um jornal do rabo onde a graça abunda • Um jornal que ainda vai dar muito o que ladrar • Se vocês sabem que O PASQUIM está ótimo, saibam que ainda estamos dando o pior de nós mesmos • Um jornal que morde mas não ladra (Millôr) • Decidido: o Natal d' O PASQUIM será dia 25 de janeiro • Todas as quintas-feiras ou a qualquer dia em edição ordinária • Em questões de princípio, costume ir até o fim (Barão de Itararé) • Um jornal tão corajoso que só recua quando tem o inimigo pelas costas • Nenhuma legislação punitiva dá autoridade a quem não tem (Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco) • E no 1.378.493.758.927.069º dia Deus fez O PASQUIM • Afinal, um número família • Abusado como um fraco • O PASQUIM é o próprio exército brancaleone da imprensa brasileira • O PASQUIM é como a mulher do Carmelito • Não é Irene mas dá sua risada • O tonga da mironga do kabuletê do jornalista indígena • Deus só criou o som. O homem fez a palavra. Guttenberg inventou a imprensa. Nós editamos O PASQUIM (Millôr) • Um passo à frente no abismo • Lido da Casa Branca ao Kremlin (com a mesma desconfiança) • Quem não tem quibão não oferece caruru (Stanislaw Ponte Preta) • Faltam dois números para o 69 • Livre como um táxi • God save the queen • Passarinho que come pedra sabe o que advém • Está tudo errado, certo? • O estilo é o homem. O assunto é que são elas (Fortuna) • Não espere pelo jutzo final: leia O PASQUIM (Millôr) •



O mesmo efeito é produzido na ilustração da capa que apresenta uma ilustração com um senhor sentado que lê o Pasquim cuja posição apreensiva da mão sobre o joelho e a feição irritada sobreposta pelo texto verbal que exclama: “ARGH! 3 anos de Pasquim”. Assim, na capa é o olhar do outro(do governo militar) em relação ao semanário que está sendo enfatizado.

Ao abrir-se o jornal, o editorial é escrito numa posição oposta à da capa, ou seja, na posição mesma do jornal.

3 ANOS: PUTZ !

*“E no princípio foi o Verbo. E a ele acrescentamos o Adjetivo e o Substantivo e o Advérbio. E surgiram interjeições e onomatopéias. E vieram as Conjunções e os Artigos. E vimos que era bom. E viram que era bom. E deixemos de blasfêmia antes que um raio nos atinja em nossas novas e situadas acomodações situadas na Av. N. S. de Copacabana, 1 183, 8. andar.
Mas não é nada não, completamos, esta semana, 3 anos de PASQUIM nas ruas. Não foi mole para nós, não foi mole para muitos. Não está sendo, nunca será e nem é para ser mole. Mas estamos aí e vamos ficar por aí, graça ao incentivo dos mortos-vivos que torcem e insistem e esperam que a gente feche o próximo número. Aqui se fecha o tempo. Tempo não fecha a gente não.
E a Turma da Paleta? Verde de inveja, roxa de ódio, mãos rubras de tanta puxa-saquite, nos pintando nas mais diversas tonalidades de marrom. Por quê? Porque não achamos que tudo seja ouro sobre azul. Aqui é preto no branco e o panorama, visto do oitavo andar, é negro. Então a gente bagunça o coreto um pouco, ri outro pouquinho – feito naquela piada do Festival de Salão: só dói quando a gente ri.
Enfim: 3 anos de um pega-para-capar que não foi brincadeira. No bolo, alguns levaram sobras imerecidas. Outros badalações idem. Demos algumas dentro, outras a esmo. Mas vamos parar – este papo – por aqui mesmo antes que entremos no clássico e caretíssimo balanço. Vamos parar por aqui pra poder ir em frente. Uma coisinha apenas que achamos de bom alpiste. Demos uma espiada na coleção de números antigos e, para melhor definir o que há e não há n’O PASQUIM, o que ele é e não é, selecionamos algumas frases de capa. Se O PASQUIM tem espírito – e ainda não chegamos a uma conclusão – elas dão uma dica(...)”*

No título “3 ANOS: PUTZ!”, é a posição de resistência que está sendo demarcada com a interjeição, produzindo o efeito de sentido de desgaste e sacrifício. O texto editorial inicia com referência ao discurso religioso da criação do mundo; “E no princípio foi o Verbo”.

Assim segue de maneira lúdica e sugestiva a delinear todo seu trajeto de existência: “E a ele acrescentamos o Adjetivo e o Substantivo e o Advérbio....E vimos que era bom. E viram que era bom...” e toda condição de risco da ação agressiva e ameaçadora

é sugestionada: “... E deixemos de blasfêmia antes que um raio nos atinja em nossas novas e luxuosas acomodações....”

Junto do procedimento da derrisão está, mais uma vez, o atravessamento da negação. Este funcionamento pode ser analisado como evidenciando a heterogeneidade constitutiva do trajeto de sentido de resistência. Neste sentido, a negação é compreendida como *um dos processos de internalização de enunciados oriundos de outros discursos*(Indursky, 1997:213) e delimitação de uma posição discursiva.

Lembrando que o jornal como imprensa alternativa opõe-se ao governo ditatorial e ao discurso da grande imprensa, a identidade dessa posição de resistência é produzida numa relação de negação às duas formações discursivas que se apresentam como opostos nesta conjuntura política.

No entanto, uma das interdições da censura imposta é não poder mencioná-la, já que ela é estabelecida de forma velada, sob a forma do não-dito no seio da FD do discurso militar. O AI-5 é editado sob a formulação “Não serão toleradas publicações e exteriorizações à moral e aos bons costumes, quaisquer que sejam os meios de comunicação”(Braga, 1991:33)

Deste modo, na formulação: “*Não foi mole para nós, não foi mole para muitos. Não está sendo, nunca será e nem é para ser mole*”, o funcionamento da negação consiste em colocar numa mesma formulação elementos que caracterizam o discurso-outro pelo viés do discurso transversal. A primeira parte da formulação da negação pode ser identificada como pertencente à posição pasquiniana, FD de jornalismo de resistência: “Não foi mole para nós, não foi mole para muitos. Não está sendo....”

Já a segunda parte “... nunca será e nem é para ser mole” pode ser identificada como um não-dito do discurso-outro da censura(dos militares), os quais praticam uma censura à imprensa de maneira velada, como já dissemos, dificultando e proibindo a circulação de informações. Assim, ao colocar-se elementos do discurso outro, um não-dito que embasa e legitima o discurso da censura, é uma maneira de poder criticá-la, sem necessariamente, nomeá-la. Uma vez que, opôr-se aos seus princípios de ação, é uma maneira de opôr-se a ela e ocupar uma posição de oposição.

Nesta mesma formulação “não foi mole para nós, não foi mole para muitos”, a relação de substituição entre *nós* e *muitos*, coloca dentro de uma categoria maior que seria o

“todos”, produzindo um efeito de crítica e oposição que estabelece fronteiras com outras posições coexistentes naquela conjuntura que é a grande imprensa, cuja posição “é mole” visto que há uma relação de concordância com o discurso da censura.

O efeito de resistência é produzido ainda na própria condição pessimista dos jornalistas na posição de censurados: *Mortos-vivos*. São “mortos-vivos” os que estão do lado de cá, os que insistem e esperam que o próximo número seja fechado. Esta formulação que traz a negação da condição de existência dos sujeitos nestas condições de produção é também uma negação do discurso que se formula sob o falseamento de prezar pelo sucesso e bem-estar da nação.

“Aqui se fecha o tempo. Tempo não fecha a gente não”. Esta formulação traz a própria textualização da resistência que se põe como rebelde, altaneira, não submissa às condições impostas. Trazendo uma memória de um dito popular em que se diz “o tempo fechou” que significa “temos problemas”, a “coisa tá feia”, referindo-se à ação censória do governo militar. A negação “Tempo **não** fecha a gente **não**” é produzida de maneira a negar a ação do outro, legitimando a resistência.

A negação do Pasquim nega o não-dito do discurso da censura (os enunciados metafóricos fazem referência à ação da censura a qual, como já dissemos, age sem explicitar: “aqui se fecha o tempo”, “nunca será e nem é para ser mole”). Assim, numa perspectiva discursiva, esta é uma negação externa¹⁷. O discurso de resistência jornal é construído num processo de delimitação de suas fronteiras, ressaltando a alteridade constitutiva de todo discurso.

Nessa delimitação, há o atravessamento de exclusão neste discurso de resistência pasquiniano, como constata Indursky (1997) ao analisar o funcionamento da negação no discurso revolucionário¹⁸, bem como a produção do efeito de sentido de refutação e contra-posição com o funcionamento da negação.

¹⁷ Indursky (1997:215) denomina negação externa a *que incide sobre o que não pode ser dito no interior de uma FD* e negação interna aquela que *incide sobre o que pode, mas não convém ser dito neste domínio de saber*.

¹⁸ Indursky concorda com Fiorin (1988:129) quando o autor afirma que o discurso revolucionário se constrói na base de uma relação polêmica e de antítese em relação com o *outro*. Entretanto, Indursky discorda no que diz respeito ao processo de exclusão do outro: “Como um discurso autoritário, todo seu funcionamento vai no sentido de exclusão do *outro*, o que caracteriza pouca reversibilidade desse discurso. No entanto, nenhum discurso existe sem o outro, já que é de natureza do discurso ser constitutivamente heterogêneo. Dessa forma,

De maneira paradoxal, a oposição ao mesmo tempo em que é identificada é velada, devido ao funcionamento da negação sobre o não-dito da FD oposta. Não há explicitação do discurso outro. Este aparece apenas sugerido no discurso transversal. Explicitá-lo corresponderia a traduzir expressão “o que é ser mole”, ou ainda explicitar quem são os “mortos vivos” como sendo os perseguidos pela ditadura.

Desse modo, derrisão e polêmica funcionam juntas no funcionamento da negação, na produção de efeitos de contestação ao discurso da censura e à grande imprensa. Através da polêmica, em que há o reconhecimento do outro, os efeitos de regulação são produzidos.

Mas estes sentidos podem ser produzidos de maneira mais explícita. A própria palavra “resistência” é utilizada no hebdomedário. Fala-se sobre as estratégias utilizadas no texto jornalístico para lidar com a censura.

Millôr havia assumido a direção no número 166 e desde então os editoriais foram escritos por ele, como já dissemos, sob a nomenclatura “Mais sete dias- E isso é isso”. Este enunciado formulado em forma de contagem da produção semanal do jornal, citando mais sete dias que a produção atinge, é um modo de produzir o efeito de sentido das dificuldades e esforços que o jornal atravessa nesta fase¹⁹. A indeterminação da segunda parte do enunciado “E isso é isso”, no qual o pronome demonstrativo indefinido(isso) tem como predicativo do sujeito o mesmo pronome(isso), produz o efeito de sentido de indeterminação da situação em que o jornal vive.

Os anos de 1972 e 1973 são difíceis em relação à censura tanto que é ao final deste último ano que a censura é enviada para Brasília²⁰, portanto, as matérias tratam sobretudo de assuntos internacionais. Em 1972, O Pasquim tratava freqüentemente da guerra do Vietnã (Braga,1991:52).

No entanto, há um acontecimento discursivo que marca esta série do “Mais sete dias- E isso é isso”, no editorial 187(01/1 a 5/2/73), o título passa a ser somente “E isso é isso”. Esta ruptura na contagem(“mais sete dias”) sinaliza a falta de expectativa que algo possa

permitimo-nos redirecionara afirmação de Fiorin, propondo nessa interlocução teórica que o discurso “revolucionário” é atravessado pelo *efeito de exclusão de seu outro*”.

¹⁹ Até setembro de 1972 em que Millor assume, o jornal lidava com conflitos internos que culminam com a saída de Tarso de Castro, Fortuna e Luís Carlos Maciel(apud Kucinski, 2003:224).O jornal também tem uma grande dívida com a queda da vendagem desde a saída do grupo da prisão em 1971 e os desmandos administrativos de Tarso.

²⁰ Ver cap.1.

O PASQUIM
ANO V - Nº 187 - XXII



UM PONTO DE VISTA CARIOCA

O PASQUIM é um hebdomadário semanal de irreverência e crítica. Se nota?

PENSAMENTÃO

"Quando pobre come galinha um dos dois está doente". (Talmud, milenar coletânea judaica de normas religiosas e legais, que também aconselha: "Quando você for a um restaurante escolha uma mesa perto do garçon".)

E ISSO É ISSO

(TOPAS?)
...?)
ORA, VÁ
...?)
...?)

AVE , MORITURI TE SALUTANT!

Eu sempre achei que o * se não era inútil, pelo menos tinha um destino inteiramente apagado à sua frente. Enquanto todos os seus irmãos tipográficos seguiram carreiras melhores, mais constantes e mais gratificantes o * vivia oculto, raramente usado, e, quando usado, usado sempre em pés de páginas, para chamar a atenção para uma coisa de importância marginal, indigna de figurar no texto principal ou, então, pura e simplesmente chata. Assim, bastava o leitor pressentir um * à sua frente e já sentia a barra da coisa oficial, estatística ou didática. Os irmãos e primos do * porém estavam sempre lá, brilhando, no campo principal. O " sempre se metendo nas conversas, o ? gritando suas dúvidas em todas as frases, o & e o \$ se metendo em todas as conversas financeiras e comerciais, o, o ; e o : apostando corridas para ver quem ralentava ou

apressava mais os textos escritos. Sem falar no §, tão cioso da sua participação nas coisas jurídicas e legais e do extrovertido !, a própria vida da festa, digo, de um texto! Mas, afinal, um dia, surgiu O PASQUIM e, inesperadamente, o * saiu dos pés de páginas e adquiriu uma importância própria, que ninguém jamais tinha esperado dele. Passou a representar tudo que não podia ser dito, todo o insólito, ou o atrevido, ou o escatológico, o descontraído, o estridente e inconformado. Imediatamente a juventude o adotou, ele hoje é o darling da publicidade, penetrou até nas melhores casas de famílias. Longa vida ao pequenino *, símbolo de uma resistência, última estrela no céu da expressão possível. Aqui nós o homenageamos, nós que o redescobrimos e exaltamos como a derradeira chance de exprimir o inexprimível.

MILLÔR FERNANDES

SIG

JAGUAR/IVÃ LEÇA



O PASQUIM - Um ponto de vista carioca

acontecer, embora coincidente com um fato externo(é escrito o número em comemoração ao fim da guerra do Vietnã), é em relação à “guerra” de cá, à situação vivida no Brasil que a indeterminação da situação do jornal, que sofre com a censura, é produzido pela formulação de indeterminação: “E isso é isso”. A capa traz o nome **PAZ – QUIM**.

Neste editorial é feita uma homenagem ao símbolo gráfico * (asterisco). Após discorrer sobre a importância de vários sinais tipográficos como os dois pontos, o ponto e vírgula, a exclamação, a interrogação, a importância do asterisco é exaltada como saindo da margem e vindo a ocupar posição central dentro do Pasquim como “símbolo de resistência”:

AVE *, MORITURI TE SALUTANT

*Eu sempre achei * se não era inútil, pelo menos tinha um destino inteiramente apagado à sua frente. Enquanto todos os irmãos tipográficos seguiram carreiras melhores, mais constantes e mais gratificantes o * vivia oculto, raramente usado, e, quando usado, usado sempre nos pés das páginas, para chamar a atenção para uma coisa de importância marginal, indigna de figurar no texto principal. Assim, bastava o leitor pressentir um * à sua frente e já sentia a barra da coisa oficial, estatística ou didática. Os irmãos e primos do * porém estavam sempre lá, brilhando, no campo principal. O “sempre se metendo nas conversas, o ? gritando suas dúvidas em todas as frases, o & e o \$ se metendo em todas as conversas financeiras e comerciais, o, o ; e, o : apostando corridas para ver quem ralentava ou apressava mais textos escritos. Sem falar no §, tão ocioso da sua participação nas coisas jurídicas e legais e do extrovertido !, a própria vida da festa, digo, de um texto!...Mas, afinal, um dia surgiu O PASQUIM e, inesperadamente, o * saiu dos pés das páginas e adquiriu uma importância própria, que ninguém jamais tinha esperado dele. **Passou a representar tudo que não podia ser dito, todo o insólito, ou o atrevido, ou o escatológico, o descontraído, o estridente e inconformado.** Imediatamente a juventude o adotou, ele hoje o darling da publicidade, penetrou até nas melhores casas de famílias. Longa vida ao pequenino *, símbolo de uma resistência, última estrela no céu da expressão possível. Aqui nós o homenageamos, nós que redescobrimos como a derradeira chance de exprimir o inexprimível (grifos meus).*

Ao eger o asterisco como símbolo da representação de um “não-dito”, de *tudo que não podia ser dito* representa-se a própria ação de resistência.

Com a explicitação de seu instrumento de resistência, o jornal também está definindo sua ação, e dessa forma, o próprio sentido de resistência que o identifica a uma posição discursiva irreverente.

Sua posição, neste editorial, é audaz e indiferente em relação à censura que lhe é imposta, à medida em que se abre o jogo ao “inimigo” das armas que se dispõe para enfrentá-lo, num período em que o jornal ainda estava sob a censura prévia.

Esse *tudo que não podia ser dito* ainda passa por uma operação de reificação por meio de enumerações ou justaposições na qual é definido como *todo o insólito, ou o atrevido, ou o escatológico, o descontraído, o estridente e inconformado*. Diferente dos outros editoriais, neste o não-dito do discurso da censura é “traduzido” ou explicitado dentro da posição discursiva de resistência do Pasquim.

Todos os adjetivos passam pelo mesmo viés semântico de oposição. Com o insólito, o efeito de sentido de contrariedade às regras. Atrevido, o efeito de sentido de abusado, desaforado. Com o escatológico, a idéia de expressões que giram em torno da noção de fezes, excremento, destino último e/ou ainda a idéia de tabu, algo de que não se pode falar sobre. Com o descontraído, o efeito de sentido de humorístico. O estridente, efeito de sentido de agudo, penetrante e inconformado. Este último adjetivo finaliza produzindo o efeito de sentido de não resignação à condição imposta.

O título do editorial acima citado é: AVE *, MORITURI TE SALUTANT. Tal enunciado recupera uma memória discursiva que remete a uma cenografia discursiva²¹ de combate. Trata-se de uma paráfrase da citação latina que corresponde a um pronunciamento feito pelos gladiadores aos reis antes de iniciarem uma batalha: “Ave Rex, morituri te Salutant” que se traduz “Salve o Rei, os que vão morrer te saúdam”.

Assim, juntamente com a nomeação de resistência, é trazida a memória de coragem e luta na citação latina. No deslocamento discursivo operado é a memória de atualidade da censura que está sendo instaurada em “os que vão morrer te saúdam”. Os sentidos de resistência são postos dentro de um cenário de luta, embate entre a vida e a morte, através da própria materialidade discursiva.

No auge da censura, sugere-se toda a situação de “combate” que vivem neste período e é também o editorial em que é feita a referência à ação da censura de maneira mais direta (“tudo o que não podia ser dito”).

Apesar dos efeitos de contestação serem mais relevantes numa primeira leitura, é o editorial mais audacioso até então, o discurso militar ainda não está sendo diretamente criticado, os efeitos de regulação permanecem.

²¹ Maingueneau(2001:87), ao descrever a maneira como todo discurso institui uma cena de enunciação que o legitima, afirma que a *cenografia não é simplesmente um quadro, um cenário, como se o discurso aparecesse inesperadamente no interior de um espaço já construído e independente dele: é a enunciação que, ao se desenvolver, esforça-se para construir progressivamente o seu próprio dispositivo de fala.*

Uma outra série é instaurada a partir da edição 231 (10/12/1973). Os editoriais, ainda sob a direção de Millor deixam de ser escritos sob a titulação do “E isso é isso” e estas páginas passam a ser ocupadas por ilustrações. Em dezembro de 1973, houve uma mudança na censura. Os militares passaram a exigir que os jornais fossem enviados para Brasília para serem censurados lá. Neste momento, o jornal passa por muitas dificuldades²².

Essa ruptura na elaboração dos textos editoriais é marcada pela elaboração de editoriais com textos não-verbais, ilustrações entre as edições n.231(10/12/1973) até o n. 238(22 a 28/01 de 1974). Depois deste período, ainda que a forma não-verbal não seja predominante, os editoriais já não recebem mais a mesma titulação característica da fase de Millor. Deste período, serão analisadas os editoriais 233 e 238.

A mesma intertextualidade com a citação latina utilizada no título do editorial na edição de 187, reaparece dentro desta nova série, na edição do número 233(**dezembro de 1973**), desta vez em outro gênero discursivo, em forma de ilustração. A volta marca o deslocamento de várias maneiras. O deslocamento dentro do mesmo gênero discursivo(o editorial) marca uma ruptura. Antes como um texto verbal. Agora como um texto-não verbal que traz a citação latina na íntegra, no entanto, numa outra cena enunciativa.

Esta ocupa o espaço comumente reservado ao texto editorial. Ou seja, divide a página com o Pensamentim, que diz: “Bebe teu próprio sangue Beaumanoir, que a sede passa” (Geoffroy de Boves); e o Pensamentão: “Estranho que, num país com mais de 60% de analfabetismo, o Poder Público esteja tão preocupado com o que dizem meia dúzia de escritores”.

Nesta figura, o enunciado também funciona como uma cena fundadora, mas o deslocamento não está na materialidade discursiva, e sim no enunciador que a introduz. É

²² “(..) Segunda-feira é um dia de morte na sede d’O Pasquim. Se explica. Toda matéria ainda está em Brasília, aguardando liberação da censura. E a Nelma fica aqui, tensa, tentando falar com um tal de Irmão – este é o apelido do cara – que é o quebra-galho que a Nelma arrumou lá em Brasília para ir à Polícia Federal, pegar o material e devolver pra gente, por um malote de favor. Se ele não pegar o negócio no aeroporto, levar na polícia, pegar na polícia e botar no avião numa transa toda ajeitada pela Nelma, babau, não tem *O Pasquim*. Nelma acabou de me informar que não agüenta mais esta prostituição. Tem que ficar fazendo voz sexy pro filho-da-puta que nunca viu. A gente tem que ter uma estrutura de cão pra agüentar o rojão. E ainda não sabemos a que hora o material vai pintar aqui no Rio. Amanhã a Nelma avisa: chegou. E corre todo mundo pr’O *Pasquim*. É uma brincadeira sinistra.....”- trecho da carta de Ziraldo para Claudius (apud Kucinski, 2003-p.222)

O PASQUIM
ANO V — N.º 233-LXVIII



UM PONTO DE VISTA CARIÓCA

PENSAMENTIM

“Bebe teu próprio sangue,
Beaumanoir, que a sede passa.”
(Geoffroy de Boves)

PENSAMENTÃO

Estranho que, num país com
mais de 60% de analfabetismo, o
Poder Público esteja tão
preocupado com o que dizem
meia dúzia de escritores.

DEMO



O PASQUIM — Um ponto de vista carioca

um bobo da corte que a enuncia em resposta ao pedido do rei “Ouvi dizer que o senhor criou umas piadas novas ótimas. Conta aí, pra gente rir também!”. Em seguida, o bobo da corte exclama: “Ave Rex, morituri te salutant”.

Ter o bobo da corte como enunciador e o enunciado como sua fala, ao mesmo tempo em que reaviva uma memória discursiva de luta dos gladiadores, opera um deslocamento de sentidos. O enunciado é trazido para a esfera da gozação, da pilhéria. É a saudação ao rei e a condição de súdito que se curva diante de sua própria miséria que está sendo ridicularizada de maneira irônica.

Assim, os sentidos de resistência vão sendo produzidos num trajeto de sentidos por meio da construção irônica e alusiva da crítica às restrições da censura que pode perseguir, torturar e até matar aqueles que não obedecem às leis do Estado, do governo ditatorial.

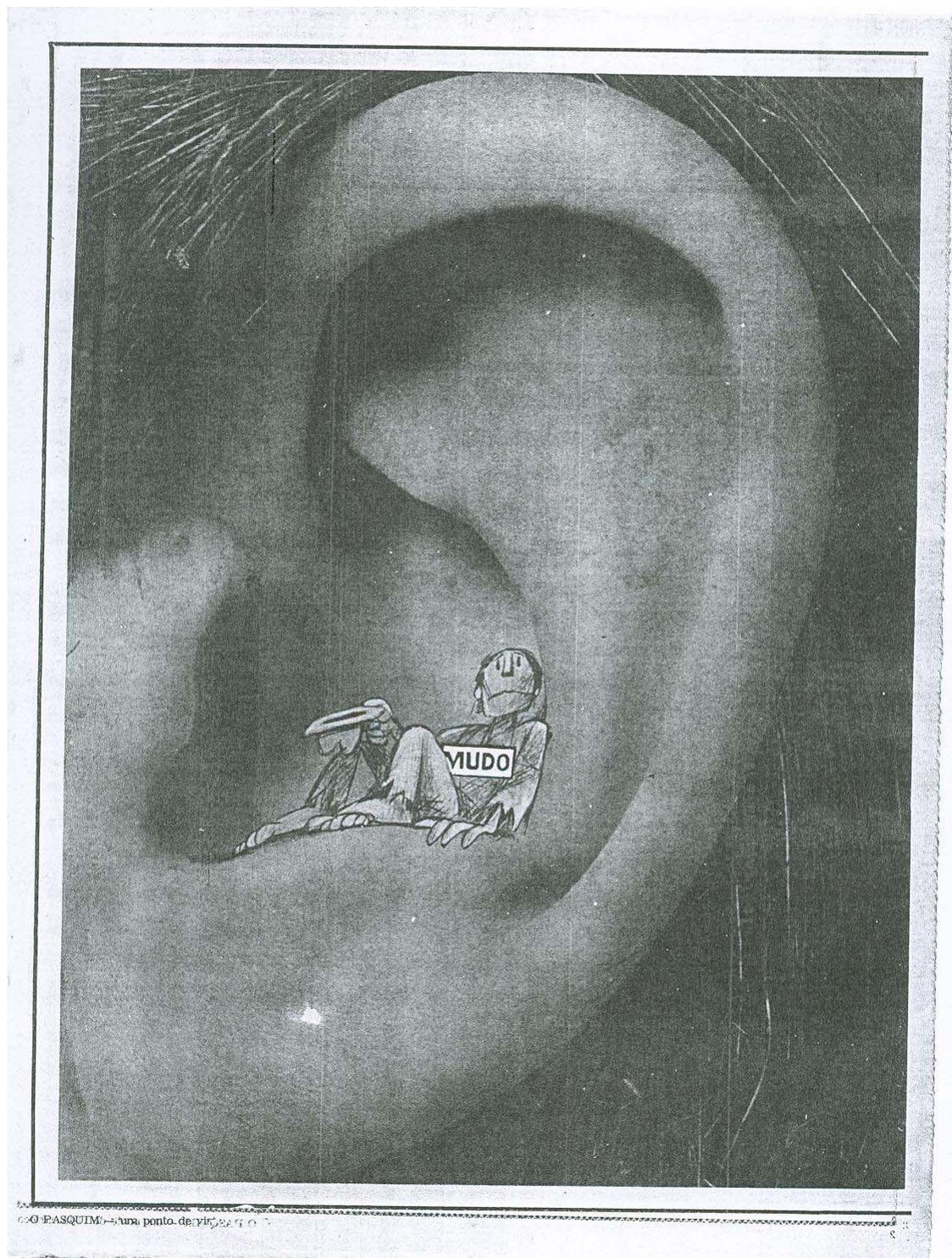
No número 238(ano 1973) há um texto não-verbal, uma ilustração que ocupa a página três, espaço dedicado aos textos editoriais do jornal. A figura está em posição de destaque por ocupar a totalidade da página. Nem mesmo o “Pensamentinho” e o “Pensamentão”, citações de autores e frases editadas pelo próprio jornal, respectivamente, aparecem nesta edição.

Trata-se de uma ilustração que simula uma fotografia em *close* da orelha. Há dentro desse orelhão, sentado e recostado sobre as ondulações de sua cartilagem, a figura de um homem que traja roupas esfarrapadas e segura um chapéu cuja posição rebaixada remete à figura de um pedinte. Sobre seu peito, repousa uma placa que diz: MUDO.

Eis a maneira irônica pasquiniana de se dizer. A imagem figurativiza, de maneira sintética, o estado de cerceamento que a imprensa alternativa sofre. A “inocente” ilustração do mudo burla a censura, perfura o silêncio imposto.

Localizado justamente na abertura da orelha, lugar em que supostamente não teria como não ser ouvido, ou de onde se poderia ser mais ouvido, o homem é impedido de se pronunciar devido sua condição de mudez. É o próprio Pasquim que está sendo simbolizado na figura do pedinte.

A imagem sintetiza um entrecruzamento entre o discurso da proibição, na figura do mudo, e o discurso da necessidade de se dizer, de saber, na figura do orelhão. Na medida



em que a imagem produz sentidos de resistência, delimita-se um certo sentido de resistência, uma resistência que extrapola o “poder dizer desse período”, trazendo juntamente as marcas da censura e da resistência, numa mesma materialidade discursiva.

3.3 - Considerações parciais

Como vemos, nestes editoriais, há um trajeto temático que vai se delineando na posição pasquiniana, dentro de uma FD de jornalismo de resistência, na reatualização e constituição de uma memória discursiva.

Tal percurso pauta-se no estabelecimento de fronteiras em que se acentua o *não poder dizer*, para depois assumir que se diz mediante a nomeação do asterisco como símbolo de resistência. Há a recuperação de uma memória de combate que zomba da relação de submissão pretendida pela censura, a colocação do outro pelo viés do discurso transversal, e por fim, a própria temática da liberdade, a qual só o fato de ser falada, ser exposta, já demarca uma posição de resistência dada a interdição.

O editorial, que é supostamente o espaço do “um”, o espaço de afirmação de seu próprio dizer, torna-se um espaço de recorrência do “outro”. O discurso da censura e o da “grande imprensa” aparecem para serem contrapostos. É essa maneira de formular jogando nos limites da alteridade, desfrutando do equívoco constitutivo da linguagem que permite a essa discursividade de resistência a afirmação de si.

Dados os funcionamentos da heterogeneidade através da alusão, da ambigüidade, da negação, do entrecruzamento de vozes é estabelecida uma relação de oposição que produz efeitos de contestação ou regulação.

A textualização irreverente, devido ao procedimento derrisório do jornal, será cultivada no imaginário coletivo da sociedade brasileira pela influência na linguagem jornalística e pela importância dessa prática nestes tempos sombrios.

Como o sentido é sempre relação a, o trajeto temático de liberdade, de negação, de cenografia de luta e escolha de instrumento de luta, determinam um sentido de resistência que se estabelece em relação à política do silenciamento da censura local como afrontadora e audaz.

3.4 Editoriais do PASQUIM21²³

Dentro da discursividade do Pasquim21, os editoriais são importantes lugares na posição de jornalismo de “resistência” e, conseqüentemente, na constituição do sentido de resistência nesta conjuntura.

Dadas as condições de produção democráticas, os sentidos de resistência são estabelecidos nas teias de um discurso que se pauta no jogo com a memória discursiva que tem como efeito a ausência/presença, continuidade/deslocamento de um imaginário do que foi OPASQUIM como imprensa alternativa.

Valemo-nos aqui da categoria da repetição,²⁴ para pensar a constituição de uma discursividade pasquiniana, que se pauta em uma repetição de um imaginário já construído para tirar sua eficácia ideológica.

Courtine & Marandin(apud Zoppi-Fontana,1999:21), considerando a repetição dentro da problemática da eficácia ideológica, definem esta última como:

um processo de repetições mais ou menos regrado – polimorfo nos discursos cotidianos, ritualizados nos discursos de aparelho – no qual as palavras são pegadas na trama das reformulações: repetição sob o modo do reconhecimento dos enunciados(ou seja, o efeito de reconhecimento/identificação produzido pelo funcionamento do pré-construído sobre o sujeito de enunciação na sua atividade de formulação) e sob o modo do desconhecimento do interdiscurso(ou seja, o desconhecimento – esquecimento – necessário na determinação do dizer e do sujeito pela instância ideológica).

Dada a definição, a autora(op.cit) compreende que o trabalho de explicitar/trabalhar a eficácia ideológica de *corpus* se resume à descrição das operações de formulação que

²³ N’OPasquim21 os editoriais podem ser escritos pelo editor-geral Zivaldo, ou pelo editor-chefe Zélio, bem como por outros colaboradores, como Arthur Poerner, Carla Furiati, Carlos Tautz, Emir Sader, Jânio de Freitas, Newton Carlos, Nei Sroulevich, Luis Fernando Veríssimo(foi quem escreveu o primeiro editorial do semanário e também o penúltimo “Adeus, Gaúcho Velho”), Luiz Fernando Victor, Paulo Rabello de Castro, , Davi Pinto, Milton Temer, Ricardo Furtado, Silvio Lancellotti.

²⁴ Courtine & Marandin (1983) destacam a relevância da noção de repetição que não adquiriu uma regulamentação conceitual dentro da AD. Os autores enfatizam o fato dessa noção ser constitutiva da própria AD que se pauta ela própria na repetição de outros discursos ainda que para estabelecer-se na diferença e, os efeitos dessa noção dentro dos conceitos que constituem a disciplina: a regulação da repetição dentro da formação discursiva por meio do pré-construído e o abandono da homogeneidade da FD enfatizando três aspectos que caracterizam sua inconsistência: a heterogeneidade, a descontinuidade e a contradição.

constituem as seqüências discursivas como *refomulações presas na rede de enunciados*(domínios de saber) e *na rede de lugares enunciativos*(modos de dizer/modalidades enunciativas) *que inscrevem o sujeito no fio do discurso*(*ibidem*).

Analisaremos os funcionamentos discursivos destes editoriais que percorrem um trajeto temático que consiste num ritual de continuidade do Pasquim dos anos 70, remetendo-o a uma rede de enunciados, um domínio de memória de resistência dos anos 70, na constituição do sentido de resistência.

O editorial abaixo caracteriza-se como sendo o primeiro da publicação do século XXI e é republicado na edição 118 a qual é escrita em forma de almanaque para findar a circulação do jornal.

Foi Luis Fernando Veríssimo quem fez nosso primeiro editorial. Brillhante como sempre ele nos entendeu e explicou. Para não restar dúvida, resolvemos republicá-lo na íntegra para possíveis aferições. (Zélio)

*Nossa ambição é modesta: **queremos reinventar a imprensa**. Ser o Gutemberg do pós-setembro 11. Respeitamos algumas convenções do jornalismo brasileiro – impressão papel, cafezinho ruim, estagiarias sem soutien etc. mas **mudaremos o resto**, pois OPasquim21 **não pode ser igual a nada que existe ou existiu. Inclusive o Pasquim**.*

*Para começar, queremos deixar bem clara a nossa posição, fato inédito na imprensa nacional. **Somos a favor do contrário de tudo o que está aí**. Os detalhes a gente vê depois.*

*A frase inaugural de qualquer empreendimento intelectual em qualquer lugar do mundo, como se sabe, **deve ser sempre “Hay gobierno?”**. Dependendo da resposta – se hay ou se não hay, e de que tipo é, inclusive se dá dinheiro para empreendimentos intelectuais – escolhe-se um comportamento. No Brasil, há anos que a pergunta provoca uma certa hesitação. “Bem...” Ou então ; “Gobierno, gobierno, não, mas...” Nos fizemos a pergunta e não encontramos respostas melhores que estas. Alguma coisa há. **Seja o que for, somos contra**.*

Nossa causa maior é o bom humor, o que não quer dizer que não abrigaremos rabugentos, ranzinzas e ranhetas com suas causas, desde que respeitem a Dona Ruth. E como você está vendo por esta amostra, pretendemos ser, acima de tudo, bonitos. E exibidos. Viemos com um time de desenhistas à altura de toda esta beleza gráfica e nossa meta é provocar orgasmos visuais múltiplos a cada edição.

*Porque o que não falta nesta terra, olha a mensagem, é talento. É ou não é? Essa é a grande injustiça nacional: toda essa inteligência em todas as suas formas, plástica, literária, analítica, crítica e criativamente anarquizadora que some, misteriosamente, quando se trata de haver gobierno e fazer um país inteligente. Nossa burrice oficial é proporcional ao talento desperdiçado. Nossa inteligência sempre se perde no caminho do poder, além de ser subaproveitada na grande imprensa. Assim toda a reunião de talentos brasileiros, como esta, se não serve para mais nada, serve para denunciar o desperdício. Não, não, ninguém aqui quer o poder. Bom, talvez o Ziraldo. **Só queremos ser o contraste**.*

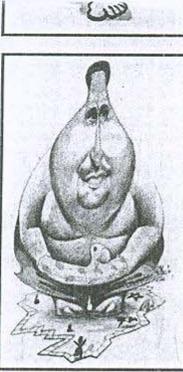
L. F. Veríssimo

mundo nunca mais será o mesmo, depois destes primeiros anos deste milênio que em tão pouco tempo já viveu tantas aventuras, já viu tantas loucuras e foi conivente com tais barbaridades. Tanto no mundo exterior, quanto em nosso próprio quintal, estamos identificando novos personagens e registrando fatos e feitos que só o distanciamento temporal nos permitirá uma visão histórica mais inteira e um entendimento mais claro.

Este semanário acompanhou, registrou, analisou e dimensionou os fatos, ações e decisões das últimas 120 semanas (metade delas aqui resumidas) e através deste Almanaque recompõe a história recente, listando nomes e fatos. Com a linguagem descontraída da palavra e do humor gráfico, nossos colaboradores acompanharam semana a semana o que aconteceu a nossa volta e que fez mudar, mesmo que ainda sutilmente, nossa visão das coisas e maneira de ser e encarar fatos, heróis e vilões de nosso cotidiano.

Ao longo das páginas que sequegem, o leitor poderá aferir onde estávamos e aonde estamos chegando neste caminhar confuso da humanidade. O humor dos chargistas, caricaturistas e cartunistas atenua os sustos mas cataloga, como num diário de bordo, a sequência da história, proporcionando uma leitura atemporal dos tempos que estamos vivendo. Daqui a um, dois, 10 ou 100 anos, rever, releer e interpretar o que hoje ocorre em nosso cotidiano irá ajudar, sem dúvida, a entender nossa maluquice.

Como diz um companheiro objetivo e prático, além de conservar a lembrança, um exemplar deste semanário não apenas ajudará a juntar o rebotado do dia-a-dia como também poderá ser uma herança de valor histórico e material. Poucas vezes nosso cotidiano pode ser registrado de maneira tão descontraída, bem humorada e verdadeira, já que está sendo preservado no momento em que ocorre, sem as interpretações que a distância e a pesquisa possibilitam. O que ocorre, freqüentemente, nesses casos é que a verdade é adaptada para satisfazer a vontade dos poderosos que nem sempre são aqueles que gostaríamos que fossem. Este é o nosso objetivo, com este Almanaque que marca o final de um período na vida deste semanário que vai deixar saudades, ah isso vai. (Zélio) 



Nem bem a ressaca do carnaval de 2002 fora curtida, este semanário começou a circular, concomitante com o início das convenções partidárias que indicariam candidatos aos cargos majoritários das eleições que se aproximavam. Nomes como **Ciro Gomes**, **Anthony Garotinho** e **Itamar Franco** eram vistos como possíveis candidatos indicados por suas legendas à disputa da Presidência. Começava assim nossa história, que o leitor poderá acompanhar, página o página, nesta edição. Se tiver coragem, siga em frente.



foi **Luis Fernando Verissimo** quem fez nosso primeiro editorial. Brilhante como sempre ele nos entendeu e explicou. Para não estar dúvida, resolvemos republicá-lo na íntegra para possíveis oferendas. (Zélio)

Nossa ambição é modesta: queremos reinventar a imprensa. Ser o Gutenberg do pós-setembro 11. Respeitaremos algumas convenções do jornalismo brasileiro – imprensa em papel, cafezinho ruim, estagiárias sem *soutien* etc. – mas mudaremos o resto, pois **OPASQUIM21** não pode ser igual a nada que já existe ou existiu. Inclusive o Pasquim.

Para começar, queremos deixar bem clara a nossa posição, fato inédito na im-

prensa nacional. Somos a favor do contrário de tudo que está aí. Os detalhes a gente vê depois.

A frase inaugural de qualquer empreendimento intelectual em qualquer lugar do mundo, como se sabe, deve ser sempre "Hay gobierno?". Dependendo da resposta – se *hay* ou se não *hay*, e de que tipo é, inclusive se dá dinheiro para empreendimentos intelectuais – escolhe-se um comportamento. No Brasil, há anos que a pergunta provoca uma certa hesitação. "Bem..." Ou então: "Gobierno, gobierno, não, mas..." Nos fizemos a pergunta e não encontramos respostas melhores do que estas. Alguma coisa há. Seja o que for, somos contra. Nossa causa maior é o bom humor, o que

não quer dizer que não abrigaremos rabugentos, ranzinzas e ranhetas com suas causas, desde que respeitem a Dona Ruth. E como você está vendo por esta amostra, pretendemos ser, acima de tudo, bonitos. E exibidos. Vimos com um time de desenhistas à altura de toda esta beleza gráfica e nossa meta é provocar orgasmos visuais múltiplos a cada edição.

Porque o que não falta nesta terra, olha a mensagem, é talento. É ou não é? Essa é a grande injustiça nacional: toda essa inteligência em todas as suas formas, plástica, literária,

analítica, crítica e criativamente anarquizadora que

some, misteriosamente, quando se trata de haver *gobierno* e fazer um país inteligente. Nossa burrice oficial é proporcional ao talento desperdiçado. Nossa inteligência sempre se perde no caminho do poder, além de ser subaproveitada na grande imprensa. Assim toda a reunião de talentos brasileiros, como esta, se não serve para mais nada, serve para denunciar o desperdício. Não, não, ninguém aqui quer o poder. Bom, talvez o Ziraldo. Só queremos ser o contraste. 

L.F. Verissimo



Neste editorial, a construção do discurso de resistência é realizada na articulação de discursos cujo efeito de sentido produzido é de um discurso supostamente revolucionário: “queremos reinventar a imprensa. Ser o Gutemberg do pós- setembro 11”.

A negação é um procedimento utilizado na construção de um discurso que busca se caracterizar como anarquista: “OPASQUIM21 não pode ser igual a nada que existe ou existiu. Inclusive o Pasquim”. No pronome indefinido “nada” está seu antônimo que é constitutivo de seu sentido, o “tudo”. Nega-se tudo, inclusive a si mesmo ao negar-se como o Pasquim dos anos de chumbo.

Esta negação é contraditória dentro do arquivo visto que no decorrer da publicação o jornal tende a se reafirmar como uma continuação do velho Pasquim. Retomaremos esta análise logo adiante.

Esta posição de negação é muito mais extrema comparada à primeira publicação(nos anos 70): “Somos a favor do contrário de tudo o que está aí”. No entanto, é uma posição vazia de sentido na qual a própria ação da resistência atua como possível auto-fagocitação. Pois ao opôr-se a tudo, opõe-se a nada ao mesmo tempo, num possível esvaziamento dos sentidos de resistência.

A atuação política sem um alvo definido perde sua função num enfraquecimento de sua posição em um momento em que as relações de força agem sob a ilusão “democrática: “Só queremos ser o contraste”. Ao definir-se na redução ao simples contraste, neutraliza-se o potencial de subversão da própria resistência. Contradição que se instala no próprio seio da FD de jornalismo de resistência.

Esta imagem revolucionária que marca os primórdios e o fim da existência do Pasquim21 tende a se embaralhar em meio a um discurso contraditório, conflituoso para o próprio jornal ao ocupar uma posição de resistência neste momento.

Há inclusive na edição de número 77, um editorial que é escrito em forma de carta, um bilhetão, dirigido ao presidente Lula. Escrita quando Lula(Luiz Inácio Lula da Silva) havia sido eleito presidente há pouco tempo e toda a imprensa reclamava sobre o fato do presidente só ter se pronunciado na Globo:

BILHETÃO AO PRESIDENTE

Caro presidente Lula:

Nós nos reservamos o direito de não ter que chamá-lo – como fazem os muitos formais – de Luiz Inácio Lula da Silva. Acreditamos ter com o senhor uma intimidade que vem desde os tempos de sua convivência com o Henfil, desde os tempos do carinho mútuo e da saudável cumplicidade de vocês dois. Nem precisamos lembrar, também, que foi ao velho Pasquim que o hoje presidente, ainda como uma liderança emergente em São Paulo, deu sua primeira grande entrevista de âmbito nacional. Ou seja, na nossa opinião, **a história de sua vida está, intimamente, ligada ao nosso jornal.**

É verdade que este aqui não é o velho Pasquim e, para muitos, nem mesmo é sua continuação. Nós, porém, **acreditamos que seja** e, ao usarmos com total legitimidade seu nome, mantivemos do velho jornal o espírito de indignação social que o caracterizou em outros tempos.

Queríamos lembrar ao presidente que fomos a primeira publicação nacional a dizer – ao contrário dos marqueteiros do outro lado – que o velho Lula tinha toda a categoria, toda a *aplomb*, toda a classe, todo o charme para exercer o cargo de brasileiro mais importante entre todos os outros 170 milhões de habitantes do país. Lembra da capa que o Aroeira fez para o Numero 2, com sua bela entrevista dada em São Paulo, ainda como um candidato longe da possibilidade certa da vitória? Você só não foi entrevista do Numero 1 porque, por sugestão sua mesmo ficava mais elegante estreamos ouvindo uma dama, afinal, todos sabemos que os ingleses têm razão; “Ladies, first!” e entrevistamos aquela que é, entre todas as grandes damas de nosso país, um dos mais belos exemplos de vida, Dona Zilda Arns. Ela veio, humildemente, à nossa redação – como a maioria de nossos grandes entrevistados vêm, de Armínio fraga a Roberto Requião, passando pelo vice-presidente José Alencar – e nós nos lançamos ao mercado certos de que **um país que tem OPASQUIM21 todas as semanas é melhor que um país que não tem um Pasquim. (Coisa que, aliás, todo anunciante brasileiro deveria entender: não se anuncia só para vender ou manter uma marca em evidência: anuncia-se para fazer deste um país melhor).**

Voltemos, porém, ao motivos deste bilhetão, presidente.

Seguinte: não é ciúme não, mas três entrevistas exclusivas para a TV Globo? Meu Deus, é a confirmação de que **santo de casa não faz milagre!** É claro que nós sabemos que uma entrevista sua n’OPASQUIM21 não será lida nem por 1% dos que o viram na Globo. Mas, é, ela, presidente, a entrevista dada ao nosso jornalzinho, que vai ficar na história. Como ficou aquela sua entrevista do bigodão preto – já reproduzida aqui no Número 4 – quando descobrimos que você só tinha quatro dedos na mão esquerda. Lembra?

Temos falado com o amigo Kotscho, nosso velho parceiro – do presidente e nosso – e estamos aguardando que o presidente tenha um tempinho para conversar conosco, com seus fiéis leitores – poucos mas *cumplidores* – que estão ansiosos para ouvir do velho Lula, outras palavras!

A entrevista pode ser aqui na redação – o que seria uma glória – mas também pode ser no Torto, num sábado, depois da pelafa.

Certos de que teremos atendida esta nossa convocação, apresentamos-lhe nossos votos de maior e mais absoluta consideração. Que seu velho e competente Anjo da Guarda continue do seu lado.

A Patota D’OPASQUIM21.

Este editorial marca duas importantes diferenciações nas ordens discursivas entre duas publicações do Pasquim: primeira, neste momento é possível tecer críticas diretas ao presidente e exigir dele uma outra relação com essa imprensa. E, segunda, há uma identificação da posição do jornal com a do presidente.

É produzida uma articulação entre a história do jornal e o progresso da história de vida do presidente, o qual é tido como um referencial para a história da oposição petista já

que Lula é um dos fundadores do partido: “Ou seja, na nossa opinião, a história de sua vida está, intimamente, ligada ao nosso jornal”. A figura do presidente Lula produz um efeito de espelhamento do jornal.

O jornal afirma ser a continuação do velho Pasquim por **manter** do velho jornal o *espírito de indignação social que o caracterizou em outros tempos*. É a memória discursiva que é lembrada em migalhas, pedaços. Rememora-se os tempos vividos pela oposição feita pelo Pasquim mas, desta vez, a indignação é referida ao presidente petista.

Essa indignação está sintetizada sobretudo no enunciado: “Meu Deus, é a confirmação de que santo de casa não faz milagre!”. A formulação consiste na paráfrase de um dito popular que expressa a falta de crença naqueles que pertencem à nossa casa, os que compartilham os mesmo ideais.

Uma oposição que materializa a contradição da posição do Pasquim21 através da formulação acima citada que contém tanto uma relação de distanciamento na negação, bem como uma relação de identificação em “santo de casa”.

A paráfrase citada acima reaviva memórias, convocando redes temáticas que sintetizam as contradições históricas do momento presente. O fato de haver um petista na função presidencial que “repete” atitudes tomadas por outros partidos, entre elas, a concessão de entrevistas exclusivas para a Globo(uma emissora de televisão que detém considerável audiência e grande poder de persuasão). A emissora traz na sua história uma posição de identificação e apoio aos partidos de direita.

São oposições temáticas que circulam neste contexto que marca o início do governo Lula. A posição do Pasquim21 é construída na contradição entre identificação e oposição ao governo. No entanto, esta oposição não é a mesma dos anos setenta. Os efeitos produzidos são mais de regulação do que de contestação do valores vigentes, já que as condições de produção são outras e o sentido de resistência está esvaziado.

Essa contradição pode ser pontuada na relação dos editoriais 61 e 64:

Editorial da edição n.61

O velho PASQUIM nasceu há quase trinta e cinco anos **com a missão e dever (!) de fazer oposição. Nós herdamos- à força! – o seu nome justamente para isso.**

Antes dele, já havíamos feito o PIF – PAF, com o Millor Fernandes; o Fortuna já tinha feito o MANEQUINHO na edição de domingo do velho CORREIO DA MANHÃ; minha turma fez comigo o CARTUM JS, um suplemento *incendiário*(no dizer de Nelson Rodrigues), que conseguimos encartar, por mais de um ano, no JORNAL DOS SPORTS. Fizemos, por algum tempo, um Suplemento Especial de Humor nas páginas do moribundo O CRUZEIRO – editado pelo querido Mário de Moraes – chamado O

CENTAVO(quando a direção da revista lembrou-se de dar uma olhada no suplemento, arrancou os cabelos e nos expulsou a todos). Estivemos também nas páginas dominicais do super-conservador ESTADÃO – de onde fomos literalmente defenestrados – nas duas vezes que conseguimos ultrapassar suas muralhas medievais.

Em outras palavras, nós não sabemos fazer jornal nadando rio abaixo. Portanto, nas páginas d’OPASQUIM21 não há nem haverá nenhum tipo de censura. Nossos amigos pessoais – como, aqui no caso, meu irmão Milton Temer e o meu primo (mesmo!) Paulo Rabelo de Castro – que convidei pra meter sua colher-de-pau além de nossos colaboradores de sempre, vão sempre dizer o que pensam.

Por mais esperança que eu, pessoalmente, tenha. (grifos meus)
(Ziraldo)

No editorial acima, a **oposição** herdada do velho Pasquim é reiterada: “O velho Pasquim nasceu há quase trinta e cinco anos com a missão e dever (!) de fazer oposição. Nós **herdamos – à força** – seu nome justamente para isso”. O efeito de sentido de obrigatoriedade da oposição exercida pelo Pasquim(nos anos 70) e da continuidade da imprescindibilidade deste jornal, neste momento, é produzido através do discurso de autoridade o qual evoca para si, por meio de uma “herança”, “a missão e o dever de fazer oposição”.

A interpretação de seu papel como *missão e dever* de fazer oposição se assenta nas possibilidades restritas de um momento de censura em que escolhas eram tolhidas e ações foram vigiadas e punidas pela censura. O imaginário de um Pasquim combatente, não subserviente é reavivado na busca dar-lhe continuidade.

A contraditoriedade dessa continuidade do Pasquim21, o qual apaga suas condições de produção específicas, é evidenciada pelo próprio jornal formulada em forma de desabafo ao seu leitor quando diz que esse nome é herdado *à força*.

Em seguida, a sequencialização das várias publicações realizadas por este grupo e o enunciado conclusivo “Em outras palavras, nós não sabemos fazer jornal nadando rio abaixo”, podem ser compreendidas dentro da mesma matriz de sentido desta posição discursiva de resistência em que há uma necessidade recorrente de se dizer oposição. Interessante notar que este é o editorial de número61 (o jornal teve 120 edições ao todo) e ainda necessita afirmar-se como um lugar na mídia de oposição e como uma continuidade do velho Pasquim.

A contradição da posição do Pasquim21 entre oposição e identificação, mencionada anteriormente, aparece ainda ao fim deste editorial ao afirmar que a oposição será feita “por mais esperança” que ele, o Ziraldo, “pessoalmente tenha”. O jornal está se colocando

brícia (17), sua filha de leite. Aqui, nesta bela foto, Sacha e Ian posam com a mamãe nas águas e na paisagem de Alagoas, estado onde eles vieram ao mundo. Fabrícia, que nasceu na mesma época que o Ian – de mãe pobre e com deficiência visual total – teve a sorte de ter como enfermeira a jovem Heloísa Helena e virou sua filha.

É claro que quando, na capa, dissemos que a senadora tinha amores secretos, ninguém acreditou que pudesse ser uma fofoca grosseira. Foi só um jeito de chamar um pouco mais a atenção para o nosso jornal, que o leitor brasileiro está custando a descobrir na medida que sonhávamos. Jornal de Humor é assim: brincando, brincando, vai revelando o que há por trás das mentiras. *Ridendo castigantur mores*, já dizia os latinos falando dos humoristas (que em Roma não se chamavam assim: humorista daquela época era o médico).

★ ★ ★ ★ ★

Séculos atrás, eu mesmo botei uma capa com uma brincadeira assim no velho *Pasca*. Sílvia Amélia era uma das socialaites mais badaladas na época; Tarso de Castro vivia cantando a beldade pelos jornais e as moças, naqueles dias, não se despiam com a mesma facilidade com que se despem hoje. Pois botei lá na capa do jornal: "Neste número: Sílvia Amélia nua!" O jornal vendeu adoidado. Lá dentro, o que havia era o retrato de um lindo bebê deitadinho com o bumbum para cima! (A modelo da foto engraçadinha é, hoje, a cineasta Mariana Garcia Neder, minha linda afilhada). E inventamos que aquela era ela, Sílvia bebê, nua como Deus a pôs no mundo. A manchete da capa souou como verdadeira. Todo mundo acreditou.

★ ★ ★ ★ ★

Como Heloísa Helena está na ordem do dia e, apesar de senadora, até que é uma moça muito da bonitinha, resolvi repetir a ideia. Soará como farsa, mas o que se há de fazer, a história se repete assim.

Não se diga que esta simpática brincadeira com a senadora Heloísa Helena significa que estamos to-



dos concordes com suas posições, neste momento de tanta tensão. Pelo menos, no que me concerne, preferia que a crise interna do partido não tivesse ganhado as ruas e as manchetes dos jornais.

★ ★ ★ ★ ★

Não sou e nunca fui do PT – aliás, nunca fui militante de qualquer partido – mas todas as posições que tomei ao longo de minha vida, digamos, política, foram próximas das que se colocaram ao lado dos que se chamam contemporizadores. Sempre me exaltei sem perder a possibilidade de voltar à calma.

Pela primeira vez, estamos fazendo um jornal que não é de oposição. Como grupo, não sabemos fazer um jornal situacionista. É claro que jamais negociaremos nossas convicções, isto nem se diz. Continuaremos sempre vivendo sem anúncios, prestes a sermos presos na mesma torre do Oscar Wilde, mas vamos levando, esperando que, presto, nossos velhos amigos nos socorram, agora que podem.

★ ★ ★ ★ ★

Nesta edição, meu velho Milton Temer faz as mesmas perguntas que faço, a toda hora. Patético, ele se dirige a Lula para perguntar: "até quando vamos ver seu

governo se pautando pela submissão à absoluta satisfação do FMI e dos banqueiros privados?" E segue com outras perguntas que, também, ando fazendo, angustiado – veja a página 11 – querendo saber onde me colocar nesta briga.

É certo que adoraríamos sentar frente ao Lula e ao grupo que o assessora mais diretamente para ouvir deles uma resposta olho no olho. Enquanto isto não acontece, vamos assistindo à crise na esperança de um final feliz.

★ ★ ★ ★ ★

Pelo que nos foi sempre dado observar, nunca houve uma unidade dentro do PT e isto foi sempre resolvido democraticamente. As várias tendências do partido, sempre à esquerda do pensamento dominante, variavam de tom e estilo e o partido chegou ao poder com o amplo domínio da tendência chamada Articulação. E deixou, sem força de decisão, o grupo da chamada Democracia Socialista. Enquanto a *briga* estava dentro de um partido de oposição de porte médio, tudo se resolvia sem a esquizofrenia da mídia e de alguns personagens do drama. Mudada a instância das desavenças, estas recrudesceram de importância e se derramaram além das bordas que limi-

tavam sua efervescência. Viraram o principal assunto nacional.

Acredito que alguns dos personagens que ganharam notoriedade nacional – excludo Heloísa Helena deste grupo, pois sua coerência e talento já a haviam colocado sob as luzes dos holofotes da vida política – não conseguiram, a partir da súbita notoriedade, recuarem da possibilidade de se transformar em lideranças nacionais. O que é muito natural, pois é difícil para a mariposa livrar-se da luz, sem qualquer insinuação maléfica na metáfora sem muito brilho. O episódio da divulgação da fita do discurso do Lula, porém, foi de uma inadequação sem qualquer perdão. Poderia ter partido de qualquer inimigo do atual presidente, mas levar a desavença partidária a este nível de ação é muito pior do que achar que Lula é um traidor irreversível de seus ideais.

★ ★ ★ ★ ★

Acredito que as perguntas do Milton possam vir a ter respostas que não nos transformem em definitivos desalentados desiludidos.

Li seu artigo, que nos chegou depois de domingo, quando encontrei no Tarso Genro – e depois no Clóvis Rossi, justamente citando o minis-

pode ser sem volta, pois ele diz que "não há precedente histórico nem uma teoria de transição de um modelo de modernização conservadora vinculada ao capital financeiro para um modelo produtivista de crescimento acelerado e inclusão social."

Não é muito estimulante, não é, companheiro? Diminui a intensidade da esperança.

★ ★ ★ ★ ★

Acredito que FHC, quando se entregou de vez aos ditames da nova ordem internacional, ao capital especulativo e às promessas da globalização, acreditou que pudesse dar a volta por cima e retornar aos propósitos do seu velho discurso. O que me parece é que ele percebeu cedo que ia dar muito trabalho e desistiu.

Minha esperança reside numa pequena frase do Tarso Genro, dita logo após a afirmação que citei. Ela vem, para mim, reforçada pelo fato de que confio nessa turma que está aí, Milton. E espero que o Tarso não esteja sendo apenas retórico – aliás, a frase é curta – quando diz que "temos que teorizar e praticar." Esta, a frase.

O que temos que fazer, ele certamente está dizendo, é incorporar à nossa luta o belo verso do Antonio Machado: "Caminante, el camino se hace al caminar."

★ ★ ★ ★ ★

Uma vez vi o Snoopy dançando feito um louco em várias tiras seguidas do Schulz. Na última, a Lucy chegava pra ele e dizia: "Pare de dançar, Snoopy, você não vê que ninguém pode ser tão feliz?" O Snoopy parava de dançar e começava a repletir: "É verdade, a Lucy tem razão. Ninguém pode ser tão feliz." Aí, dava uma parada, pensava um pouquinho e voltava a dançar, freneticamente, dizendo: "A não ser que eu esteja batendo um novo recorde!"

É isto, Tarso. É isto, Milton. Quem sabe o Lula não está batendo um novo recorde?

Eu sou mais o Snoopy do que a Lucy.

Ⓟ

Ziraldo

na mesma posição do discurso presidencial do governo Lula, cujo slogan de comemoração de eleição foi “a esperança venceu o medo”. Um discurso transversal a ser recuperado pela memória discursiva do leitor. A continuidade do Pasquim dos anos 70 é construída ao se propor uma posição de oposição independente da conjuntura democrática dessa atualidade e, mais do que isso, petista. No entanto, uma oposição sem ecos.

Recorte do editorial 64

.....**Não sou e nunca fui do PT – aliás, nunca fui militante de qualquer partido** – mas todas as posições que tomei ao longo de minha vida, digamos, política, foram próximas das que se colocaram ao lado dos que se chamam contemporizadores. Sempre me exaltei sem perder a possibilidade de voltar à calma.

Pela primeira vez, estamos fazendo um jornal que não é de oposição. Como grupo, não sabemos fazer um jornal situacionista. É claro que jamais negociaremos nossas convicções, isto nem se diz. Continuaremos sempre vivendo sem anúncios, prestes a sermos presos na mesma torre do Oscar Wilde, mas vamos levando, esperando que, **presto, nossos velhos amigos nos socorram, agora que podem.**

Nesse trajeto de sentidos, que vai sendo percorrido nesta posição discursiva do Pasquim21, há uma contradição entre a formulação que denominava o Lula metaforicamente como o “santo de casa”(no editorial n.77) e a afirmação “Não sou nem nunca fui do PT”(do editorial n.64). Tal contradição desta posição discursiva (oposição/identificação com o governo) reflete no próprio sentido de oposição desta conjuntura podendo ser encontrada em várias situações.

É possível pontuá-la também, ao se comparar o enunciado do editorial n.61 “Não sabemos fazer jornal nadando rio abaixo” com a formulação do editorial n.64: “Pela primeira vez, estamos fazendo um jornal que não é de oposição. Como grupo não sabemos fazer um jornal situacionista”. O “não ser de oposição” está relacionado à identificação com o governo petista que chega ao poder pela primeira vez.

Esta identificação com o partido de esquerda também está na formulação em: “velhos amigos...agora que podem”. Mas o “não saber fazer um jornal situacionista” remete à insistência de ser o porta-voz da oposição, à insistência na continuidade de um discurso de denúncia e oposição, apagando as condições de produção do momento em que tal ação não teria a mesma eficácia.

E, por fim, o editorial da edição 101 cuja proposta da capa é “uma volta às origens”. Tal enunciado produz simultaneamente o sentido ambíguo de origem: uma volta ao sentido primeiro de jornalismo e uma volta ao suposto início da evolução humana.

Essa articulação discursiva embasa o discurso de resistência na medida em que estabelece fronteiras entre o discurso da grande imprensa e o discurso pasquiniano:

EDITORIAL

O jornalismo nasceu para esclarecer as massas, para levar a elas a Nova Mensagem, para despertar a população para seus problemas, para vender idéias e convicções.

Com o desenvolvimento dos mecanismos técnicos de comunicação surgiram os desdobramentos dessas missões precípuas do jornalismo. Aí, apareceram as publicações setorializadas, um jornalismo de segunda ordem – não de segunda qualidade, é claro – mas afastado das discussões das idéias que, isto sim, eram sua essência. No século 20 os campos de cada atividade do jornalismo ficaram muito bem marcados. Passaram a existir publicações muito bem especializadas em assuntos que interessavam a públicos mais determinados: as revistas femininas, as revistas infantis, as revistas profissionais, etc. logo, a periodicidade dessas revistas passou, também a ser setorializada e surgiram as grandes revistas **analíticas, trituradoras das notícias, denunciadoras, informativas, importantes para a compreensão de cada pedaço do tempo que elas cobriam.** Foi a época das grandes revistas semanais, importantes em todo o mundo. Seu modelo mais famoso, imitado pelo mundo inteiro, foi a *Time* americana.

Antes da televisão, as revistas semanais tinham aspecto mais eclético, como a *Life* americana e a *Paris Match*, francesa. Elas falavam de tudo, tinham uma grade de assuntos como as TVs (até textos ficcionais faziam parte desta grade).

Somente no começo da segunda metade do século, sua primeira década, com a revista *Visão* e depois a *Veja*, é que o modelo *Time* foi lançado no Brasil. E tivemos, assim, o espaço semanal ocupado pela *Veja* – a *Visão* não durou muito- depois a Isto é e, finalmente, a *Época*. Durante muito tempo elas praticaram – independente de boas ou más intenções – **aquele tipo de jornalismo mencionado no começo do nosso editorial.** Pretendiam ser **formadores de opinião, porta-vozes do pensamento brasileiro, reflexo do que era o país.** Isto, até o momento em que nossa imprensa deixou de ser movida por ideais jornalísticos e **virou mesmo um negócio empresarial, uma indústria movida pela coluna do branco e do vermelho.** Neste ponto, ela decidiu seguir os passos da televisão: dar ao povo o que o povo quer. A solução foi acreditar mesmo na terrível mentira de que **a voz do povo é a voz de Deus.**

Aqui estão algumas das capas de nossas revistas semanais mais importantes, depois da queda. Estão todas, hoje, transformadas, pela força dos Novos Tempos, nas suas velhas irmãszinhas que se chamavam *Jóia, Cigarra, Vida Doméstica, fon-Fon, Nova, Cláudia, Amiga, Desfile, Revista do Rádio, que é isso que o povo gosta.*

Nós não podíamos ficar para trás. Afinal, temos que parar com essa mania de querer ser, através do humor e da ironia, **sérios, profundos e responsáveis.** Vamos todos cair na gandaia, virar *big-brothers*, afinal, OPASQUIM21 também precisa sobreviver. Aqui estamos nós, pois, para falar, senhores, daquilo que, entre outras coisas, o povo gosta mesmo; sexo, muito sexo.

Só para sermos originais, vamos juntar, de uma vez, dois temas mais relevantes do momento: sexo e ecologia. **Inauguramos a Ecologia Sexual!**

Voltemos às origens!

Nada de depilação nem silicone !!! Queremos tudo – estou falando dos homens que pensam em sexo puro, nossos leitores de hoje em diante – com muito suor e com muito pêlo. Voltemos todos à mata !!! **Sejamosecolossexuais!!!**

Ziraldo

EDITORIAL



O jornalismo nasceu para esclarecer as massas, para levar a elas a Nova Mensagem, para despertar as populações para seus problemas, para vender idéias e convicções.

Com o desenvolvimento dos mecanismos técnicos de comunicação surgiram os desdobramentos dessas missões preclusas do jornalismo. Ai, apareceram as publicações setorializadas, um jornalismo de segunda ordem – não de segunda qualidade, é claro – mas afastado das discussões das idéias que, isto sim, era a sua essência. No século 20 os campos de cada atividade do jornalismo ficaram muito bem marcados. Passaram a existir publicações especializadas em assuntos que interessavam a públicos mais determinados: as revistas femininas, as revistas infantis, as revistas profissionais, etc. Logo, a periodicidade dessas revistas passou, também, a ser setorializada e surgiram as grandes revistas analíticas, tritadoras das notícias, denunciadoras, informativas, importantes para a compreensão de cada pedaço do tempo que elas cobriam. Foi a época das grandes revistas semanais, importantes em todo o mundo. Seu modelo mais famoso, imitado no mundo inteiro, foi a *Time* americana.

Antes da televisão, as revistas semanais tinham aspecto mais eclético, como a *Life* americana e a *Paris Match*, francesa. Elas falavam de tudo, tinham uma grade de assuntos como as TVs (até textos ficcionais faziam parte desta grade).

Somente no começo da segunda metade do século, na sua primeira década, com a revista *Visão* e depois com a *Veja*, é que o modelo *Time* foi lançado no Brasil. E tivemos, assim, o espaço semanal ocupado pela *Veja* – a *Visão* não durou muito – depois a *Isis* e, finalmente, a *Época*. Durante muito tempo elas praticaram – independente de boas ou de más intenções – aquele tipo de jornalismo mencionado no começo do nosso editorial. Pretendiam ser formadoras de opinião, porta-vozes do pensamento brasileiro, reflexo do que era o país. Isto, até o momento em que nossa imprensa deixou de ser movida por ideais jornalísticos e virou mesmo um negócio empresarial, uma indústria movida pelas colunas do branco e do vermelho. Neste ponto, ela decidiu seguir os passos da televisão: dar ao povo o que o povo quer. A solução foi acreditar mesmo na terrível mentira que diz que a voz do povo é a voz de Deus.

Aqui estão algumas das capas das nossas revistas semanais mais importantes, depois da queda. Estão todas, hoje, transformadas, pela força dos Novos Tempos, nas suas velhas irmãszinhas que se chamavam *Jóia*, *Cigarra*, *Vida Doméstica*, *For-For*, *Nova*, *Claudia*, *Amiga*, *Desfile*, *Revista do Rádio*, que é disto que o povo gosta.

Nós não podíamos ficar atrás. Afinal, temos que parar com essa mania de querer ser, através do humor e da ironia, sérios, profundos e responsáveis. Vamos todos cair na gandaia, virar *big-brothers*, afinal, *OPASQUIMIZ* também precisa sobreviver. Aqui estamos nós, pois, para falar, senhores, daquilo que, entre outras coisas, o povo gosta mesmo: sexo, muito sexo. É a ele – o sexo machista, claro – que dedicamos nosso número de hoje, inaugurando nossos novos rumos editoriais!

Só para sermos originais, vamos juntar, de uma vez, dois temas mais relevantes do momento: sexo e ecologia.

Inauguramos a Ecologia Sexual!
Voltemos às origens!
Nada de depilação nem silicone!!! Queremos tudo – estou falando dos homens que só pensam em sexo puro, nossos leitores de hoje em diante – com muito suor e com muito pólo. Voltemos todos à mata!!!
Sejamos ecolossexuais!!!

Ziraldo



Este editorial n.101, um dos últimos, dado que a publicação do Pasquim21 atingiu somente a edição 120, ainda buscava uma auto-definição para sua posição discursiva.

A historicização do jornalismo busca produzir um efeito de verdade e naturalização para que o jornal seja melhor aceito pelos leitores. O jornal narra a história decadente da imprensa para justificar sua posição de oposição e, neste momento, a oposição é referida a todo resto da imprensa que “dá ao povo o que o povo quer” e não mais uma oposição ao governo.

O efeito de continuidade é mais uma vez produzido com o enunciado: “temos que parar com essa mania de querer ser sérios, profundos e responsáveis”.

3.5 Considerações parciais

O Pasquim21 ocupa uma posição discursiva em que se enuncia como resistente pautando-se em uma memória discursiva de resistência. Sendo que a repetição e o deslocamento são regulados pela circulação do dizer. Ao mesmo tempo em que no funcionamento desta nova discursividade pasquiniana é lembrada a força resistente do Pasquim nos anos 70, silencia-se a especificidade de sua eficácia atrelada às condições de censura da época.

As fronteiras discursivas são menos delimitadas nesta conjuntura. Com a indefinição do referente de oposição, o qual oscila na contradição entre oposição e identificação ao governo petista no poder, o próprio sentido de resistência se desintegra. Por isso, se faz necessária a recorrente reafirmação da necessidade deste tipo de publicação que se quer não só humorística, mas também revolucionária, resistente. É preciso (re)lembrar aos leitores a eficiência dessa publicação.

Ao longo de todo o período dessa segunda publicação(OPASQUIM21) o editorial é um gênero discursivo em que o procedimento da derrisão é bastante distinto do da primeira publicação. É importante lembrar que a diferença entre o verbal e não-verbal que existe nas capas, também está presente nos editoriais. Há a presença de textos não-verbais nos editoriais, sobretudo num momento em que a censura dificulta ainda mais a publicação do jornal, a qual se contrapõe à ausência do não-verbal nos editoriais do Pasquim21.

No Pasquim dos anos 70, o funcionamento da derrisão se realizava sobretudo juntamente com a polêmica com o discurso outro ou ainda, com bastante relevância, através do funcionamento da negação. Esse duplo funcionamento produzia de diferentes maneiras um efeito ambíguo de contestação e regulação na busca de estabelecer uma oposição.

Já no Pasquim21, há o funcionamento de uma negação que ao invés de polemizar, dilacera o próprio sentido da oposição, dando lugar a uma contradição que acaba por gerar uma indefinição da posição para o próprio jornal.

Na primeira publicação, o trajeto temático de liberdade percorre vários sentidos de liberdade e perpassa os sentidos de oposição. Ser livre é ser independente, é poder falar, é não ter que se submeter à posição de súdito, ou seja, ser livre é se opor à condição imposta pelo sistema ditatorial de censura e repressão.

O sentido de resistência está relacionado aos sentidos de liberdade e oposição nesta conjuntura. Ambos sustentam uma discursividade que busca o escapismo. O rato(Sig) pequeno e ágil quer escapar da opressão.

Já no Pasquim21, o trajeto temático se pauta no continuísmo, no retomar de uma memória. Os sentidos de liberdade são diferentes dos da primeira publicação. Estes se produzem pela ausência, a liberdade só é mencionada em relação ao Pasquim que já existiu, um sentido épico. Na conjuntura atual, na forma de não-dito, a liberdade é ampla.

É possível opor-se abertamente a tantas coisas, que ambos os sentidos de liberdade e oposição se pulverizam e desvanecem : “somos a favor do contrário de tudo o que está aí”.

Diante da indefinição do sentido de oposição, a posição do jornal e o sentido de resistência também são indefinidos. Isso não quer dizer que não seja possível fazer oposição nesta conjuntura política democrática, mas sim, que a oposição feita pelo jornal não é clara.

“...Assim começaria a se constituir um espaço polêmico das maneiras de ler, uma descrição do “trabalho do arquivo enquanto relação do arquivo com ele mesmo, em uma série de conjunturas, trabalho da memória histórica em perpétua confronto consigo mesma”(Pêcheux, 1994:57)

4. O JORNAIS E SEUS LEITORES

4.1 Os caminhos percorridos pelos leitores

O jornalismo possui uma tradição de dar um espaço ao leitor por cultivar em nossa sociedade um imaginário de veiculador da opinião pública. Nesta relação, a imprensa se define como mediadora entre o leitor e a informação. No entanto, na ditadura a função da imprensa de mediadora da informação fica comprometida.

Na imprensa alternativa, esse espaço é ainda um dos critérios essenciais que a difere da grande imprensa. Ela busca estabelecer um contato mais próximo com o leitor.

Isso acontece sobretudo no Pasquim, nos anos 70, em que os leitores não só utilizam o jornal para expressarem suas opiniões, como também são integrantes dos jornais. Eles adotam o estilo do jornal na escritura, escrevem não somente para expressar suas opiniões, mas para estar no jornal. São leitores “quixotes” que embarcam nas veredas a que os semanários se destinam como partícipes de funcionamentos discursivos no jornal que constituem representações dos próprios jornais e de seus leitores.

Assim como o personagem protagonista do romance de Cervantes²⁶ que toma para si o nome de Dom Quixote de La Mancha(tendo variantes do sobrenome Quijano, ou Quijana, ou Quijada, ou Quesada) após ler várias novelas de cavalaria, criando uma

²⁶ A respeito da relevância discursiva da obra de Cervantes, Khalil(2001:38) observa: Cervantes mostra-nos que um texto é, como o cavaleiro Quixote, não apenas **um**, mas vários. Dessa forma, o texto cervantino não contém o estabelecimento de uma única verdade, mas de uma multiplicidade de verdades. O constante jogo entre o mundo real e o mundo dos livros operado por Dom Quixote reforça o questionamento de uma **verdade única**, uma vez que há em cada página uma ponte para a reflexão acerca do que é real e do que é imaginário. Muitas vezes as invenções de Dom Quixote são mais coerentes do que a **realidade** e, embalado por esse ritmo, o leitor pode perceber que o real comporta muitas realidades, dentre elas a ficção.

intersecção entre o mundo real e o mundo dos sonhos, enfatizando as várias vozes, posições que um sujeito pode ocupar; também o fazem os leitores pasquinianos.

Estes, em suas cartas, por meio da heterogeneidade enunciativa de seus textos, apontam para realidades possíveis de compreender o jornal e a própria “realidade” em que vivem, sobretudo nas publicações da conjuntura da ditadura militar.

Neste capítulo, focaremos na Seção de Cartas em ambos os semanários com o intuito de assinalar os diferentes funcionamentos destes espaços como uma prática discursiva. Buscando acentuar as diferentes relações que o jornal estabelece com os leitores nos diferentes momentos e os diferentes efeitos de leitura que se têm dos jornais. Reconhecemos aí uma possibilidade de produzir efeitos de resistência.

O sujeito-leitor é uma constituição histórica, que está associada à própria constituição do sentido que também é histórica. Dentro desta perspectiva discursiva, a leitura é compreendida como interpretação e seus efeitos são obtidos a partir da inscrição do sujeito-leitor em determinada região de sentidos.

Trata-se, pois, de pensá-lo numa perspectiva discursiva do sujeito, que concebe o momento da interpretação como a inscrição deste em determinada posição-sujeito de uma dada formação discursiva. Neste sentido, Indursky (1988: 191) define efeito-leitor:

É preciso ressaltar, entretanto, que um mesmo *sujeito-leitor* pode identificar-se com diferentes *efeitos-leitores*. Passar de um *sujeito-leitor* para outro pode significar uma troca ao nível do sujeito empírico; já passar de um *efeito-leitor* a outro implica necessariamente passar de uma formação discursiva para outra. Essa troca de domínio de saber, contudo, *não é fruto de um ato voluntário do sujeito leitor*, pois não se trata propriamente de um sujeito, mas de sua posição. Ela é decorrente da passagem de um *efeito ideológico* para outro. Apenas *sujeitos-leitores* inscritos em formações discursivas diversas podem preencher diferentes *efeitos-leitores*.

À esteira da autora, a diferenciação dos leitores que emitem opiniões diferentes em relação ao jornal, consiste na inscrição do sujeito-leitor em formações discursivas diferentes face ao mesmo jornal, no caso os Pasquins.

De modo que o leitor pode identificar-se com a formação discursiva mesma do jornal, ou com a da grande imprensa o que remete a uma filiação à outra matriz de sentido. Por isso, a autora diz que neste processo de identificação *o sujeito leitor emerge da prática da leitura como efeito-leitor*(op.cit.p.198). Sendo que uma mesma materialidade discursiva pode instaurar movimentos de leitura antagônicos.

Nossa formação social caracteriza-se por um complexo de formações discursivas em que várias matrizes de sentido coexistem determinando que a inserção em cada uma delas produza efeitos de sentidos diferentes. Como diz Pêcheux (1988: 161).

uma mesma palavra, uma mesma expressão e uma mesma proposição podem receber sentidos diferentes – todos igualmente “evidentes” – conforme se refiram a esta ou aquela formação discursiva, é porque – vamos repetir – uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem *um* sentido que lhe seria “próprio” vinculado a sua literalidade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras expressões ou proposições mantêm com outras palavras expressões ou proposições de uma mesma formação discursiva. De modo correlato, se admite que as *mesmas* palavras, expressões ou proposições mudam de sentido ao passar de uma formação discursiva a outra...

Transpondo essa condição do sentido para uma teoria discursiva da leitura, ressaltamos que o funcionamento da leitura possibilita que uma mesma materialidade discursiva seja lida diferentemente de acordo com a posição discursiva do leitor.

Nesta análise, consideramos o efeito-leitor produzido sob duas perspectivas. A primeira é a necessidade de ressaltar a coexistência da formação discursiva de resistência do jornal com outras num momento específico, isto é, numa relação sincrônica.

Pode-se considerar que, nas condições de produção no período ditatorial, o leitor possa ora ocupar uma posição a favor do governo ditatorial, ou da grande imprensa que se organiza de maneira conivente com o sistema, e assim, contra OPASQUIM. Outrora à favor da mídia imprensa alternativa que se caracteriza pela resistência e, conseqüentemente, contra a grande imprensa e o governo.

Numa segunda perspectiva, importa correlacionar os efeitos-leitores de cada publicação acentuando as diferentes leituras que se tem de uma publicação que se auto-denomina resistente em conjunturas históricas distintas, ditatorial e democrática.

Para tal análise nos deteremos acerca de um importante conceito na análise do discurso, o conceito de condições de produção. Este é um dos conceitos trabalhados inicialmente por Pêcheux, em 1969, que marca a ruptura epistemológica dessa nova ciência para dar conta da falta de uma “teoria do sujeito e da situação” na lingüística (Courtine,1981) e, por outro lado, substituir o conceito de circunstância em teorias de caráter sociológico ou funcionalista.

Deste modo, a situação de enunciação é analisada a partir do pressuposto, como já dissemos, de que há a inscrição do sujeito em uma posição prévia de discurso. O jogo de formações imaginárias proposto a partir do esquema de Jakobson traz para o escopo da enunciação a idéia de que os processos discursivos trazem representações de posições historicamente constituídas.

O funcionamento do processo discursivo requer um jogo de antecipações que cada enunciador, a partir das determinações de sua própria posição, fará das posições de seus enunciatários e os referentes em questão. Essa representação discursiva está relacionada a lugares que são objetivamente definidos numa formação social dada. De modo que *o imaginário domina ou eclipsa as determinações objetivas que caracterizam um processo discursivo*(Pêcheux e Fuchs,1975: 25).

Num primeiro momento, essa concepção de representações imaginárias engendra algumas interpretações equivocadas. Por conseguinte, Pêcheux e Fuchs(1975), retomam este conceito de imaginário para reafirmar que se trata de relações de lugares socialmente marcados que se sobrepõem à circunstância e não de um jogo imaginário no sentido psicosocial do termo. O termo “produção” também não faz referência ao processo cognitivo, mas sim às determinações de um processo discursivo ou características de uma “situação concreta”.

Considerando o jogo de imagens proposto por Pêcheux que antecedem o acontecimento discursivo seria da seguinte forma: quem sou eu para lhe falar assim? IA(A) De que lhe falo assim? IA(R) Quem é você para eu lhe falar assim? IA(B) Quem sou eu para que você me fale assim? IB(IA(B)).

Neste caso, corresponde às interrogações do jornal aos seus leitores da seguinte forma: que jornal é esse para lhe falar assim? De que lhe falo assim? Quem é você leitor para eu lhe falar assim? Quem sou eu leitor para que você me fale assim? Já que os sentidos são efeitos de sentido e estes estão relacionados a um jogo da língua na história, os jornais produzem efeitos de resistência neste espaço(as cartas) de maneira distinta.

Para melhor compreender esse jogo de representações em cada jornal e a maneira como são construídas, apresentaremos um olhar primeiro sobre a seção de Cartas em cada uma das publicações e, em seguida, nossa análise.

OPASQUIM – na década de setenta

Na década de 70, esta seção de cartas é bastante significativa, ocupa toda a página dois do hebdomedário. Seguindo um estilo que é próprio do jornal, um efeito satírico de deboche, de gozação é produzido por vezes com a cumplicidade dos leitores.

Como afirma Kucinski (2003:214/5), não há uma preocupação de paternalizar ou instrumentalizar os leitores. Há inclusive espaço para alguma agressividade nesta relação. Tal agressividade, o “esculacho” e as possíveis alterações que as cartas podem receber²⁷, advertidas pelo próprio jornal que as respondem na pessoa de Ivan Lessa sob o pseudônimo de Edélsio Tavares , produz um **efeito de ficcionalidade**, um espaço em que se inventa, se fala sobre assuntos sérios e banais.

Braga(1991:153) entende que essa ficcionalidade é produzida na medida em que as cartas deixam de ser simplesmente cartas de leitores e passam a ser também cartas de Edélsio, um locutor fictício que responde a um destinatário igualmente fictício no intuito de assegurar uma crítica social através da agressividade. De modo que se construa uma sátira ao próprio conceito de opinião pública, à publicação fiel dos outros jornais fazendo crer que exprimem a voz da sociedade. Sátira na qual residem os efeitos de contestação.

Interessa-nos a posição do leitor que adota o estilo pasquiniano de escrita e escreve não como estando de fora do jornal, mas para fazer parte dele. Por isso os entendermos como “quixotes” que embarcam na construção de suas verdades. É o efeito de um leitor quixoteano que é produzido.

O semanário estabelece um jogo com seus próprios leitores, rompendo com as principais características deste gênero que consiste em garantir ao leitor um espaço em que possa expressar “livremente” sua opinião ou comentário sem interferências.

²⁷ O próprio jornal avverte o leitor acerca das possíveis alterações neste espaço. Na edição 177, entre as cartas um aviso: “Aviso! Aviso! As cartas longas e tediosas serão resumidas ou forjadas a dar mais interesse a esta seção, em franco declínio(sim, vide o Caudilho Espanhol), conforme previsto nos artigos 13, 67 e 789 de nossos regulamentos. Pedimos aos leitores também que façam indagações razoáveis e sensatas, que serão todas respondidas na medida do possível. Obrigado, leitores!”

Já há aqui um efeito de resistência produzido pelo hebdomedário na recusa ou rompimento com o gênero da seção dos leitores. A particularidade de sua “Seção Cartas”, a maneira livre de conduzi-la produz esse efeito de liberdade e contestação instaurando por si só uma discursividade de resistência.

A importância deste espaço se dá sobretudo, pela polêmica que é instaurada pelo jornal na publicação de cartas, em torno do “modo” como é conduzida esta Seção.

Entendemos que esta polêmica pode ser lida como um procedimento discursivo, adotado pelo jornal, talvez pelo fato de estar cansado do seu interlocutor, por este *não corresponder a um nível de consciência esperado*, como afirma Braga(1991:152). O autor atesta que o jornal muda de um humor amigável com seus leitores em sua fase inicial para respostas *zombeteiras, sarcásticas e logo claramente achincalhadoras* mais ou menos a partir do número 150, o qual corresponde a três anos de publicação.

OPASQUIM21

Já, aqui, a Seção de Cartas segue as características do gênero com maior proximidade. Embora o jornal conserve um tom coloquial e de proximidade com seus leitores, não há recados grosseiros ou esculhambações. Estes também, de forma geral, podem debater algum tema ressaltado pelo jornal na edição anterior ou abordar algum assunto do contexto sócio-político coerente com as questões atuais. O tratamento dado pelo jornal à seção é distinto do que se dava na década de 70.

Em decorrência disso, a seção de cartas é tratada de forma menos polêmica pelos leitores do que o fizeram os leitores na década de setenta. O jornal parece assumir uma relação outra com seu leitor neste espaço, que implica a ausência da discussão acerca da maneira que o hebdomedário conduz este espaço.

Também os efeitos-leitores são diferentes. Posicionar-se contra ou à favor do jornal implica posições distintas das primeiras. A alienação é construída de forma distinta. Enquanto ser alienado era “não compreender os espaços em branco do jornal”, aqui ser alienado corresponde a não compreendê-lo como “forma de libertação”.

A Análise²⁸

A seguir, apresentamos algumas cartas que colocam em jogo uma série de representações que os leitores enquanto posição-leitor fazem de si, do jornal, da Seção Cartas(o referente em questão é um espaço em que o leitor reconhece como seu de direito na mídia impressa), e a imagem que eles tem sobre a relação do jornal com eles.

Analisar esse jogo de representações no processo discursivo possibilita identificar na materialidade discursiva os efeitos de resistência neste espaço. Para tanto, o recorte discursivo operado consiste numa primeira divisão temática:

- a) Cartas que trazem uma imagem do jornal em relação à constituição da Seção Cartas
- b) Cartas que trazem uma imagem crítica em relação ao jornal
- c) Heterogeneidade: a representação do *outro* nas cartas.

Em cada qual destes recortes temáticos, selecionamos cartas com o mesmo funcionamento discursivo em cada uma das publicações dos Pasquins. Buscando evidenciar a relação entre o jornal e o leitor.

4.2 Cartas que trazem uma imagem do jornal em relação à constituição da Seção Cartas.

Neste primeiro recorte discursivo, teceremos uma análise acerca das cartas de leitores, bastante frequentes no Pasquim70 em oposição à raridade no Pasquim21, cujos discursos se constituem acerca da própria constituição desta seção. Os leitores escrevem questionando a postura, o “esculacho” adotado pelo jornal com seus leitores na Seção Cartas. Instaura-se uma polêmica em torno do próprio gênero discursivo.

O que nomeamos *polêmica* aqui se refere à discussão, debate que é instaurado pelos próprios leitores a respeito da maneira que a “Seção Cartas” é constituída, a maneira que o jornal responde a seus leitores, e como o jornal recebe a carta de seus leitores. Não se

²⁸ Além das cartas dos leitores transcritas no texto, há cópias das edições originais no Anexo.

trata de analisar a relação polêmica, conforme entende Maingueneau(1989:120), como a *atualização de um processo de delimitação recíproca* das formações discursivas entre dois discursos num mesmo espaço discursivo.

O funcionamento da polêmica no Pasquim dos anos 70 é importante no efeito produzido pelo jornal de ficcionalidade da seção cartas, como já dissemos, na medida em que é o jornal quem seleciona as cartas a serem publicadas e atribui-lhes um título. Se considerarmos a irreverência do jornal e a possibilidade de que cartas podem ser escritas pelo próprio Edélsio(personagem fictício), esse se torna mais um espaço humorístico do jornal.

4.2 a- Cartas de leitores do Pasquim dos anos 70.

n. 229

Os construtivos

“**será que** as cartas dos leitores chegam a influenciar alguma coisa na realização desse jornal(como uma autocrítica por parte dos senhores) **ou é tudo levado na gozação?**” Sérgio Garfo (Rio de Janeiro, GB)

Desculpe Garfo, mas não resisto: não meta a colher onde não é chamado.

n. 171

LINHA DE FRENTE

“**Esse jornaleco é uma...** vou te contar! Desde que o compro nunca vi ninguém ser parabenizado pelas sugestões dadas, nem tampouco aproveitadas. O cara envia algo, entra pela tubulação, só leva esculachos que são bem bolados pela redação. Devo acentuar que também nunca vi nome de ninguém que conheço nestas cartas. Outros nomes são muito repetidos. Pra mim tudo isso é cascata”. CLAUDIO FREDERICO. (São Paulo, SP)

Não nos responsabilizamos pelo baixo nível de material enviado pelos leitores. O esculacho é, pois, justificável. Você já não é. Nunca viu o nome de ninguém conhecido aqui? Então aí vai: Ernesto Recamier. Nunca ouviu falar? Mais uma prova do baixo nível de nossos etc., etc.

n. 157

OBRA ABERTA

“**Vocês andam muito folgados na seção cartas.** Andam mexendo com as pessoas e dizendo desaforos. Além de seguirem a perigosa trilha da hermeticidade. Não acho a menor graça e um dia me irrita e vou aí dar um chambão num! Falei.”PÉRICLES MENDONÇA (Belô, MG)

Biltre, pulha, pascácio! Heterópodo! Hermeticidade não é pra qualquer mcorongo não, tá? Tem que ser muito sofisticado, viu, bicho? Tu num ta cum nada! pela letra a gente sacou logo que era cavalo! E além do mais eu acho que é xambão e não chambão! Segue pelo correio uma dúzia de ostras. Roce-se.

n.179

MULA ACÉFALA

‘Li, pela primeira vez, um número deste jornal. O mundo está cada vez mais cheio de **débeismentais**. Na seção de cartas, **em vez de responderem conscientes**, mandam as pessoas se roçar nas ostras, avisam que vão dar um pau. **São respostas de ignorantes e de ‘boys’**, que deve ter muito aí. O pessoal de mais cultura dessa josta como o ...’ PAULO(DE TAL)

Sem sobrenome é, garotão? Conheço a jogada: és daquele time que fica em frente do Mercadinho Azul, né? Vá se roçar nas ostras sorete.

A polêmica é produzida pela relação de paráfrase discursiva das formulações dos leitores que, embora diferentes, estão todas numa mesma matriz de sentido da FD de jornalismo de resistência do jornal, classificando a seção cartas de maneira duvidosa.

Estas cartas, provindas de diferentes edições, são todas escritas pelos leitores de maneira a questionar, polemizar a seção de cartas, como em: questionando o fato de tudo ser levado na gozação(“será que...ou é tudo levado na gozação?”- n.229), questionando haver nomes de leitores desconhecidos ou repetidos(“Devo acentuar que também nunca vi nome de ninguém que conheço nestas cartas. Outros nomes são muito repetidos” –n.171), atribuindo adjetivo pejorativo(Pra mim tudo isso é cascata- n/171), chamando os jornalistas de ‘folgados’(“Vocês andam muito folgados na seção cartas” - n.157), ou criticando as respostas dadas às cartas(“São respostas de ignorantes e de boys” – n.179).

A matriz de sentido é a mesma da FD de jornalismo de resistência do jornal porque, como já dissemos, o efeito de sátira, de agressividade e da ficcionalidade, presente nas cartas, é uma maneira de produzir um efeito de contestação ao conceito de opinião pública ou ao próprio leitor que não corresponde às expectativas.

No processo de nomeação dos títulos das cartas atribuídos pelo jornal, há formulações equívocas que direcionam a nomeação ao próprio jornal, as quais reafirmam sua posição de resistência. Em “Os Construtivos”(n.229), o adjetivo pode fazer referência ao leitor que percebe a pilhéria feita pelo jornal ou referir-se ao jornal, enaltecendo a importância de sua prática. Em “Linha de frente”, são produzidos efeitos de sentido de quem está na área de combate numa situação de guerra(em oposição à posição de retaguarda numa guerra, como a equipe médica, por exemplo). Esta nomeação, por meio do

equivoco, pode fazer referência tanto ao leitor que compreende o funcionamento do jornal, podendo escrever para participar de seu jogo, diferente do outros leitores cujo material enviado é de ‘baixo nível’, ou ser, novamente, uma referência ao jornal que traz sentidos bélicos para caracterizar sua posição de resistente.

O título da carta da edição n.157 “Obra aberta” também joga com o equivoco funcionando como nomeação da carta e/ou fazendo referência à própria constituição da seção cartas, a qual os jornalistas podem interferir.

4. 2b- Carta de leitor do Pasquim21: A Ausência da polêmica da Seção Cartas

n. 58

MAIS ESPAÇO PRO AROEIRA

A voz do povo é a voz de Deus. Em poucos momentos da história de nosso país e por que não dizer do mundo) esse ditado tão velho fez algum sentido. Nos outros momentos (a maior parte deles) só não fez sentido por omissão do próprio povo estimulado pela mídia ou poder das elites. Por isso, na maior parte da história a **verdade é que o povo simplesmente não teve vez. E continua não tendo. Infelizmente, isso se reflete até mesmo no Pasca** que em sua edição 55 reduziu vergonhosamente o espaço para a seção de cartas. Vergonhosamente, sim! O que move o leitor a escrever a uma revista ou jornal é admiração que tem pelo mesmo, além da oportunidade de tornar pública sua opinião, ampliando, inclusive a discussão de determinado(s) assunto(s). **O espaço já é muito reduzido**, afinal como outro leitor já disse, aqueles quadrinhos do Aroeira merecem espaço maior em outra página. O mesmo poderia acontecer com o Pixels, que poderia ir para o Tox, e algumas informações desse podem ir parar perfeitamente na Agenda. Dessa forma, o espaço mais democrático do jornal seria ampliado, não é? Abraços a todos do jornal e aos seus leitores!

Ivan da Luz – São Vicente (SP)

A edição 55 foi de aniversário, por isso reduzimos o espaço das Cartas para publicar aquele desenho do Paulo Caruso, mostrando a turma (que a gente não vê) da redação. Todas as suas sugestões foram aprovadas, Ivan, e serão postas em prática à medida do possível. Aroeira ficou feliz, orgulhoso e envaidece.

É interessante salientar a não-presença de cartas que questionem a constituição da Seção de Cartas n’OPASQUIM21. A polêmica instaurada pelos próprios leitores, ou pelo jornal, em torno do espaço do leitor na década de setenta e sua ausência no século XXI, corroboram para uma importante distinção entre os funcionamentos dos jornais nos dois

momentos. Tal distinção remete tanto a posição-jornal do Pasquim21 diferente do Pasquim nos anos 70, bem como a uma posição-leitor diferente.

O leitor defende seus direitos a partir de um direito anterior e mais abrangente, que é o direito do povo na história, reivindica um espaço maior, opina sobre a organização do jornal e propõe possíveis alterações. Fala-se sobre os quadrinhos do Aroeira e o Pixels que dividem a mesma página da seção de Cartas e o Tox. Ou seja, a posição-leitor ocupada pelo sujeito, nesta conjuntura, é a de quem pode opinar sobre a organização do jornal e até reivindicar seus direitos.

No entanto, não há polêmica que envolva a relação jornal-leitor acerca da seção cartas porque a posição-jornal não a suscita, o tom das respostas dadas aos leitores pelo jornal é bem menos esculhambado. A finalidade da seção cartas é mais próxima do restante da imprensa, não mais uma crítica como fora nos anos 70. A única coisa que pode suscitar uma reclamação de seus leitores(e não uma polêmica) é a falta de espaço em uma edição.

4.3 Cartas que trazem uma imagem crítica em relação ao jornal

Quanto às cartas que estabelecem críticas ao jornal, à sua posição, convém ressaltar que há também uma diferença entre um grande número de cartas no semanário na década de setenta na medida em que são bastante raras as desta última publicação, OPasquim21.

Considerando que as condições de produção delimitam *o que pode e deve ser dito em um momento e determinado lugar*, embora a crítica do leitor ao jornal fosse algo possível de ser dito dentro do jornal, o era somente devido ao estilo pasquiniano do leitor. Esse estilo do leitor o fazia cúmplice do jornal, situando-o dentro de uma discursividade de resistência do Pasquim.

Embora através de diferentes funcionamentos, a construção de uma imagem crítica ou negativa do jornal por seu leitor aparece sempre atrelada a uma construção do seu Outro, o qual, na seção cartas é, freqüentemente, a grande imprensa. Neste caso, as críticas se assentam sobremaneira em torno do papel social da imprensa.

Do ponto de vista discursivo, vale ressaltar que é a construção de um mesmo que está sendo efetuada mediante o Outro.

4.3a -Desafios dos leitores

n. 179 (**Pasquim70**)

CAPITULOU SORRINDO

‘Soretos: como sou masoquista leio **essa imundice** do PASQUIM . Não chego ao ponto de comprar, aproveito que um débil mental que trabalha comigo o compra. Flavio Cavalcanti, Silvio Santos e outros fazem mais que vocês. O humorismo do Henfil é de cachorrinho latindo à espera de alguém que jogue uma fatia suculenta do bolo. Outro boboca: o Jaguar. Mais esperto é o Ziraldo. Por isso **desafio a vocês publicar esta**, mesmo sabendo que vocês não terão coragem. **Segundo vocês, liberdade de imprensa é publicar coisas favoráveis.** Provem que, entre tanta covardia e cinismo, ainda são capazes de um gesto esporádico de homens.

MARCO ANTONIO PERES (Jundiaí, SP)

Sua frente alta denota inteligência, apesar de ter pouco cultivado. Seu nariz arrebitado indica teimosia, espírito de contradição, não se dando por vencida nem mesmo depois de reconhecer que não tem razão. Vejo casamento com um estrangeiro para breve...

n. 77 (**PASQUIM21**)

Roberto Marinho 2

Decepção, indignação e revolta foi o que senti lendo o último OPASQUIM21(pra mim será o último, não leio mais). Nem mesmo Silvio Lach salvou-se, com seu ‘temeroso” depoimento sobre Roberto Marinho. Ele foi sobretudo tímido, mas o que me enojou foi a postura do nosso Paulo Coelho da literatura infantil. Francamente, Ziraldo. Em suma, foi um tiro no pé. Assim como eu, milhares de pessoas estão furiosas no país inteiro **por ninguém da grande e também da pequena imprensa terem a coragem de falar quem foi Roberto Marinho**, sua dívida com o governo, a construção do Projac, o Papa-Tudo (quem se lembra?) o Proconsul, a negociata com o grupo Time-life, e outras cositas más...**Só falta agora (e acho que vai ocorrer) vocês não publicarem esta carta.** Vocês poderiam trocar o nome do jornal, só assim não manchariam o nome do nosso bravo PASQUIM. Temporada de humor a favor é....Phoda.....(que o diga Chico Caruso)

Júlio César Silva – Barra Mansa (RJ)

Ah, é? Ah, é? Se você não vai mais ler a gente, a gente também não vai mais publicar carta sua. Tomou papudo?

Em ambas cartas do Pasquim dos anos70(n.179) e do Pasquim21(n.77), o jornal é desafiado por seus leitores a publicar suas cartas.

Em 179, o leitor é cúmplice do estilo humorístico do jornal. O título atribuído à carta “Capitulou sorrindo” numa formulação irônica e a resposta debochada dada pelo jornal produzem efeito de anulação e zombaria da crítica do leitor. Sendo que este último,

por sua vez, formula uma suposta crítica ao jornal, cuja semelhante agressividade e tom humorístico, o fazem cúmplice do jornal. O leitor cumprimenta o jornal com o mesmo nome que este usa para se dirigir aos leitores(“Sorettes”) e assume ser leitor do jornal(“como sou masoquista **leio essa imundice** do Pasquim”). Toda a crítica que se desenrola é amenizada, se compreendida pelo jogo e a relação ficcional que unem o jornal ao seu leitor.

Diferentemente, na carta da edição de n. 77 do Pasquim21, o leitor possui um estilo mais sério. A representação de uma imagem negativa se expressa ao formular sua *decepção, indignação e revolta* em relação à posição discursiva do jornal. A diferença entre as posições-leitores não é somente diacrônica, mas também sincrônica. N’OPASQUIM21, o espaço de formulação do leitor difere não somente do leitor dos anos setenta, mas também do próprio jornal. O que justifica esta distinção é a diferente imagem que o leitor tem do jornal nesta segunda publicação, que se materializa na representação da falta de *coragem* do jornal, numa formulação de cobrança : “Temporada de humor a favor é....Phoda”

Diferente do Pasquim nos anos 70, que a comparação do jornal com a grande imprensa não está formulada de maneira direta, no Pasquim21, a grande e pequena imprensa são colocadas lado a lado na formulação: “por ninguém da grande e também da pequena imprensa terem coragem de falar quem foi Roberto Marinho”. Por fim, na década de setenta, desafiar o jornal é fazer parte de seu jogo ficcional, no princípio do século XXI, desafiá-lo é opor-se a ele, lê-lo em sua falta de eficácia de oposição.

4.3b. Crítica às matérias

n. 130 (Pasquim70)

ABAIXO OS REBUTALHOS

“Todas as vezes que, por descuido, um número desse jornal vem parar nas minhas mãos, e após consultar páginas por páginas, colunas por colunas, tomo conhecimento das **escabrosas reportagens publicadas**. Portanto, **aconselho a publicarem matéria mais interessante e instrutiva**, que seja do agrado de todos e que transmita aquela mensagem cultural de que todos nós precisamos. Até o último número só encontrei retalhos”.

ANTONIO MARIA RAMOS (Rio, GB)

Se você consultou páginas por páginas e não página por página, é provável que tenha perdido metade das nossas matérias, ou seja 50% dos nossos rebutalhos. Ficamos muito

sensibilizados com a sua crítica e já estamos pensando em assuntos mais interessantes e instrutivos. Pra começar pedimos que você nos envie sua autobiografia.

n. 77 (Pasquim21)

LETÍCIA SABATELLA

Alô, turma d'OPASQUIM21! A edição da 3 semana de agosto conseguiu ser a pior do mês até agora. Além de nos privarem do Sergio Augusto, pisaram na bola ao escolherem Sabatella para musa do nosso Pasca. Ficou parecendo tietagem liderada pelo Zélio, pelo Sérgio Rodrigues e até pelo Luís Pimentel. Usar os espaços da capa e mais as páginas 3, 25 e 32 foi um exagero. **Não fosse o conceito que tenho do Pasquim**, desde a sua fase inicial, **antes de ser o 21, diria que foi falta de assunto**. Com certeza, existem, em nosso cenário, mulheres com história de vida mais expressiva e merecedora de justo reconhecimento. O entrevistado do n.74 não revelou nada de extraordinário sobre essa moça. Dramatizar o nascimento da filha prematura, há dez anos, com todo respeito, no caso dela, ficou faltando maior sensibilidade para as situações bem mais graves e complicadas. **Alô, Ziraldo! Cadê você? Acorda e dá um jeito nessa turma que pode comprometer e vulgarizar o nosso Pasca que sempre foi o diferencial da imprensa tupiniquim, pela criatividade e seriedade bem humorada com que trata assuntos de interesse geral**. Sinceramente, foi uma balela essa musa Sabatella!

Helio Costa – Rio de Janeiro (RJ)

Boa pergunta: Alo Ziraldo, cadê você?

Como já dissemos, nesse recorte acerca das críticas que são feitas às matérias, no número 90 do Pasquim(dos anos 70), a crítica do leitor em relação ao jornal perde sua força dada a ironia com que a crítica é respondida pelo jornal. A resposta é articulada de maneira sarcástica. Ironiza-se o erro de concordância nominal (páginas por páginas) para desqualificar a competência do leitor, articulando sua (in)capacidade de concordância com a falta de capacidade de leitura. A sátira é formulada : *“Se você consultou páginas por páginas e não página por página, é provável que tenha perdido metade de nossas matérias, ou seja, 50% dos nossos rebutalhos”*. A ridicularização, o ataque feito ao leitor completa-se com a sugestão de que o leitor envie sua autobiografia.

Já no Pasquim21, a formulação da crítica ao jornal reside no equívoco entre a continuidade e a ruptura do jornal com o imaginário do Pasquim(nos anos 70): *“Não fosse o conceito que tenho do Pasquim, desde a sua fase inicial, antes de ser o 21, diria que foi falta de assunto”*. Apesar da ressalva feita a respeito de uma imagem anterior que é continuísta no marcador temporal “desde”, esta é rompida com a locução adverbial “antes

de ser o 21”, ou seja, enfatiza a distinção entre os dois Pasquins. Agora já é outro, é o Pasquim21.

Aquilo que é dito de maneira sugestiva, sutil: “diria que...” ganha efeito de crítica mais consistente que corresponde à banalização da matéria do jornal “...foi falta de assunto”. Como o tom do leitor do Pasquim21 é mais sério e não há jogo proposto pelo jornal, a crítica produz um efeito de insatisfação do leitor. Esse posicionamento confirma-se ao final da carta em que é formulado um alerta ao Ziraldo para que não se comprometa ou vulgarize o “Pasca” .

4.4 Heterogeneidade mostrada: a representação do outro nas cartas

A seguir, faremos análise de efeitos de leitura que destaca a relação constitutiva que os jornais têm com aqueles aos quais se opõem. Como já dissemos anteriormente, o fato de uma formação discursiva não ser tida como um bloco homogêneo, podendo incorporar elementos de seu exterior, faz com que uma formação discursiva seja necessariamente heterogênea. A heterogeneidade discursiva concerne aos efeitos do interdiscurso nas formulações no interior do saber próprio de uma FD.

Assim, essas posições de sujeito pasquinianas podem ser interpretados por seus leitores, num jogo de representações imaginárias, em que o referente de oposição em cada conjuntura é mencionado para acentuar as fronteiras discursivas. Se nos editoriais, o jornal delimita seu lugar determinando seu referente de oposição de maneira mostrada ou constitutiva, nas Cartas é o ponto de vista de seu leitor que é o foco.

4.4a Alteridade constitutiva

n.130 (OPASQUIM)

NINGUÉM É PERFEITO

“Escuta, será que vocês não entenderam ainda que **se não existissem o Nelson Rodrigues, Gustavo Corção, J. M. de Vasconcelos, Roberto Campos, Flavio Cavalcanti, a Manchete, o Cruzeiro, o Globo, o Roberto Marinho, vocês perderiam a razão de ser**, ou seja, perderiam o emprego? Em suma, vocês são uns chatos, moralistas, reacionários....com uma rara excessão representada pelo Maciel que costuma, algumas vezes, ser genial”.

RICARDO BARBOSA CAETANO (São Paulo, SP)

Não se preocupe, Caetano, você também é uma exceção. De todos os nossos leitores, é o único que escreve Flavio Cavalcanti com e e exceção com dois ss.

n. 94 (Pasquim21)

IMPACIÊNCIA

Li, com tristeza, a entrevista da grande mártir do neolulismo que assola a imprensa. Não esperava **que o (outrora) glorioso Ziraldo/Pasquim fossem acompanhar os jornalões que não se cansam de pedir um ano de paciência...** ao neo- neo- FHC, pô!

Altivo Moreno- Vila Mariana – (SP)

O glorioso Ziraldo/Pasquim pede agora um segundo ano de paciência. Diz pra nós, Altivo: quem é o grande mártir do neolulismo?

As cartas, no OPasquim nos anos 70 e no Pasquim21, que trazem uma representação do outro dentro da discursividade do jornal, apontam para diferentes posições-leitores em relação ao referente de oposição do jornal.

N'OPASQUIM(anos 70), a representação do outro é tida como fundamental, é uma relação de mutualismo que é sublinhada pelo leitor, portanto, necessária para a sobrevivência do jornal. A explicitação do referente de oposição pasquiniana, a qual traz na linearidade do fio do discurso nomes que caracterizam esses “outros” que compõem a grande imprensa, produz um efeito de acentuação da existência dessa alteridade.

O leitor interpreta a “razão de ser” do Pasquim no fio do discurso de maneira meta-enunciativa com a introdução da frase explicativa por meio do “ou seja”, de maneira que o ser está relacionado a um nível material, à necessidade de se ter um emprego e no papel do jornalista como um empregado que trabalha para sobreviver. Nesta posição discursiva, perder a razão de ser está relacionado a perder o emprego. Não há fronteiras discursivas entre pequena e grande imprensa, em outras palavras, entre posição dominante e posição dominada.

Interpretar a posição do jornal como um trabalho, uma forma de estar empregado, apaga sua posição de resistência que é filosófica, social e política. Para concluir, são chamados de moralista e reacionários, adjetivos que o próprio Pasquim atribui à sua oposição. O que está materializado nesta carta é, pois, o discurso do outro que circula diante da posição da imprensa nanica.

A resposta com argumentação normativa em relação à língua dada pelo jornal, faz emergir a contradição de sua posição que se diz rebelde e altaneira, mas é também conservadora e reacionária. Os efeitos produzidos por esta contradição da posição do jornal

são os da dialética regulação e contestação. Os efeitos produzidos pelo efeito-leitor são de contestação, mas contestação que adentra o sentido da oposição.

Já no Pasquim21(n. 94) o leitor não reclama mais por uma imperfeição(título da carta da publicação anterior), mas pela impaciência. Ao trazer no fio do discurso a demonstração da impaciência, do descontentamento, é o discurso do governo atual que está sendo incorporado como um discurso transverso.

Neste momento, com a chegada do governo Lula ao poder, circula no país discursos de cobrança para que sejam efetuadas mudanças no rumo da política e economia. O governo é acusado por alguns de manter uma posição continuísta em relação ao presidente anterior, Fernando Henrique Cardoso(PSDB), e não assumir propostas de governo que caracterizavam o partido do PT.

Neste contexto de crítica ao governo é que se constituiu a crítica ao Pasquim21. A posição-leitor ocupada é de inconformismo em relação ao jornal que, desta vez, *acompanha* não só a posição dos *jornalões*, mas também a do governo que *não se cansam de pedir um ano de paciência*.

O leitor insiste em exigir do jornal posição semelhante ao imaginário social do antigo combatente Pasquim: “Não esperava que o (**outrora**) **glorioso** Ziraldo/Pasquim fossem acompanhar..”

No Pasquim21 as fronteiras discursivas entre o jornal e a grande imprensa ou o governo não são lidas por seu leitor como opostas. Para o leitor, não há referente de oposição claro, embora esperado. A posição-leitor não se identifica mais com a posição do jornal, produzindo o efeito de que a posição-leitor ocupada ainda fosse “resistente”, mas a do jornal não.

Nesta relação jornal-leitor do Pasquim21 os efeitos de contestação e regulação são produzidos de maneira polarizada: a posição discursiva do leitor produz efeitos de contestação e a posição do jornal produz efeitos de regulação.

4.4b Afirmação do mesmo em relação ao outro

n. 171(Pasquim70)
MAIS UM ...

“Sou de São Paulo e gostaria de colaborar com vocês, que eu considero **a única coisa que se pode chamar de imprensa hoje em dia nesta terra.**

Tenho 22 anos e...” NELSON PEREIRA (São Paulo, SP)

Parabéns pra você nesta data querida, Nelson. Continue que você chegará aos 23. Segue pelo correio 1 ano de Comunicações e outro de Direito no Mackenzie.

n. 57 (Pasquim21) GOIANO ZANGADO

Caros editores. Quero registrar aqui **o meu descontentamento com este jornal**, uma vez que, como Bom Goiano que sou – e estando por dentro dos noticiários ditatoriais que a imprensa local promove, com uma busca exorbitante de descer goela abaixo as beldades deste nosso governador – **fico triste por até OPASQUIM21 parecer ter entrado na onda do mais novo sabonete no mercado político: Sr. Marconi Perillo.** Seria ignorância minha negar o avanço que Goiás teve durante os últimos quatro anos, principalmente no setor cultural no qual trabalho. Na verdade devemos uma a Marconi, por este ter engavetado uma “corja de terceira idade”, que mantinha pose de coronéis aqui em Goiás. Porém, sem analisarmos o sistema como um todo, tenho a tristeza de perceber que Goiás está caminhando para o penhasco. A educação, saúde e transporte estão em condições tão precárias que dá vergonha de ler os noticiários engabeladores que as retratam, como quase perfeitas. **A minha única esperança é o posicionamento sério e honesto deste jornal que mesmo falando bem, consegue (quando quer) apunhalar o que de fato precisa. Por favor, não nos abandone. Eu confio em vocês.** Valeu. Obs: Vê se publica minha carta desta vez. Viu, Ziraldo?

Como você pode ver, Christian, Ziraldo viu.

Uma outra articulação que permite ao leitor produzir na linearidade de seu texto uma relação do jornal com seu “outro”, é acentuando a identidade do jornal com relação aos demais, de maneira que a fronteira discursiva seja estabelecida com a afirmação do mesmo.

No Pasquim de 70 o leitor ao trazer na formulação a imagem do jornal de ser “**a única** coisa que se pode chamar de imprensa hoje em dia”, a locução nominal “única coisa” traz a memória da existência desse outro por meio do um efeito de exclusão.

A importância do jornal é ressaltada através de uma comparação alusiva com os outros que possam existir na imprensa naquele momento. A identidade do discurso do Pasquim só pode ser enfatizada como “única” visto que há outros “hoje em dia nesta terra” que não podem ser considerados imprensa.

Essa afirmação da identidade do jornal ainda pode ser interpretada como parte da relação de cumplicidade que o jornal estabelece com o leitor. Sendo que a formulação do

título da carta “Mais um” produz um efeito de sentido de inclusão do leitor, o qual é reafirmada com a resposta que parabeniza o leitor.

No Pasquim21, a delimitação de fronteiras a partir da posição-leitor não está relacionada a uma diferenciação que caracteriza uma identidade do discurso do jornal, mas sim pelo *descontentamento* do leitor pelo fato de que o jornal “consegue (**quando quer**) apunhalar o que de fato precisa”, isto é, nem sempre apunhala o que é preciso.

O jornal deixar de ser visto como única coisa que se pode chamar de imprensa, como nos anos 70, para ser, no Pasquim21, somente uma *esperança*, a esperança do leitor. É novamente um elemento da rede de discursos do governo petista circulantes neste momento que aparece articulado na forma de discurso transversal. Agora, é o leitor quem recupera este elemento, não o jornal.

Lula foi eleito com o discurso da esperança por um país melhor. Após vencer as eleições, o *slogan* inicial de seu governo foi “A esperança venceu o medo”. Dessa forma, quando a posição leitor recupera este discurso, ocupa uma posição supostamente de esquerda, mas há o deslocamento no qual a esperança não está mais no governo, mas no “posicionamento sério e honesto deste jornal”.

Desse modo, são produzidos efeitos ambíguos de contestação e regulação que perpassam os sentidos de conflito/diferenciação entre a posição leitor com a posição de esquerda contemporânea, bem como diferenciação de imagens entre o jornal e o governo. Pelo jornal o leitor não quer ser abandonado: “Por favor, não nos abandone. Eu confio em vocês”.

No dois momentos a alteridade é enfatizada de maneira diferente. Do ponto de vista do leitor, o “outro” que caracteriza a heterogeneidade constitutiva do semanário na década de 70, é a grande imprensa, de maneira que a posição-leitor estabelece fronteiras entre jornal/grande imprensa. No Pasquim21, a diferenciação de fronteiras que a posição-leitor procura estabelecer é entre jornal/governo.

4.4c Forma de libertação x cidadania

n.140 PASQUIM LIVES! (Pasquim70)

‘O PASQUIM ainda é! Vocês conseguiram **impor uma forma de libertação na tremenda confusão dos dias de hoje**. Agora um recado: tem aqui – em plena S. Maria da Boca do Monte – um jornaleco da pesada. **O pessoal fala o que todo mundo vê, mas não tem coragem de dizer (inclusive eu)**. E mais: tem o Ferrão, um bichinho capaz de fazer o Sig cair de inveja. E ainda: uma editora linda paca. Qualquer dia mando um número. **É o exemplo de vocês que se espalha (pra felicidade nossa)**’. ANTONIO CARLOS MACEDO (Santa Maria, RS)

Sig não é rato de cair de inveja de ninguém não, Antonio Carlos. Mas mande o Ferrão sim. Só pra gente dar uma conferida. Quanto ao resto, é verdade: nosso negócio é dar exemplo e espalhar a felicidade. Direitinho feito a televisão.

n. 67 CIDADANIA (Pasquim21)

Gosto d’OPASQUIM21 porque é diferente e cheio de artistas. Por isso, acho que vocês serão ouvidos, cedo ou tarde. **Mas também é uma forma de cidadania**. E enquanto as pessoas não pensarem em mudar, não vão aceitar novas idéias. Aí todo mundo sai perdendo.

Gilberto Soares Ferreira – Juiz de Fora (MG)

Ainda nestas duas cartas, d’Pasquim(n.140) e do Pasquim21(n.67), a identidade do jornal é afirmada pelo efeito-leitor que o interpreta ora como uma forma de libertação, outrora como uma forma de cidadania. Interpretá-los de formas diferentes significa passar de uma matriz de sentido para outra.

As diferentes leituras produzidas demarcam as diferentes imagens do semanário que são determinadas pelas condições de produção que caracterizam cada momento e, conseqüentemente, diferentes posições-leitores.

Na primeira publicação, interpretar o semanário como uma forma *de libertação* corresponde a lê-lo em sua oposição à grande imprensa, destacar o diferencial que o caracteriza assim como o jornaleco influenciado por ele em que *o pessoal fala o que todo mundo vê, mas não tem coragem de dizer (inclusive eu)*. Os efeitos da ação de resistência do jornal e a diferenciação dos demais discursos são produzidos na materialidade discursiva por meio da oposição entre:

- impor libertação/ confusão dos dias de hoje
- coragem de dizer o que todo mundo vê/ não ter coragem de dizer.

Dessa maneira, o discurso da liberdade coloca o “outro” como algo ruim do qual é preciso libertar-se. É a opressão da ditadura e a convivência da grande imprensa que está

como pano de fundo. A identidade discursiva do jornal é afirmada como algo necessário, que proporciona liberdade.

Assim, o efeito-leitor está em relação de paráfrase discursiva com a matriz discursiva do jornal, que questiona a condição de liberdade fundamental do homem e se recusa a aceitar limitações.²⁹ São produzidos efeitos de contestação.

No Pasquim21, a diferença que o jornal teria dos demais é destacada por uma questão estética e cultural, não política “Gosto d’OPasquim21 porque é diferente e cheio de artistas”. O fato da oposição do jornal ser uma incerteza é reafirmado nesta carta.

Essa diferente caracterização do jornal como forma de libertação(Pasquim, anos70) e forma de cidadania(Pasquim21) se deve também porque, como mostra Orlandi(1999:63), a própria formulação liberdade passou por um processo de de-significação nos anos 90. Segundo a autora, manifestações tinham a palavra liberdade, nos anos 60, como seu carro-chefe. Os sentidos explosivos de liberdade que incitavam a uma revolução social e cultural foram barrados pelo status quo. Na análise da autora de enunciados em relação de paráfrase, afirmando a recusa a uma vida reduzida a regras e ao trabalho(como em: É proibido proibir), deslocam-se para um sentido que, nos anos 90, no poster “entrada livre”, *reduz liberdade ao preço de um parque de diversões*(op.cit.p.63).

Essa redução do sentido não revolucionário de liberdade, faz com que a liberdade do jornal de produzir humor, reduza a participação do leitor ao interesse estético e cultural, diferente do interesse político do leitor nos anos 70.

4.5 Considerações parciais

O procedimento da derrisão, presente nas cartas, permeia as diferentes relações que os jornais estabelecem com seus leitores numa visão sincrônica(há posições-leitores que se identificam ou se contrapõem ao jornal em cada período) e também numa visão diacrônica(a diferença da posições-leitores dadas as condições de produção distintas). Esta última diferença pode ser estabelecida pelo trajeto temático de cada publicação.

²⁹ Ver capítulo 4 (Os Editoriais) acerca da importância da temática da liberdade no Pasquim nos anos 70.

No Pasquim, dos anos setenta, a imagem do leitor quixoteano, partícipe do efeito de ficcionalidade da seção cartas, nas cartas que polemizam a constituição deste gênero, com o mesmo discurso lúdico do jornal, produz efeitos de contestação.

Nas cartas em que há uma imagem crítica em relação ao jornal, há novamente a cumplicidade do leitor nos anos 70, que adota o mesmo estilo do jornal e tem sua crítica desconstruída pela ironia da resposta dada pelo jornal. Diferentemente, o efeito de leitura crítica do leitor no Pasquim²¹ evidencia a indefinição da oposição do jornal e a contradição de sua oposição entre oposição e identificação com o governo, presente também nas capas e editoriais.

Nas cartas que trazem uma representação do Outro, no jornal dos anos 70, o efeito de leitura produz um efeito de ironia da própria condição de existência do jornal, destacando a necessária oposição do jornal para sua sobrevivência. A resposta normativa do jornal, a mesma posição normativa e conservadora em relação à língua que ocupou no editorial ao criticar o governo por supostos erros gramaticais, faz emergir a contradição desta posição discursiva de resistência em que ao mesmo tempo subverte a ordem e mantém-se conservadores. Ambigüidade de efeitos de contestação e regulação dos valores estabelecidos na sociedade.

No Pasquim²¹, a posição-leitor dominante tende a contestar a posição do jornal, exigir deste definições e a ter uma postura mais séria. Identificam-se como leitores, na maior parte das vezes, pela memória, não pela atualidade.

No entanto, a identificação do leitor com a atualidade aparece no corpus como recuperando elementos da FD do governo petista. Assim, a posição-leitor do Pasquim²¹ também produz efeitos de regulação, legitimando o governo petista no poder.

Num ponto de vista diacrônico, vale ressaltar que há um trajeto temático distinto na relação jornal-leitor em cada publicação:

- a polêmica da seção cartas no primeiro e a ausência desta no segundo
- o desafio que tem o sentido de identificação(jornal-leitor) na primeira publicação, na segunda é uma crítica à ausência de oposição(ao governo e à grande imprensa)

Desta diferença temática, nota-se que no Pasquim(anos 70) trabalha-se no acontecimento para produzir efeitos de oposição. Já a relação leitor-jornal no Pasquim21 desloca do acontecimento para a memória.

A oposição definida nos anos 70 e a indefinição desta no século XXI que estão materializadas nos editoriais, são reafirmadas pelos leitores nas cartas. No Pasquim, o leitor reconhece a diferença entre o jornal como imprensa alternativa e a grande imprensa. No Pasquim21, o leitor exige uma distinção entre estes dois e reclama esta falta. Conseqüentemente, a representação da imagem do leitor pode não ser distinta visto que este rememora que estabelecia uma diferença na “imprensa tupiniquim” .

Contudo, no Pasquim, os leitores dentro de uma conjuntura de cerceamento são participes do funcionamento discursivo do jornal que produzem sentidos de resistência. Já no Pasquim21, dada a não existência da oposição com o governo, o leitor relaciona-se com o jornal questionando a eficácia de sua existência.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso percurso de análise, perpassando os três gêneros textuais (capas, editoriais e cartas de leitores), permitiu focar a prática discursiva de resistência nos jornais e a maneira como lidam com o procedimento da derrisão.

Nas capas, há sobretudo uma diferença nos tipos de humor na composição imagética e verbal. Nos anos setenta, a relação do humor com o real é de escapismo em relação ao cerceamento do dizer. Há uma censura centrada no logicismo da linguagem que se mantém vigilante e punitiva. O equívoco, falha da língua na história, está presente na materialidade verbal e não verbal das capas para fazer falar através do processo dialético da derrisão, o qual numa materialidade mesma produz efeitos de contestação e regulação. O humor fundamenta e possibilita uma posição de resistência devido aos deslizamentos inerentes à sua concepção.

No Pasquim21, a relação do humor com o real é a de fazer rir. Diferente da primeira publicação, não é preciso falar nas margens. O humor é mais uma via entre outras de se falar os acontecimentos. Uma voz que pode contestar a guerra, ou apoiar o presidente petista. Mas, ainda assim, é mais uma posição numa conjuntura “democrática” que não ecoa como antes.

Nos editoriais, a prática discursiva de resistência é distinta dos outros gêneros porque o próprio sentido de resistência é abordado. Nos anos setenta, a maneira como a derrisão ritualiza a contestação e a regulação de modo dialético, permitiu-nos focar a contradição de cada posição discursiva. O funcionamento da derrisão se realiza juntamente com a polêmica com o discurso outro ou através do funcionamento da negação.

Nos editoriais do Pasquim21, há o funcionamento de uma negação que ao invés de polemizar, dilacera o próprio sentido da oposição, dando lugar a uma contradição que acaba por gerar uma indefinição de posição para o próprio jornal.

Na primeira publicação, o trajeto temático de liberdade percorre vários sentidos de liberdade e perpassa os sentidos de oposição. Ser livre é ser independente, é poder falar, é não ter que se submeter à posição de súdito, ou seja, ser livre é se opor à condição imposta pelo sistema ditatorial de censura e repressão.

O sentido de resistência está relacionado aos sentidos de liberdade e oposição nesta conjuntura. Ambos sustentam uma discursividade que busca o escapismo. O rato(Sig) pequeno e ágil quer escapar da opressão.

No Pasquim21, o trajeto temático se pauta no continuísmo, no retomar de uma memória. Os sentidos de liberdade são diferentes dos da primeira publicação. Estes se produzem pela ausência, a liberdade só é mencionada em relação ao Pasquim que já existiu, um sentido épico. Na conjuntura atual, na forma de não-dito, a liberdade é ampla.

Em relação às cartas, o procedimento da derrisão presente nas cartas permeia as diferentes relações que os jornais estabelecem com seus leitores numa visão sincrônica(há posições-leitores que se identificam ou se contrapõem ao jornal em cada período) e também numa visão diacrônica(a diferença da posições-leitores dadas as condições de produção distintas). Esta última diferença pode ser estabelecida pelo trajeto temático de cada publicação.

No Pasquim dos anos setenta, a imagem do leitor quixoteano, partícipe do efeito de ficcionalidade da seção cartas, nas cartas que polemizam a constituição deste gênero, com o mesmo discurso lúdico do jornal, produz efeitos de contestação. Através de funcionamentos outros como a contradição, o simulacro, o desafio ao jornal, o efeito-leitor é produzido na posição mesma do jornal.

Nas cartas que trazem uma representação do Outro, o efeito-leitor produzido é o de posição contrária ao jornal. Esse efeito-leitor produz um efeito de contestação à posição do jornal, adentrando o próprio sentido de oposição do jornal. A resposta normativa do jornal, a mesma posição normativa e conservadora em relação à língua que ocupou no editorial ao criticar o governo por supostos erros gramaticais, faz emergir a contradição desta posição discursiva de resistência em que ao mesmo tempo subverte a ordem e mantém-se conservadores. Ambigüidade de efeitos de contestação e regulação.

A importância da influência do Pasquim na imprensa brasileira, quebrando convenções na linguagem jornalística e abordando assuntos que não poderiam ser abordados pelos mais “sérios” ecoa até os dias atuais. Seja pelas lembranças daqueles que foram seus leitores, programas televisivos em que os cartunistas são mencionados, pesquisas e publicações em que fizeram parte e, mais recentemente, a publicação do

primeiro volume do que promete ser uma coleção reunindo o melhor do Pasquim, organizado pelo jornalista Sérgio Augusto e o humorista Jaguar, fundador do jornal.³⁰

O Pasquim nos anos setenta destaca-se não só pela capacidade de dizer coisas proibidas no período ditadura, mas também pela maneira como o fez. É essa via humorística e toda a decorrente influência na imprensa brasileira que o diferencia de sua segunda publicação (OPasquim21) e das demais publicações da imprensa alternativa.

Nas produções pasquinianas dos dois diferentes períodos há o funcionamento da derrisão produzindo seus efeitos de maneira dialética. O funcionamento ambíguo da derrisão legitima uma posição irreverente nos anos setenta que pode fazer rir, divertir (na construção das capas, na conversa desbocada com os leitores), mas pode também perturbar por meio do riso. Diverte-se a classe média, ao mesmo tempo em que critica seu conservadorismo. Critica-se o governo militar, mas por intermédio do viés humorístico que permite as implicações.

O dizer perpassado de remissões ao já-conhecido, os pré-construídos, permitem que se fale sem cair no hermetismo. Nas capas, a paródia de Rogéria para falar da/à classe média, a caricatura de Hitler, para falar ao/sobre o governo ditador, a nudez das fotografias para escandalizar os bons costumes.

O combate do Pasquim contra a ordem vigente por meio do simbólico, possibilita a criação de um espaço público alternativo que fundamenta sua prática discursiva de resistência. A habilidade de conseguir sobreviver determina ao jornal uma posição de oposição e resistência.

No Pasquim21, constatamos a falta de eficácia dessa oposição contraditória e indefinida e o esvaziamento do sentido de resistência. Talvez a finalidade não-mercantil da odisséia na primeira publicação não mais sustenta a segunda publicação. A resistência pretendida encontra pouco espaço de ação devido a indefinição sentida inclusive pelos leitores resultando na curta periodicidade do jornal.

³⁰ Há vários livros que se dedicam ou fazem referência ao Pasquim. Para mencionar alguns: *As grandes entrevistas do Pasquim*; José Luiz Braga, *O Pasquim e os anos 70*, 1991; Bernardo Kucinski, *Jornalistas e Revolucionários*, 2003; (org) Carneiro, Maria Luiza Tucci(org), *Minorias silenciadas*, 2002; Rivaldo Chinem, *Imprensa alternativa – jornalismo de oposição e inovação*. E a mais recente publicação organizada por Sérgio Augusto e Jaguar, *O Pasquim – Antologia 1969-1971*, 2006.

As diferenças das conjunturas político-sociais agem na produção da memória social uma vez que formas de governo diferentes ditam diferentes possibilidades de discursos. Na ditadura, há um outro adversário ou até mesmo outros. A necessidade de marcar espaço em meio a pluralidade da imprensa alternativa estabelece uma posição discursiva de oposição. Na democracia, esta oposição não tem um alvo tão claro assim, a relação com o real histórico é outra. A resistência é mais pulverizada e de ação mais difícil mesmo porque os leitores são outros.

6. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso(p.279-326). In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRAGA, J. L. *O Pasquim e os anos 70 : mais pra epa que pra oba*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1991.

COURTINE, J. J . *Analyse du discours politique* (le discours comuniste adressé aux chrétiens), *Languages* 62, 1981.

_____. O Chapéu de Clémentis. In: FREDA, I. & FERREIRA, M. C. L (org) *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999.

COURTINE, J.J. & MARANDIN, J. M. Quel objet por l'analyse du discours? (p.21-31) In: *Materialités discursives*, Colloques des 24,25,26 avril 1980 Université Paris – Natterre Presse Universitaire de Lille.

FILHO, D.A.R. Vozes Silenciadas em tempo de ditadura: Brasil, anos de 1960. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Minorias Silenciadas*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado/ Fapesp, 2002.

FILHO, O.F. Apresentação(p.7)In: *Primeira Pagina: Folha de São Paulo – 5ed*. SP: Publifolha,2000.

FONSECA, J. *Caricatura: a imagem gráfica do humor*. Porto Alegre: artes e ofícios, 1999.

FOUCAULT. M. *Arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 6ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. *A ordem do discurso*. Edições Loyola, São Paulo, 1996

_____. O sujeito e o poder.(p.131-149) In: RABINOW, P; DREYFUS, H. *Michel Foucault. Uma trajetória filosófica- Para além do estruturalismo e a hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

GADET, F. & PÊCHEUX, M. *A língua inatingível*. Tradução Bethânia Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas. Pontes, 2004.

GUILHAUMOU. J & MALDIDIER D. Efeitos do arquivo (p.163 – 183) In: *Gestos de leitura : da história no discurso*. Trad.: Bethania S. C. Mariani [et. al]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.

HARDT, M. & NEGRI, A. *Produção Biopolítica*. In: *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 41-60.

HUTCHEON, L. *Uma teoria da paródia*. Trad.: Teresa Louro Pérez. Edições 70, Lda., Lisboa, Portugal, 1985.

INDURSKY, F. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 1997.

_____. A prática discursiva da leitura(p.189-200). In: *A leitura e os leitores*. Campinas, SP: Pontes, 1998.

KUCINSKI, B. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

LAGAZZI-RODRIGUES, S.(1988) *A discussão do sujeito no movimento do discurso*.Tese de doutorado. IEL. Unicamp, 1998

MACHADO, R. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 14ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

MAIA, M. Censura, um processo de ação e reação. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Minorias Silenciadas*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado/ Fapesp, 2002.

MAINGUENEAU, D. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Trad. Freda Indursky. Campinas, SP: Pontes, 1989.

MALDIDIER, D. *A inquietação do discurso – (Re) ler Michel Pêcheux Hoje*. Trad: Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

_____. Elementos para uma história da análise do discurso na França. (p.15-28). In: *Gestos de leitura : da história no discurso*. Trad.: Bethania S. C. Mariani [et. al]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.

MARCONI, P. *A censura política na imprensa brasileira(1968-1978)*. Global editora e distribuidora ltda, 1980.

MARIANI, B. *O PCB e a imprensa. Os comunistas no imaginário dos jornais(1922 – 1989)*. Rio de Janeiro, Campinas, SP. Editora da Unicamp, 1998.

MERCIER,A Pouvoirs de la derision, derision des pouvoirs.(p.9-19) In: *Dérrision – Contestation*. Hermés.n.29. Laboratoire Communication et Politique, CNRS Éditions, Paris/Université de Nice, 2001.

MINOIS, G. *O século XX : morte do riso?* In: História do riso e do escárnio. Trad. Maria Elena O. Ortiz Assumpção . São Paulo : Editora Unesp, 2003.

ORLANDI, E. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

_____*A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso.* 4ed. Campinas,SP: Pontes, 1996

_____*Discurso e Texto.* Campinas, S.P: Pontes, 2001.

_____*Maio de 1968: Os silêncios da memória.* In: Achard,P ...[et al] *O papel da memória.* Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX. M. A imagem, uma arte de memória? In: Achard,P ...[et al] *O papel da memória.* Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999

_____*A análise de discurso: três épocas(1983).* In: *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.*(orgs.) Françoise Gadet; Tony Hak. Tradutores Bethania S. Mariani...(et al) – 3 ed. Campinas, SP. Ed. Unicamp.

_____*Délimitations, retournements, déplacements.* (Trad. bras. Delimitações, inversões, deslocamentos. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v. 19. IEL/ Unicamp, 1990, p.7-24, 1982a)

_____*Les Vérités de la Palice.* (Trad. Bras. *Semântica e discurso.* Campinas: Ed. da Unicamp, 1975)

_____*O Discurso: estrutura ou acontecimento.* Trad.: Eni Puccinelli Orlandi. 3.ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

_____*Ler o arquivo hoje.*(p. 55-66) In: *Gestos de leitura : da história no discurso.* Trad.: Bethania S. C. Mariani [et. al]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.

ZOPPI-FONTANA, M. Lugares de enunciação e discurso. In: *Leitura – Análise do Discurso. Revista do Programa de pós-graduação em letras e lingüística.* n.23, p.15-24, jan/jun 1999,

_____*Acontecimento, arquivo, memória: às margens da lei.* In: *Revista Leitura.* n.29. Maceió, UFAL, 2004.

escrivem para sua Coluna (com dois selos) Diário do Brasil, 32, Botafogo - 20.000 - Rio - 68

cartas

O PELOTUDO DE PELotas

"Aqui em Pelotas existe um louco palestrista sobre seus temas favoritos: Teatro 7 de Abril, pedreiras do Cipião e Chafariz histórico da praça central. O nome dele é Paulo Duval". AFONSO GOMES DA SILVA (Pelotas, RS)

• Como diriam os portenhos seus vizinhos, Paulo Duval se nos inclua las pelotas.

ATENÇÃO, DESCONTRAÍDAS

"Gentileza publicar pedido quatro universitários da patota do jornal estudantil Piri Piri procuram urgentemente quatro garotas descontraídas dispostas acompanhar durante férias através viagem Rio Grande Guanabara Balsa Pernambuco Piauí". PATRIATA PATROPÍRI PIRI (Santa Maria, RS)

• Como vieram dois telegramas, presume-se que a turma do Piri Piri está mesmo a fim de pipiripir pelá com quatro descontraídas. Cartas para Rua Dr. Wauthierk, 150. Não se aceitam pipiripianhas.

INFORME ECONÔMICO

"No nº 118, nos 20 Tópicos a leite de pato, Francis escreve: 'Em suma, é aquela velha pergunta do Vladimir: qual a diferença entre roubar um banco e fundar um banco?' Que Vladimir será esse? O Malakovski? O Ulyanov? O Palmeira? O Curvalho? Não sei, e o Francis certamente também não sabe, pois a frase em questão é de Bertolt Brecht". PEDRO BRUNO FERREIRA (Belo Horizonte, MG)

• Bertolt ou Vladimir Brecht, Pedro? Agora você enrolou a gente.

O PASQUIM Empresa Jornalística S.A. — Presidente: Sérgio Cabral. Vice-Presidente: Sérgio Jaguaribe. Diretor-Financeiro: Luiz Carlos Bravo. EXPEDIENTE — Editor-Responsável: Sérgio Cabral; Editor-Geral: Jaguaribe; Editor de Fotografia: Paulo Gereser; Secretário-Gráfico: Maurício M. Gietz; Diretor-Comercial: José Grossi; Contador de Publicidade: Paulo Augusto O. Pinto; Holsassy L. Albuquerque e José Luiz G. de Mattos, Redação e Administração, Rua Clotilde Inácio de Brito, 33 — telefone: 224-4764, Rio-GB; São Paulo: Diretor de Sucursal, Alberto Arcelli, Avenida Ipiranga, 900 — 9.º andar — conjuntos 903/904, telefone: 32.3899. Impresso na CIA LITHOGRAFICA YBRANCA, Rua Cadeete, 209 — B. Funda, SP. Distribuição exclusiva para todo o Brasil: DIJOLIR — Distribuidora de Jornais, Livros e Revistas Ltda. — Rua Clotilde Inácio de Brito, 33 — telefone: 244-7100, Rio-GB. Os leitores do interior poderão fazer seus pedidos por carta enviada à DIJOLIR acompanhado de cheque comprovado, passível no Rio de Janeiro.

COBRANÇA PACCA

"Há perto de dois meses, remeti a essa redação um conto intitulado Moeda Falsa... falsa, que, no entanto, até hoje estou sem saber se foi ele a recebido e impugnapdo por não se adaptar no contexto desse hebdomadário". LUCILO ADOLPHO PACCA (Rio, GB)

• Não chegou aqui não, Pacca. Mande de novo. Se não for bom, a gente pelo menos dá um jeito de publicar seu sobrenome que é bom idem.

FÔRÇA, MILLÔR

"Por favor, façam outra entrevista com a Leila, O Millôr, vê se te manca e escreve mais (tu é o cara que melhor escreve do Brasil), assim não dá, tu escreve meia página no PASQUIM e uma na Veja. Dá uma força e escreve umas duas páginas no PASQUIM". ANTÔNIO LOUZADA MAGNI (Barto Alegre, RS)

• Calma Louzada, que Leilinha vai voltar. Quanto ao Millôr, se ele escrever duas páginas pra cá, a Veja vai pedir mais duas e a O Millôr vai pedir mais 20 milhões por linha e a Editora Abril vai pedir falência.

NINGUÉM É PERFEITO

"Escuta, será que vocês não entendem ainda que se não existissem o Nelson Rodrigues, Gustavo Corção, J.M. de Vasconcelos, Roberto Campos Flávio Cavalcanti, a Manchete, o Cruzeiro, o Globo e o Roberto Marinho, vocês perderiam a razão de ser, ou seja: perderiam o tempo?" Em suma, vocês são uns chatos, moralistas e reacionários... com uma tara excessiva representada pelo Maciel que costuma, algumas vezes, ser genial". RICARDO BARBOSA CAETANO (São Paulo, SP)

• Não se preocupe, Caetano, você também é uma exceção. De todos os nossos leitores, é o único que escreve Flávio Cavalcanti com e e exceção com dois ss.

AVE, AUGUSTO

"Um dos troços que dá prazer nesta vida é ver meu amigo Sérgio Augusto (um dos poucos críticos cinematográficos dignos dessa aplicação entre nós) escrever um artigo como Bertolucci-Aberto e Lúcido, publicado no nº 125, Bravo, Sérgio Augusto, que é também lúcido. A propósito, Parma não é uma cidadezinha mas uma progressista capital de província italiana, com a mais bela ópera da península". ARNALDO CARRILHO (Rio, GB)

• O nosso Augusto está até agora procurando o seu artigo sobre *O Mistério do Organismo*, em sinal de agradecimento pelas suas lantejoulas.

COLHER-DE-CHÁ CULTURAL

"Eu queria saber doonde originou a palavra O PASQUIM?"

• Segundo os dicionários menos atualizados, pasquim é uma "sátira af-

xada em lugar público", "jornal ou folheto difamador". Já os mais atualizados (ainda no preto) registram O PASQUIM como "uma sátira que, se fosse tão difamadora quanto gostaria, jamais seria afixada em lugar público".

ABAIXO OS REBUTALHOS

"Todas as vezes que, por descuido, um número desse jornal vem me parar nas mãos, e após consultar páginas por páginas, colunas por colunas, tomo conhecimento das escabrosas reportagens publicadas. Portanto, aconselho a publicarem matéria mais interessante e instrutiva, que seja do agrado de todos e que transmita aquela mensagem cultural de que todos nós precisamos. Até o último número só encontrei rebutalhos". ANTÔNIO MARIA RAMOS (Rio, GB)

• Se você consultou páginas por páginas e não página por página, é provável que tenha perdido metade das nossas matérias, ou seja 50% dos nossos rebutalhos. Ficamos muito sensibilizados com a sua crítica e já estamos pensando em assuntos mais interessantes e instrutivos. Pra começar pedimos que você nos envie sua autobiografia.

O INIMIGO DO POVO

"O Sérgio Cabral esteve aqui, viu, gostou, falou, badalou, mas não conheceu o Povo! Ai é que está a M. Ele tá parecendo o Francis, pô!". DATAN DE SOUZA (Goianinha, GO)

• Puderá, Datan, ninguém apresentou o cavalheiro ao Cabral.

MUCHA PLATA

"Segue um recorte do Jornal do Comércio local, onde um cara baixou o pau no Millôr. O cara chama-se José

Lucena de Oliveira e faz a seção Notícias Médicas. Lá nas linhas tantas, diz que o Millôr é um valioso autodidactado, competitivo, presunçoso, egotístico. Num tenho nada com a briga não, mas gostaria de saber o que significa argentário. Tem alguma coisa a ver com gostar da Argentina?" PAULO A. CORREIA (Recife, PE)

BURACOS DEMAIS

"Eu acho que o Tamanduá esconde, ou então o Henfil é fraguíssimo em zoologia. O dito bicho tem um buraco a mais. Peto que conta, os tamandaus, além da boca comprida, não têm, além dos normais, mais nenhum buraco na cara". ORLANDO RABELLO BRANT (Belo Horizonte, MG)

• É, o Henfil não entende nada de buracos anormais.

NA PISTA DA BONECA

"Descobri o nome da Boneca d'O PASQUIM. O cara é loiro, cabelos crespos, usa óculos, e está atualmente em Nova York. Quem será? Resposta da próxima carta". PEDRO A.M. MACHADO NETO (São Paulo, SP)

• Ah, diga logo quem é, Pedro. Será que, bem, não, não, não pode ser. O Norman Mailer não usa óculos.

COM A PALAVRA O SERTÃO

"Ver Mato Grosso e correr. Eis alguns nomes das fazendas por aqui: Cabeceira Comprida, Tapera do Condeiro, Falha do Padre, Barranca do Desbarancado, Estiva do Esquecido, Granja do Pulador, Água da Rica, Cachemere Bouquet, Sítio do Cachorro, Fuga da Propriedária, Barra do Barre-

ro, Cabeceira da China Branca, Cerouli da Pedra, Engano do Mutum II, Fortaleza da Garapa, São José da Trela". ELIANA RIBEIRO (Campo Grande, MT)

• Gostamos da número dez. Que tal o cavalo da dona?

CONCEIÇÃO

"Seus indiotas, porque vocês ficam aturmentando a vida da gente? Eu sou de Conceição do Mato Dentro e meu filho é médico em Peçanha e nós gostamos muito de lá. Ajente lá só pensamos em Deus e os mal que vocês fizer ela vai cobrar no Purgatório, Cruz credo. Não falem mau de Conceição do Mato Dentro". IMACULADA CONCEIÇÃO DOS SANTOS (Belo Horizonte, MG)

• Tá certo, Imaculada ajente num vai mais falar mau da sua cidade.

MAIS UM PRO MONTE

"Por que não contratar uma mulher pra dizer um monte de besteiras nessa josta de jornal? Vocês pensam que só vocês é que sabem escrever baboseira?" JORGE L. BRENHIA RIZZO (Rio, GB)

A SALIVADA CERTA

"Escritores af, ó Millôr (nº 115, pg. 3, item 3), é pra gente passar a língua aonde?" ROBERTO BARRETO (Belo Horizonte, MG)

• No sei, Roberto, no sei.

PROPOSTA FAMILIAR

"O motivo desta carta é o seguinte: quero fazer parte da grande família Pasquimiana". RUY M. SIQUEIRA (Rio, GB)

• Apareça, meu caro. Tem ainda muito rapaz solteiro aqui na relação.



DICA DE MULHER DO LEITOR

O Osvaldinho não é mole, não. O que ele desenhava de mulher bonita em Ilhéus não é normal. Ilhéus deve ter algum borogodó (os mulhérgos da redação estão organizando uma pesquisa no local) que carioca e paulista bonita acaba baixando lá. Essa aí, a Regininha, é carioca. Qual é a de Ilhéus?

¹ Estão anexadas às páginas referentes à Seção de Cartas dos leitores do Pasquim, anos 70, e do Pasquim21.

as cartas

AS BARTAS

“O ensaio aqui em Minas está escudilhado. Alguns exemplos: 1) As vagas oferecidas neste ano aos vestibulandos (17.900) foram de menos de 3.000, enquanto as faculdades só funcionam (e mal) nas partes da manhã e noite. À tarde, elas ficam entregues às baratas (e olha que isto significaria mais umas 1.500 vagas). 2) A Secretaria só funciona de manhã. E que, como eu; que trabalha de dia e estuda à noite, pode resolver seus problemas? 3) A Faculdade de Engenharia da Fundação Universidade de Minas Gerais (FUMG) infligiu as leis dos vestibulares em pelo menos três pormenores. Primeira falha: estendeu o tempo para inscrições a fim de ganhar mais algum. Segunda: colocou provas eliminatórias. Terceira: não cumpriu o edital de convocação para os vestibulares, onde neste previam (previa: a facilidade) 80 vagas, só colocando 60 alunos, algo de baixo nível — com as provas eliminatórias — e forçando novo vestibular, agora com 20 vagas, também para ganhar mais algum com as taxas de inscrição (R\$ 130,00).” JEFERSON SOARES (Belo Horizonte, MG)

• Minas continua falhando em silêncio.

LEPRA NO BREJO

“Em Brejo Santo, a lepra prolifera, colocando em perigo a saúde da população inteira. Além disso, há um enxame de morcegos tão grande que ninguém ali consegue dormir tranquilo.” FRANCISCO LUCENA (Fortaleza, CE)

• O baixim sugere que se comece jogando Noctuid no prefeito da cidade.

PIRAÇÕES

“O que está havendo com o jornal? Dos veteranos, só Jaguar, Ziraldo, Millôr, Claudius, Henfil e Newton Carlos permanecem. Um por um todos estão indo embora. Nós, amigos desde o começo, ficamos nos sentindo meio abandonados. Sig, ve se aguenta e não fecha o Pasqua, não.” IVANI DE FARIA (Rio, GB)

O PASQUIM Empresa Jornalística S/A — Presidente: Sérgio Augusto. 1.º Vice-Presidente: Zíroldo Alves Pinto. 2.º Vice-presidente: Henrique de Souza Filho. Diretor-Financieiro: Luiz Carlos Bovo. Expediente — Editor-Responsável: Jaguar. Diretor de Arte: Carlos. Diretor Comercial: Alfredo Barcellos. Secretário-Geral: Haroldo Zeppe. Redação e Administração: Rua Cláudia Lúcia do Brasil, 22 — fones: 226-4764; Secunrol de São Paulo — Diretor: Antônio Carlos de Silva Prado, Avenida Ipiranga, 890 — 9.º andar — Contatos: 903/904, telefones: 22-2899. Impresso na CIA. LITHOGRAFICA VIBRANGA, Rua Godete, 209 — Barra Funda, SP. Distribuição exclusiva para toda o Brasil: FERNANDO CHINAGLIA DISTRIBUIDORA S/A, Rua Tardoso, do Silve, 907 — telefones: 258-4848, GB. Os leitores da interior poderão fazer seus pedidos por correio enviado a FERNANDO CHINAGLIA, DIST. S/A acompanhada de cheque comprovado pelo Rio de Janeiro.

ESCREVA PARA CLARICE (COM NOME E SOBRENOME) OU PARA O PASQUIM (COM NOME E SOBRENOME) OU PARA O PASQUIM (COM NOME E SOBRENOME) RIO DE JANEIRO

• De fato, o Francis foi pra EUA e o Cabral pra São Paulo. Outros continuam com destino ignorado. Mas fique tranquilo, Ivani, O PASQUIM não fecha tão cedo. Ontem mesmo o Jaguar fechou a página dele às três da madrugada.

OURO, PICKLES

“Ouro na Transmizônica andou assanhando meio mundo. Um jornal da GB deu uma manchete pai-d’égua, anunciando que havia sido descoberto o *Popo da Promissão*. E, quando acaba, neza de ouro. O mineral descoberto é um tal de Birita.” PEDRO CARVALHAES GOUVEIA (Belém, PA)

• Quando descobrirem por aí um poço de Birita, avistem ao Jaguar.

EFEMÉRIDES

“Quero que vocês não se esqueçam que eu faço 16 anos hoje dia 22 de fevereiro, terça-feira, e que o meu Pasqua sai neste dia (foi 138). Parabéns pra mim.” NICA DE MESQUITA GARCIA DIAS (Rio, GB)

• E parabéns pra nós que conseguimos, a duras penas, bolar o 138 na terça-feira.

VIDA DIFÍCIL

“Acabei o 4.º ginal e quero continuar estudando. Por enquanto posso continuar mas como parece que vou ser expulso de casa pelo meu avô, escrevo a vocês pedindo para que outras pessoas que passaram a mesma coisa se correspondam comigo. Se fosse possível também gostaria que alguém me arranjasse uma bolsa de estudos. Faço alguns versos.” ROLAND FISCHMANN (São Paulo, SP)

• Quem tiver baixo astrais iguais aos de Roland é só escrever pra rua Maria Figueiredo, 249.

CLARA PACA?

“Li o artigo do Miguel sobre o Lanj. Queria dizer que zero é a * dele, pô! Propagandinha clara paca. O jingle diz *liberal*. Ó, Miguel, qual é, bicho? Continua desenhando que, como crítico, você é uma b(*).” IROSHI SHINOMURO (São Paulo, SP)

• Em primeiro lugar, Iroshi, o Miguel pediu aos leitores que o ajudassem a identificar o que o anúncio dizia, coisa que você acaba de fazer com brilho fora do comum. Em segundo, seu libel é a, bem, cala boca, Miguel.

COLECIONADOR

“Gostaria que me informassem se ainda é possível a compra da coleção inteira, desde o primeiro número e qual o preço de cada exemplar.” FERNANDO AZAMBUJA (Porto Alegre, RS)

• Através do PASQUIM, não. Só se algum leitor estiver disposto a vender uma coleção completa. Fique de olho nas Coisas que ali às vezes pintam ofertas de colecionadores.

DESTINO CERTO

“Só quero que baixem o pau naquele (ou naquela) cara que, quando eu escrevi: ‘...se não der pé para publicar, sei que vai para o arquivo esta carta...’, respondeu: ‘Que arquivo? Vai é pro lixo

mesmo.” ACYR NASCIMENTO (Arapongas, PR)

• Um momentinho só, Acyr, que antes vamos passar na lixeira pra deixar a sua carta.

CARETICE

“Protesto contra o Lewgoy. Que negócio é esse de fazer aquele anúncio careta das Clásas Pernambuco, heim, heim?” GUSTAVO A. DA SILVA (São Paulo, SP)

• Acontece que o Lewgoy é um dos principais acionistas das Casas Pernambucanas. Ele tem 35% de todas as ações de flanelas e cobertores.

MAIS FLORINDA

“Que que está havendo? A Patota se cansou das entrevistas quentes de antigamento ou as entrevistas é que são ruins mesmo? E a Florinda ninguém mais vai falar dela? CABETO (Assis, SP)

• Ó, Henfil, o Cabeto diz que a Florinda é muito melhor que a Adriana Prieto.

ROENDO A CORDA

“Fera!, ó gente: cês tão roendo a corda antes do tempo. Tem muita gente boa, aizinho mesmo no Rio, pra ser entrevistada. Exemplos? Clancei sempre. Outra glória: Antônio Cláudio.” LIANA DE CARVALHO (São Paulo, SP)

• Clarice, Luana, só a índio do Brasil, com dois ss.

YAMAMOTO

“Vou dedar mais um Yamamoto, desta vez cometido pelo London’s man, Ivan Lessa. Um cara que está sempre em Londres que nem o Ivan devia saber alguma coisa sobre a BBC, ao menos o nome certo. Há dias ele disse que era British Broadcasting Company, quando o correto é British Broadcasting Corporation. E mais uma, Ivan: a BBC transmite em 40 línguas e não em 39.” PAULO DE QUEIROZ ARBUVAL FILHO (Ribeirão Preto, SP)

• Depois dessa o Ivan vai ser despedido da BBC, sem direito a indenização.

ALÔ, ILHÉUS

“Quero mandar um abraço pra todos vocês, e, aproveitando, pergunto se posso visitá-los quando for aí. Quería que o Oswaldo Mendonça de Ilhéus se comunicasse comigo.” LUCIENE CARNEIRO FERNANDES (Pirajá, RJ)

• Claro, Luciene, estamos sempre às ordens. Ó, Oswaldinho, tu tá agradando, heim? Olha, o endereço dela é Lina de Fontes, Caixa Postal 27.200.

FLOR DO LÁCIO

“O Monstro do Vestibulão do nº 132 estava gozadíssimo. O autor obterá grau dez em humorismo, mas em latim, sítu. Mathematicus Calculum (masculino com neutro e comendo o h de mathecius), calus sacal (devia ser sacalis), pata in bagus (preposição com nominativo), terminaçãoibus (da 3.ª em vestibulandos (da 2.ª) e outras yamamoticas.” OSWALDO FREITAS (Lorena, SP)

• Quotus tandem Oswaldo abutere patientia nostra?

MAIS LIXO

“Sérgio Augusto: faz um bocado de tempo que não aparece nas páginas do PASQUIM alguma coisa sobre o Jogo de Lixo.” NORBERTO (Jau, SP)

• O Jogo do Lixo já foi recolhido pelo Departamento de Limpeza Urbana.

PROTESTO GAÚCHO

“Queremos manifestar nossa protesto às sucessivas cartas escritas por pessoas de nossa cidade re-

ferentes à Universidade Federal de Santa Maria, bem como ao seu Reitor. Estas cartas só podem ser enviadas por pessoas incapazes de realizar sequer uma pequena parcela do enorme trabalho que vem sendo feito em torno de nossa universidade. Tudo não deve passar de uma obra de caráter essencialmente depreciativo, vinda de mentalidades retrógradas. O trabalho que vem sendo feito pelo nosso reitor colocou nossa universidade entre as melhores e bem equipadas da América Latina. SANDRA MARIA e MARIA REGINA (Santa Maria, RS)

• Falou, ou melhor, falaram e disseram.

TÁ NESTA, BICHO?

“Nosso desejo é manter um intercâmbio jornalístico com todos aqueles que, de uma forma ou de outra, estão ligados a atividades jornalísticas de cunho estudantil. Portanto, bicho, se você tá nessa, por favor, envie-nos um exemplar de seu jornalco, que nós, em retribuição, lhe enviaremos outro, ok?” O PIRIPIRI (Santa Maria, RS)

• Quem quiser intercambiar com o Piripiri é só escrever para rua Dr. Wauthier, 150.

TÉDIO HABITUAL

“No Pasca nº 133, na Dica 133, TV-1, Sérgio Augusto dá uma gozada no Heron Domingues e no Canal 13. Na verdade, a fase de reestruturação já vem durando algum tempo. Ênfase em cultura e telejornalismo é muito engraçado. Que cultura? Talvez apenas o Jornal de Arte, sábado às oito da noite, mero informativo, repetido o que já havíamos lido pela manhã no *Que Há Para Ver* do JB. O que a Rio nos está reservando é um cocô colorido de que

falou o Sérgio Augusto.” FERNANDO HENRIQUES (Rio, GB)

• Resta o consólio de que ainda não inventaram a televisão com cheiro.

E TOMA LIXO

“ Perguntem aí ao Rei do Lixo, Sérgio Augusto, se de fato Lucille Ball apareceu no filme *Whitaker*, de Alfred Dantell, rodado em 1938? Tem gente que diz que sim e outros que não. Quem tá certo?” MAURO EPAMINONDAS ALVIM (São Paulo, SP)

• Quem disse sim tá certo. Lucille Ball aparece na cena em que Burgess Meredith defende aquele radical de rua. *Whitaker*, o último papel não creditado feito por ela na RKO, é de 1936.

BOM GOSTO

“Viva O Pasca, guardião dos verdadeiros bons costumes: mente sadia, tuca livre & arrojada, humor, senso crítico, coragem, curiosidade, inteligência, cultura sem frescura nem desabunde. Achei o artigo do Jabor sensacional e providencial. Quem diz que este abusado hebdê está caindo que passe a ler O *Globo* e o *JB*. Eu ainda prefiro O Pasca meia-bomba ao resto da imprensa oficial brasileira, basbaque, puxa-saco, quadradona, hipocrisia.” SILVIO PIRES (Salvador, BA)

• Nós também, Silvio.

ASAS ABERTAS

“Maciel, abre tuas asas. Abri-me entre seus braços. Faz de mim a tua porta, sempre aberta e clara. Aberta-me em tuas asas.” TÂNIA MARIA DA CONCEIÇÃO MENESES (Araçájo, SE)

• Infelizmente, Tânia, o Maciel, o cara da Clarice Índio do Brasil, não vai sobreviver Sergipe tão cedo.



DICA DE LEITOR

Deixo para vocês o trabalho de identificar o segundo personagem a contar da direita. Não coloquei legenda pois sei que vocês conseguirão fazê-la melhor. GERSON A. PESSOA (Belo Horizonte, MG)

NO DIA DO FECHAMENTO DESTA EDIÇÃO, SÉRGIO AUGUSTO, CARLOS HARALDO E TONINHO DESTRUÍRAM UM LITRO DE PASSPORT. DESCULPEM, QUISSEMA COISA (JAGUAR) NICK

POESIA NECESSÁRIA. O estilo dele é na ponta das uvas colhendo os pés. Bituins é? Táio táio.

AS CARTAS

MANDEM-NOS, AGORA PARA A SUA GENERAL TASSO FARGOSO, ZIL SE GUNDO ANDAR, JARDIM BOTÂNICO, RIO, GB, NÃO DEVULVEMOS CPLABO RÍGIDOS, NÃO BASTA RECEBER.

LEITOR TOLO
"A nata da irreverência carioca: escreve-lhes para dar-lhes um furo jornalístico: o Vasco vai mudar de nome. Chamam-se-á Butantã CR, pois, ultimamente, só compram cobras." FERNANDO SALVADOR DE ARAUJO (Rio, GB)

"Ah, é, Nando? Sei... Táio táio. No futuro, seja mais frugal com seus fuxus. Em todo caso, parabéns pelo chamar-se-á. Segue peço correio uma enclipe e uma pró-dida, Divirta-se."

DESABOFO DE UM CAMPINEIRO
"Se o príncipe de Bagdá/ Se os homens de Amster-dão/ Se os rapazes do São-dão/ Se o duque de Avanhara-dava/ Se o conde que era conde D'Eu/ Acham que a boneca aqui é de ferro?" N.V. BORGES (São Paulo, SP)

"Você que sabe, N.V., você que sabe, fã, recebeu nosso armário azulado? Tudo bom?"

UM GAÚCHO DAS ARABÍAS
"Dear Pasquim's patota pt En-vi-lhes meus cordiais/cumprimentos p/excelente trabalho desenvol-vi-do p/Favor acusar recebimento p/ J.A. MELLO (Porto Alegre, RS)

"Não chatela, Mello. Segue pelo correio as vias do fato."

EM TEMPO DE BUMBO
"Um dia então cansado dei/ meu velho corpo parado excoi-/ com nova alma de rumo mu-/ del... etc..." ANÔNIMO AÇO-RIANO (Pólis, SC)

OS BITUINS
"Por onde anda o Ivan Lessa? Está em Londres ou aqui no Bra-sil? Gostaria de mandar meu livro para ele. Chama-se *Pior de Lótas* e não pretende abalar estrutura alguma ou contestar nada. É apenas poesia. Meu estilo é na ponta dos pés colhendo uvas. Eu e o Ivan, somos os Bituins." GERALDO VASCONCELOS DE JESUS (Salvador, BA)

MEXILHÃO OSTROSO
"Olha aqui pessoal, quem escreve esta carta, é um cara que gosta de machucar com tudo. É dos tipos que..." JOÃO BARBOSA (Recife, PE)

"Poesia. Central de. Essas coisas. Ó, vida! Vá fã, Anônimo, vá fã."

ENQUANTO ISTO, NUM CERTO CONSULADO...



ALELUIA!
"ÓBA! ÓBA! ÓBA! ÓBA!"
ÓAO RAMOS (Seridó, RN)
"E é isso, João, é isso, meu nego! ÉPA! ÉPA! ÉPA! ÉPA!"

O TREM DA CENTRAL
"Al vô alguns poemas para a Central de Poesias. 'A rua, atape-lada de asfalto, inicia a paisagem interrompida. Troceta e tal.' SÉRGIO LEONARDO DARWICH (Belém, PA)

MEU VELHO CAPOTE
"Isso aí é uma obra de arte. É um personagem que acabo de criar. O XunBado. De Chumbado, sacaram? Se gostarem quero que diem a nota, sem chumbo. Ponham o desenho aí." JACQUES SOARES (Parapeba, MG)

UMA FAZENDA
"FERNANDO SALVADOR DE ARAUJO - RUA PARANAPANEMA, 965, ZC 22, (Rio, GB)

TRABALHO E COMIDA
"Alô, patota! Fic, fic, fic... Vocês viram? As duas primeiras rotativas do palco do Maracan-zinho foram para a 'estrela de David'. Que chic, hein? Viram a competência do Juri? Aquela aberração da 'Cabeça'? Que é isso? Proteção? Propinas? Sabota-gem?" JOSÉ DE MELLO (Mo-gi: Mirim, SP)

LEITOR ANSIOSO
"Ópa, ópe, poi, ope, opu, épa, óba, cadê o ventilador Arno que vocês ficaram de me mandar. Estou esperando. Vou processá-los por calúnias, injustiças e, ainda por cima, danos morais!" MARCUS NAQUECHIEL (Petrópolis, RJ)

CIT
"Agora ficou mais fácil pra nós aqui da CIT (Companhia In-timica do Trabalho) adquirir o Pas-ca. Antes tínhamos de buscar em B'aga (Belô) Brigadim." TARCÍSIO LIBÂNIO RODRIGUES (Bumadinho, MG)

LINHAS CURVAS
"Quem vive do desenho explo-ra a linha. Exploreiros então a linha pura, não maculada pela rea-lidade. Cedo a idéia ao ilustre hu-morista Jaguar." DELTON LIMA ÁVILA (Porto Alegre, RS)

DISCORDANTE
"Tendo V.Sa. publicado como 'Poster dos Pobres' os 4 (quatro) macaquinhos da subcultura chine-sa, venho discordar de V.Sa., pois o verdadeiro, o original, compõe-se de 6 (seis) macaquinhos."

ALBUQUERQUE
"O vento imperante faz um ce-nário cruel / Completo quadro de agonia / ... etc..." EDMAR FOLK (São Paulo, SP)

BALBUCIANTE
"No Pasca nº 167 saiu algo na seção de cartas com meu nome. Algo mais ou menos 'Opus, Opus, Ré, Ré, Opus' Não o il. Amigos me procuraram para que eu esclare-cesse a mensagem, confessei de nada estar ciente. Pela minha agenda não lhes escrevi." ZAN-DER GINAID (Vitória, ES)

ACINOTOSO
"Os senhores estão cada vez melhores. Continuem sempre assim. As andadas estão ótimas. Avante, meus amigos. E muita prosperidade. Abraços a todos." NEUSIAS NUNES (Rio, GB)

CRUEL ARREIMATE
"Os senhores estão cada vez melhores. Continuem sempre assim. As andadas estão ótimas. Avante, meus amigos. E muita prosperidade. Abraços a todos." NEUSIAS NUNES (Rio, GB)

QUOSQUE TANDEM
"O vento imperante faz um ce-nário cruel / Completo quadro de agonia / ... etc..." EDMAR FOLK (São Paulo, SP)

ALBUQUERQUE
"No Pasca nº 167 saiu algo na seção de cartas com meu nome. Algo mais ou menos 'Opus, Opus, Ré, Ré, Opus' Não o il. Amigos me procuraram para que eu esclare-cesse a mensagem, confessei de nada estar ciente. Pela minha agenda não lhes escrevi." ZAN-DER GINAID (Vitória, ES)

COMUNICAÇÃO FUTIL
"Comunicação que a Isa e o Marco andaram pintando nas bôças e foram transar lá em São Paulo, LUIZ CARLOS NUNES (Sapu-çuia do Sul, RS)

BENFAM
"No Pasca 168, seção de cartas, havia uma nota inofensiva do BENFAM, entidade reconhecida como de utilidade pública. Se não conhecem os caras, seria bom saber que andam metidos em programas de esterilização no nosso vasto e desprezado país. Se o assunto interessa, consultem docu-mentos da Conferência dos Bispos do Brasil." EDJARDIO MIRAN-DA (Rio, GB)

TORCILO
"Parém, mas parém mesmo, bonecos, com essas frases no meio das dicas. Odeio ficar entortando o pescoço para ler aquelas loucu-ras. Também não gosto de ficar de 'pontal-cabeça' pra ler o Pasca. Pa-rem, parém!" MARISA FILLET (Piracicaba, SP)

ALBUM DE FAMÍLIA
"Ah, meu Deus, que coisa! Também você, quando quer - seu danado! - não há quem possa. Filhinho, desculpa, viu. Beijo, beijo." MARLY TAVARES (Rio, GB)

QUOSQUE TANDEM
"O vento imperante faz um ce-nário cruel / Completo quadro de agonia / ... etc..." EDMAR FOLK (São Paulo, SP)

BALBUCIANTE
"No Pasca nº 167 saiu algo na seção de cartas com meu nome. Algo mais ou menos 'Opus, Opus, Ré, Ré, Opus' Não o il. Amigos me procuraram para que eu esclare-cesse a mensagem, confessei de nada estar ciente. Pela minha agenda não lhes escrevi." ZAN-DER GINAID (Vitória, ES)

ACINOTOSO
"Os senhores estão cada vez melhores. Continuem sempre assim. As andadas estão ótimas. Avante, meus amigos. E muita prosperidade. Abraços a todos." NEUSIAS NUNES (Rio, GB)

CRUEL ARREIMATE
"Os senhores estão cada vez melhores. Continuem sempre assim. As andadas estão ótimas. Avante, meus amigos. E muita prosperidade. Abraços a todos." NEUSIAS NUNES (Rio, GB)

QUOSQUE TANDEM
"O vento imperante faz um ce-nário cruel / Completo quadro de agonia / ... etc..." EDMAR FOLK (São Paulo, SP)

BALBUCIANTE
"No Pasca nº 167 saiu algo na seção de cartas com meu nome. Algo mais ou menos 'Opus, Opus, Ré, Ré, Opus' Não o il. Amigos me procuraram para que eu esclare-cesse a mensagem, confessei de nada estar ciente. Pela minha agenda não lhes escrevi." ZAN-DER GINAID (Vitória, ES)

ACINOTOSO
"Os senhores estão cada vez melhores. Continuem sempre assim. As andadas estão ótimas. Avante, meus amigos. E muita prosperidade. Abraços a todos." NEUSIAS NUNES (Rio, GB)

CRUEL ARREIMATE
"Os senhores estão cada vez melhores. Continuem sempre assim. As andadas estão ótimas. Avante, meus amigos. E muita prosperidade. Abraços a todos." NEUSIAS NUNES (Rio, GB)

QUOSQUE TANDEM
"O vento imperante faz um ce-nário cruel / Completo quadro de agonia / ... etc..." EDMAR FOLK (São Paulo, SP)

BALBUCIANTE
"No Pasca nº 167 saiu algo na seção de cartas com meu nome. Algo mais ou menos 'Opus, Opus, Ré, Ré, Opus' Não o il. Amigos me procuraram para que eu esclare-cesse a mensagem, confessei de nada estar ciente. Pela minha agenda não lhes escrevi." ZAN-DER GINAID (Vitória, ES)

ACINOTOSO
"Os senhores estão cada vez melhores. Continuem sempre assim. As andadas estão ótimas. Avante, meus amigos. E muita prosperidade. Abraços a todos." NEUSIAS NUNES (Rio, GB)

CRUEL ARREIMATE
"Os senhores estão cada vez melhores. Continuem sempre assim. As andadas estão ótimas. Avante, meus amigos. E muita prosperidade. Abraços a todos." NEUSIAS NUNES (Rio, GB)

UM CARIOCA NO RECIFE
"Sou do Rio, estou aqui no Recife há algum tempo e gostaria que me fizessem um favor... JOSÉ HONÓRIO CARNEIRO FILHO (Recife, PE)

RAINHA DO RÁDIO
"Mantive foi a melhor intér-pretre do FIC Nacional. Ela é a precursora do misen-scène nacio-nal: professora de palco. Por que então o Pasca ainda não entre-visito Marlene?" MARIA DA GLÓRIA CARVALHO (Rio, GB)

QUÍMICO DE OULATE
"Olla, gente, geralmente con-cordo com as piçafões de vocês. Mas agora foi demais. No nº 168 vocês acharam que tinham de ba-gunçar com a química na seça de cartas. Milôr, não satisfeito, laco-rou de vez na página 3, falando tudo que se relacionava com a Química." VERONA CRISTINA DA SILVA (Rio, GB)

CRUEL ARREIMATE
"Os senhores estão cada vez melhores. Continuem sempre assim. As andadas estão ótimas. Avante, meus amigos. E muita prosperidade. Abraços a todos." NEUSIAS NUNES (Rio, GB)

QUOSQUE TANDEM
"O vento imperante faz um ce-nário cruel / Completo quadro de agonia / ... etc..." EDMAR FOLK (São Paulo, SP)

BALBUCIANTE
"No Pasca nº 167 saiu algo na seção de cartas com meu nome. Algo mais ou menos 'Opus, Opus, Ré, Ré, Opus' Não o il. Amigos me procuraram para que eu esclare-cesse a mensagem, confessei de nada estar ciente. Pela minha agenda não lhes escrevi." ZAN-DER GINAID (Vitória, ES)

ACINOTOSO
"Os senhores estão cada vez melhores. Continuem sempre assim. As andadas estão ótimas. Avante, meus amigos. E muita prosperidade. Abraços a todos." NEUSIAS NUNES (Rio, GB)

CRUEL ARREIMATE
"Os senhores estão cada vez melhores. Continuem sempre assim. As andadas estão ótimas. Avante, meus amigos. E muita prosperidade. Abraços a todos." NEUSIAS NUNES (Rio, GB)

QUOSQUE TANDEM
"O vento imperante faz um ce-nário cruel / Completo quadro de agonia / ... etc..." EDMAR FOLK (São Paulo, SP)

BALBUCIANTE
"No Pasca nº 167 saiu algo na seção de cartas com meu nome. Algo mais ou menos 'Opus, Opus, Ré, Ré, Opus' Não o il. Amigos me procuraram para que eu esclare-cesse a mensagem, confessei de nada estar ciente. Pela minha agenda não lhes escrevi." ZAN-DER GINAID (Vitória, ES)

ACINOTOSO
"Os senhores estão cada vez melhores. Continuem sempre assim. As andadas estão ótimas. Avante, meus amigos. E muita prosperidade. Abraços a todos." NEUSIAS NUNES (Rio, GB)

CRUEL ARREIMATE
"Os senhores estão cada vez melhores. Continuem sempre assim. As andadas estão ótimas. Avante, meus amigos. E muita prosperidade. Abraços a todos." NEUSIAS NUNES (Rio, GB)

QUOSQUE TANDEM
"O vento imperante faz um ce-nário cruel / Completo quadro de agonia / ... etc..." EDMAR FOLK (São Paulo, SP)

BALBUCIANTE
"No Pasca nº 167 saiu algo na seção de cartas com meu nome. Algo mais ou menos 'Opus, Opus, Ré, Ré, Opus' Não o il. Amigos me procuraram para que eu esclare-cesse a mensagem, confessei de nada estar ciente. Pela minha agenda não lhes escrevi." ZAN-DER GINAID (Vitória, ES)

ACINOTOSO
"Os senhores estão cada vez melhores. Continuem sempre assim. As andadas estão ótimas. Avante, meus amigos. E muita prosperidade. Abraços a todos." NEUSIAS NUNES (Rio, GB)

CRUEL ARREIMATE
"Os senhores estão cada vez melhores. Continuem sempre assim. As andadas estão ótimas. Avante, meus amigos. E muita prosperidade. Abraços a todos." NEUSIAS NUNES (Rio, GB)

ESTE BRASIL BRASILEIRO, ESTE BRASIL INSEGURO: AFINAL, MÔS ACABAMOS COM AS SAUVAS DO NÔ?



LALÁ E LELE

"Somos 2 lindas meninhas e estamos procurando Marido Urgente. Oferecemos uma mesada bastante grossa aos elitos, que, cujimos, sejam muito simpáticos, brincahóes e tenham até 26 anos. Interessados que escrevam e mandem fotos para a Caixa Postal 13004 (NIETA). Beijo comprido e gordão pra cada um do PASQUIM, REGINA E LUCIA (Rio, GB), etc."

NOTÁVEL E MODESTO
Uma gíria pra vocês: "Pisar na goela!" E não vem com essa de dizer que eu sou parente de sicrano ou beirano, que não colo. Agora, sem chantage. O Millôr está dando um recado formidável. O Millôr, você não é parente daquele italiano, de olhos azuis? Não? Então vá fazer livros. Vai também minha modesta colaboração." A.C.F. ROCHA (Nova Iguaçu, RJ)

INDAGAÇÃO -> VIDE?
"Por favor, que horas são?" MARIO SARAIVA NETTO (Rio, GB)

SUGESTÃO NOBRE
"Shuiga dois preços para o PASQUIM. Superamos quem, em futuro longínquo, o preço passe a ser de Cr\$ 2,00. Acho que, no sul, deveria ser Cr\$ 1,50 e no Nordeste apenas Cr\$ 1,00. Nada mais justo. Nossos grandes irmãos do sul nos estarão ajudando a adquirir cultura. Sim, o

ASTRAL MISTÉRIO
"Eu os considero uma elite inteligente e cínica. Assim introduzido, popóhies que dêem uma lida nos Planetas da editora Três e respondam lacônicas o que acham (sem muitas sutilezas, pra gente

MACE - UMA MULHER (MOCINHA) DESENHANDO NO PASQUIM!
"O que que tem a BEATRIZ USAR SELL TORLESS?"

"SANTA EREGENIA DE ELA QUEM O PROBLEMA E DELA?"

"POR QUAIS SÃO VOCES QUE VÃO FICAR COMO DÓIS TOMATES JE-POIS DA PRIMA REINTEIREDEN?"

"NÃO DÁ? POR QUÊ?"

"PERDIU A PARTE DE CARA?"

"NÃO DÁ? POR QUÊ?"

"NÃO DÁ? POR QUÊ?"

"NÃO DÁ? POR QUÊ?"

PASQUIM é cultura." CLÍNIO ANTONIO DA SILVA (Vitória do Santo Antônio, PE)

"Gênial esse tal de Vide. Inventou paca a página 2. Sou uma louca (ou loira) que-lí-o PASQUIM. Acabaram as 24 páginas. Quer dizer que o helôlo não vem mais freqüente? Não se confie em ninguém com mais de 30, ou 32." LAIS FARIA GALVÃO (Goiânia, GO)

ASSAZ SIGNO
"À anta parece o Flívio Cavalcano e Jacy são criações do Jaguar. Certo?" D.L. MARAVILHA (São Paulo, SP)

CATARSE CATARINENSE
"Priz! Vocês estão cada vez piores. Piores! Suas piadas são velhas. Esgotou-se o acerço? Vocês estão fazendo do PASCA um jornal policliático sem cabeça. A entrevista com o Mário Vianna salvou a pele de vocês. Falei." MILTON DOS SANTOS (Joinville, SC)

VERNÁCULO VERAZ
"De acordo com o vernáculo amparado por Rui, Ernesto e até Gregório Matos, escreve-se no bom português "Chiste" e não "Xiste", como em vossa carta dirigida ao Nixon. Como podeis vos criticar a astimela do Eiton Chaves, se vos próprios deixam sair neste sensitivo hebbô tamanha batada. Segue pelo correio um livro de Feliberto de Carvalho, Mandevos, de certa feita, um livro de pinga "Bom Jardim". Nem agradeceram. Rocem-se nas artigos. TÁ?" JOAQUIM FELISBINO (Goiânia, GO)

"E, Felisbino, mas isso é no bom português, certo? Logo, nada a ver com a gente aqui. Somos brasileiros. E depois você não percebeu a ironia. Era pra encucar o Nixon. Morou agora? Mercê pela pinga e pelas urtigas. Uma coisa: Jardim é com J, vide SUTERENAPRO (Goiânia, GO)

"Mal pude acalpar em meus olhos! Fiquei boquiaberto! Então exclamei cá com meus botões...". P.C. DE BARROS MELO (São Paulo, SP)

"Ih, rapaz, em matéria de luga-comum, estás um prato-fine. Via? Chega a ser contagiante. Tente ser original. Se não conseguir, imite o Agnaldo Timóteo (aliás, pela letra, leve jeito). Irrá!"

"Será que nada mais represento para você? Será que fui apenas um joguete em suas mãos? Será que jogarei fora os melhores anos de minha vida? Será que o amor é um sonho? Será que a vida é uma ilusão?" MARLY TAVARES (Rio, GB)

"Hem? O que, Marly? Ah, sim. Pode deixar que eu peço pro Toninho de volta o busto de Nietzsche. Qualquer coisa eu ligo. Recomendações."

"Tua família - se é que a tens - sabe que cé anda nessa, Janjão? Vai devagar, artista, devagar..."

"... já que são as únicas que faltam." A. HOUAISS (Rio, GB)

"As letras de 'C'est Si Bon', 'Rumba Azul' e 'Blue Moon' foram publicadas, respectivamente, em

Entender." MAX FUHLENDOR JR. (São Paulo, SP)

"Ja wohl, Max. Nosso Departamento Planetário já no telescópio. Qualquer corpo estranho, anta ou leirão, notificaremos. Sem sutilezas, é claro. Enquanto isso, segue pelo correio Pluto e Saturno. Tente fazer com que entrem em conjunção carnal. Em!"

VIDE O TAPE
"Genial esse tal de Vide. Inventou paca a página 2. Sou uma louca (ou loira) que-lí-o PASQUIM. Acabaram as 24 páginas. Quer dizer que o helôlo não vem mais freqüente? Não se confie em ninguém com mais de 30, ou 32." LAIS FARIA GALVÃO (Goiânia, GO)

"Se voce gostou do Vide, princesinha, vai amar o Nota Bene. Se preferes 24 páginas, dê as outras 8 pros pobres. Segue por um sonho acabado. Tente fazer com que se recupere."

AVISO! AVISO!
"As cartas longas e tediosas são reunidas ou forjadas, de forma a dar maior interesse a esta seção, em franco declínio (sim, vide o Caudillo Espanhol), conforme previsto nos artigos 13, 67 e 139 de nossos regulamentos. Pedimos aos leitores também que façam indagações razoáveis e sensatas, que serão todas respondidas na medida do possível! Obrigado, leitores!" VIDE TOM, JERRY

AVISO! AVISO!
"De acordo com o vernáculo amparado por Rui, Ernesto e até Gregório Matos, escreve-se no bom português "Chiste" e não "Xiste", como em vossa carta dirigida ao Nixon. Como podeis vos criticar a astimela do Eiton Chaves, se vos próprios deixam sair neste sensitivo hebbô tamanha batada. Segue pelo correio um livro de Feliberto de Carvalho, Mandevos, de certa feita, um livro de pinga "Bom Jardim". Nem agradeceram. Rocem-se nas artigos. TÁ?" JOAQUIM FELISBINO (Goiânia, GO)

"E, Felisbino, mas isso é no bom português, certo? Logo, nada a ver com a gente aqui. Somos brasileiros. E depois você não percebeu a ironia. Era pra encucar o Nixon. Morou agora? Mercê pela pinga e pelas urtigas. Uma coisa: Jardim é com J, vide SUTERENAPRO (Goiânia, GO)

"Mal pude acalpar em meus olhos! Fiquei boquiaberto! Então exclamei cá com meus botões...". P.C. DE BARROS MELO (São Paulo, SP)

"Ih, rapaz, em matéria de luga-comum, estás um prato-fine. Via? Chega a ser contagiante. Tente ser original. Se não conseguir, imite o Agnaldo Timóteo (aliás, pela letra, leve jeito). Irrá!"

"Será que nada mais represento para você? Será que fui apenas um joguete em suas mãos? Será que jogarei fora os melhores anos de minha vida? Será que o amor é um sonho? Será que a vida é uma ilusão?" MARLY TAVARES (Rio, GB)

"Hem? O que, Marly? Ah, sim. Pode deixar que eu peço pro Toninho de volta o busto de Nietzsche. Qualquer coisa eu ligo. Recomendações."

"Tua família - se é que a tens - sabe que cé anda nessa, Janjão? Vai devagar, artista, devagar..."

"... já que são as únicas que faltam." A. HOUAISS (Rio, GB)

"As letras de 'C'est Si Bon', 'Rumba Azul' e 'Blue Moon' foram publicadas, respectivamente, em

"Tente fazer com que se recupere."

"Sei, Oswald, mas é possível que ela venha ressuscitar no dia 24 de dezembro em frente à Academia Brasileira de Letras. Papai Noel, só se for de verde 'Jardim Botânico'. Criança/paga inteira. Que é pra ir logo se acostumando com o lado duro da vida."

"Erraste, Neto. Em 1794, Arnaldo Peçonha, desta capital, inventou o avião-3-ré, que se projeta de encontro ao hangar "Bartolomeu Gusmão", matando todos os que ali se encontravam. O homem nas notas de 10 cruzeiros (tá bom, sejam ridículos) é um impostor. Quanto ao 14-Bis, Maria Callas, com uma mão só, conseguiu 15 16-bis, na noite de 16/6/58 no Scala, de Milão. Vá lá."

"Sou vidrado em troças de opiniões. Quem se atrever a escrever para: Rua Antonina do Norte, 36, Monte Castelo." PAULO DE C. MORAIS LIMA (Fortaleza, CE)

"Que opinião? A revista? Só 30 números. Quer trocar mesmo assim?" Tio tá. Segue pelo correio, inclusive, um aparte. Tente fazer com que volte ao trabalho."

"Nietzsche deu o contra porque compreenda que nosso verdadeiro comportamento moral longo de ser de...". VICTOR SOUVARINE (Porto Alegre, RS)

"Não, meu filho, aqui não. De Nietzsche não. Tente Romanie Muraro, Edu da Gaita, um troço assim. Mas Nietzsche não. De jeito nenhum!"

Exclamou Timagd, O Arcaico De-El-Rey.

ALTO DA MESSLA
"Por favor, o religião do senhor diz o que?" LEANDRO MENDONÇA (Carmo, SP)

"Tique-taque, tique-taque, tique-taque! E o seu, Leandro, que qui ele diz?" OMEGA ou CAIOETE

EZRA POUND
"Invocando a graça e a proteção de Deus, torno público a todos os que a este veredito interessarem, que a seção "Central Pasquim de Poesia" foi considerada natimorta pela alta direção pasquimática. O fêretro sairá da Tasso Fragozo, às 10 horas, vinte dias após os Finados, estando convidados todos os poetas pululantes do Brasil. O traje é "Billy-The-Kid" para os homens e azul "Bibi" para as mulheres, sendo exigida a entrada do cemitério a declamação do Poema em Linha Reta, de Fernando Pessoa. Minhas condolências." OSVALDO GOMES JR. (Santos, SP)

"Para as escrividinhas (sic) 14-Bis, NETO (Jambúia, SP)

ESCREVINHADOR
"Para as escrividinhas (sic) 14-Bis, NETO (Jambúia, SP)

ESCRACHADO
"Para as escrividinhas (sic) 14-Bis, NETO (Jambúia, SP)

ROUXINOL PAPALVO
"Os desenhos do Ziraldo são uma das coisas mais emocionantes que já vi em toda minha vida. Puxa! Só faltam falar! E isso aí, bichos." RUI DE CASTRO (Rio, GB)

"Ergana-se, prezado Rui, eles falam. Muito baixinho mas falam. Cole o ouvido a uma página do humorista em questão e ouvirá. Ou então ligue a televisão no programa "Discofeca de Jeremias, O Bão". E Quatolina, como dita o Zira."

"Será que nada mais represento para você? Será que fui apenas um joguete em suas mãos? Será que jogarei fora os melhores anos de minha vida? Será que o amor é um sonho? Será que a vida é uma ilusão?" MARLY TAVARES (Rio, GB)

"Hem? O que, Marly? Ah, sim. Pode deixar que eu peço pro Toninho de volta o busto de Nietzsche. Qualquer coisa eu ligo. Recomendações."

"Tua família - se é que a tens - sabe que cé anda nessa, Janjão? Vai devagar, artista, devagar..."

"... já que são as únicas que faltam." A. HOUAISS (Rio, GB)

"As letras de 'C'est Si Bon', 'Rumba Azul' e 'Blue Moon' foram publicadas, respectivamente, em

"Tente fazer com que se recupere."

"Sei, Oswald, mas é possível que ela venha ressuscitar no dia 24 de dezembro em frente à Academia Brasileira de Letras. Papai Noel, só se for de verde 'Jardim Botânico'. Criança/paga inteira. Que é pra ir logo se acostumando com o lado duro da vida."

"Erraste, Neto. Em 1794, Arnaldo Peçonha, desta capital, inventou o avião-3-ré, que se projeta de encontro ao hangar "Bartolomeu Gusmão", matando todos os que ali se encontravam. O homem nas notas de 10 cruzeiros (tá bom, sejam ridículos) é um impostor. Quanto ao 14-Bis, Maria Callas, com uma mão só, conseguiu 15 16-bis, na noite de 16/6/58 no Scala, de Milão. Vá lá."

"Sou vidrado em troças de opiniões. Quem se atrever a escrever para: Rua Antonina do Norte, 36, Monte Castelo." PAULO DE C. MORAIS LIMA (Fortaleza, CE)

"Que opinião? A revista? Só 30 números. Quer trocar mesmo assim?" Tio tá. Segue pelo correio, inclusive, um aparte. Tente fazer com que volte ao trabalho."

"Nietzsche deu o contra porque compreenda que nosso verdadeiro comportamento moral longo de ser de...". VICTOR SOUVARINE (Porto Alegre, RS)

"Não, meu filho, aqui não. De Nietzsche não. Tente Romanie Muraro, Edu da Gaita, um troço assim. Mas Nietzsche não. De jeito nenhum!"

AGUERRIDO & IMBERBE
"Confete!" P.N. (BRUTO (Brasília, DF)

"Não. Faltaram 10 pratas. Depois a gente aceita."

ADORÁVEL FANFARRÃO
"Não sei se terer o prazer..." SANDRA DIAS (São Gonçalo, RJ)

"Claro que terá, claro que terá. Glória as pontas que cé terá. Mil beijos."

SAGA DO ESCORBUTO
"Genial! Júlio Ilungria, Afonso Pena e Tárk de Souza. Mantentham seção de música. As frases cretinas e as aranhas são um pouco chatas, mas vá lá!" SERGIO SILVA (São Paulo, SP)

"Vá lá, não! Vá lá, tá? Genial! Não sei se terer o prazer..." SANDRA DIAS (São Gonçalo, RJ)

ESQUECIMENTO
"Ohalá... quem é vivo sempre aparece. Foi só farejar sangue palestino de novo para Menahem Begin voltar à cena. Para quem não se lembra dessa figura, transofornada hoje em líder do partido Galvai, de Israel, é só consultar os arquivos da figura, a legião terrorista judaica responsável, junto com a Haganah e a Stern, pelas massacres de aldeias palestinas israelitas. O velho nazista andava até meio por baixo, mas ressurgiu a santa, com força total, propondo a criação de "patrulhas terroristas para matar palestino." LUCIO ASFORA (Rio, GB)

"Certo, Afonso, mas não sua mesa Goma Arábica na carta, tá? D. Nelma quem morre de susto. Shalom." VIDE CAPIÃO MARX

XERIFE DAS ARABIAS
"Sou vidrado em troças de opiniões. Quem se atrever a escrever para: Rua Antonina do Norte, 36, Monte Castelo." PAULO DE C. MORAIS LIMA (Fortaleza, CE)

"Que opinião? A revista? Só 30 números. Quer trocar mesmo assim?" Tio tá. Segue pelo correio, inclusive, um aparte. Tente fazer com que volte ao trabalho."

"Nietzsche deu o contra porque compreenda que nosso verdadeiro comportamento moral longo de ser de...". VICTOR SOUVARINE (Porto Alegre, RS)

"Não, meu filho, aqui não. De Nietzsche não. Tente Romanie Muraro, Edu da Gaita, um troço assim. Mas Nietzsche não. De jeito nenhum!"

"Será que nada mais represento para você? Será que fui apenas um joguete em suas mãos? Será que jogarei fora os melhores anos de minha vida? Será que o amor é um sonho? Será que a vida é uma ilusão?" MARLY TAVARES (Rio, GB)

"Hem? O que, Marly? Ah, sim. Pode deixar que eu peço pro Toninho de volta o busto de Nietzsche. Qualquer coisa eu ligo. Recomendações."

"Tua família - se é que a tens - sabe que cé anda nessa, Janjão? Vai devagar, artista, devagar..."

"... já que são as únicas que faltam." A. HOUAISS (Rio, GB)

"As letras de 'C'est Si Bon', 'Rumba Azul' e 'Blue Moon' foram publicadas, respectivamente, em

"Tente fazer com que se recupere."

"Sei, Oswald, mas é possível que ela venha ressuscitar no dia 24 de dezembro em frente à Academia Brasileira de Letras. Papai Noel, só se for de verde 'Jardim Botânico'. Criança/paga inteira. Que é pra ir logo se acostumando com o lado duro da vida."

"Erraste, Neto. Em 1794, Arnaldo Peçonha, desta capital, inventou o avião-3-ré, que se projeta de encontro ao hangar "Bartolomeu Gusmão", matando todos os que ali se encontravam. O homem nas notas de 10 cruzeiros (tá bom, sejam ridículos) é um impostor. Quanto ao 14-Bis, Maria Callas, com uma mão só, conseguiu 15 16-bis, na noite de 16/6/58 no Scala, de Milão. Vá lá."

"Sou vidrado em troças de opiniões. Quem se atrever a escrever para: Rua Antonina do Norte, 36, Monte Castelo." PAULO DE C. MORAIS LIMA (Fortaleza, CE)

AGUERRIDO & IMBERBE
"Confete!" P.N. (BRUTO (Brasília, DF)

"Não. Faltaram 10 pratas. Depois a gente aceita."

ADORÁVEL FANFARRÃO
"Não sei se terer o prazer..." SANDRA DIAS (São Gonçalo, RJ)

"Claro que terá, claro que terá. Glória as pontas que cé terá. Mil beijos."

SAGA DO ESCORBUTO
"Genial! Júlio Ilungria, Afonso Pena e Tárk de Souza. Mantentham seção de música. As frases cretinas e as aranhas são um pouco chatas, mas vá lá!" SERGIO SILVA (São Paulo, SP)

"Vá lá, não! Vá lá, tá? Genial! Não sei se terer o prazer..." SANDRA DIAS (São Gonçalo, RJ)

ESQUECIMENTO
"Ohalá... quem é vivo sempre aparece. Foi só farejar sangue palestino de novo para Menahem Begin voltar à cena. Para quem não se lembra dessa figura, transofornada hoje em líder do partido Galvai, de Israel, é só consultar os arquivos da figura, a legião terrorista judaica responsável, junto com a Haganah e a Stern, pelas massacres de aldeias palestinas israelitas. O velho nazista andava até meio por baixo, mas ressurgiu a santa, com força total, propondo a criação de "patrulhas terroristas para matar palestino." LUCIO ASFORA (Rio, GB)

"Certo, Afonso, mas não sua mesa Goma Arábica na carta, tá? D. Nelma quem morre de susto. Shalom." VIDE CAPIÃO MARX

XERIFE DAS ARABIAS
"Sou vidrado em troças de opiniões. Quem se atrever a escrever para: Rua Antonina do Norte, 36, Monte Castelo." PAULO DE C. MORAIS LIMA (Fortaleza, CE)

"Que opinião? A revista? Só 30 números. Quer trocar mesmo assim?" Tio tá. Segue pelo correio, inclusive, um aparte. Tente fazer com que volte ao trabalho."

"Nietzsche deu o contra porque compreenda que nosso verdadeiro comportamento moral longo de ser de...". VICTOR SOUVARINE (Porto Alegre, RS)

"Não, meu filho, aqui não. De Nietzsche não. Tente Romanie Muraro, Edu da Gaita, um troço assim. Mas Nietzsche não. De jeito nenhum!"

"Será que nada mais represento para você? Será que fui apenas um joguete em suas mãos? Será que jogarei fora os melhores anos de minha vida? Será que o amor é um sonho? Será que a vida é uma ilusão?" MARLY TAVARES (Rio, GB)

"Hem? O que, Marly? Ah, sim. Pode deixar que eu peço pro Toninho de volta o busto de Nietzsche. Qualquer coisa eu ligo. Recomendações."

"Tua família - se é que a tens - sabe que cé anda nessa, Janjão? Vai devagar, artista, devagar..."

"... já que são as únicas que faltam." A. HOUAISS (Rio, GB)

"As letras de 'C'est Si Bon', 'Rumba Azul' e 'Blue Moon' foram publicadas, respectivamente, em

"Tente fazer com que se recupere."

"Sei, Oswald, mas é possível que ela venha ressuscitar no dia 24 de dezembro em frente à Academia Brasileira de Letras. Papai Noel, só se for de verde 'Jardim Botânico'. Criança/paga inteira. Que é pra ir logo se acostumando com o lado duro da vida."

"Erraste, Neto. Em 1794, Arnaldo Peçonha, desta capital, inventou o avião-3-ré, que se projeta de encontro ao hangar "Bartolomeu Gusmão", matando todos os que ali se encontravam. O homem nas notas de 10 cruzeiros (tá bom, sejam ridículos) é um impostor. Quanto ao 14-Bis, Maria Callas, com uma mão só, conseguiu 15 16-bis, na noite de 16/6/58 no Scala, de Milão. Vá lá."

"Sou vidrado em troças de opiniões. Quem se atrever a escrever para: Rua Antonina do Norte, 36, Monte Castelo." PAULO DE C. MORAIS LIMA (Fortaleza, CE)

MOTORISTAS DE PASSAGENS ELIOTAS EDITORA DE O SEGREDO... (text continues vertically)

A ADELE INFORMA SAEM GOMES E ALMEIDA FERREIRAS... (text continues vertically)

HOROSCÓPIO: SE VOCÊ É DE ARIAS, CONTA PRA GENTE: CUME QUÊ É A CHEGADA DO PERON? TUDO BUENO?

O PASQUIM - Um ponto de vista ártico

Rio, 21 de 27/11/72

LETRAS



ESTUDIOSO

"Por favor, indiquem-me um curso de Desenho Humorístico, Barato, por correspondência preferivelmente em São Paulo." FERNANDO VASQUES (São Paulo, SP)

• Eu sei lá, Fernando.

O SONHO DE UM JOVEM

"Estudo Medicina na Universidade Católica de Pelotas (1º ano), mas o meu verdadeiro sonho é ser artista de televisão. Acho que poderia tentar, pois, segundo as meninas, sou considerado o mais bonito da Faculdade. Aproveitando a oportunidade, gostaria (se possível) que me dissessem a quem me dirigir para levar um papo." ARI TRAUß (Pelotas, RS) e faceta aqui, Ari, por que você não vai à Mercury, hein?

A DUPLA DO LEITOR

"Até que fui ao Ruth Escobar assistir a uma apresentação de Marcos Vinícios e Bêlicher. Meus prezados amigos, só não fiquei feliz — fiquei eufórico. Os caras têm coisas boas demais, demais. Compiem o que gente grande." FERNANDO GOMES LINS (São Paulo, SP)

• Você põe a mão no fogo por eles, Fernando? Quero ver, hein!

OS CONSTRUCTIVOS

"Será que as cartas dos leitores chegam a influenciar alguma coisa na realização desse jornal (como uma auto crítica por parte dos senhores), ou tudo é levado na gozadeira?" SERGIO GARFO (Rio de Janeiro, GB)

• Desculpe, Garfo, mas não resisto: não meta a colher onde você não é chamado.

DEMO



Pinico nem só de barro.

SUGESTÃO

"Semão assim, recomendo que O PASQUIM seja um veículo de pregação." HAMILTON FERREIRA FONSECA (São Paulo, SP)

• Não pode, Hamilton. Da grife.

OUTRO PEDIDO FIDEL

"Eu gostaria de conseguir dois exemplares d'O PASQUIM, mas não sei os seus números. Um deles é aquele em que foi publicado um artigo do Ziraldo sobre a construção do centro comercial da Tijuca (Rio — cidade burra) e o outro trouxe uma praga do Henfil contra um curso pré-vestibular." ELIZABETH LIMA MENDES LEAO (Rio de Janeiro, GB)

• Faz o seguinte, Beth: compareça à redação e procure na coleção. Se a gente ainda tiver os tais números, você leva.

SATANAGEM CUM ZÉ ROBERTO

"Na qualidade de professor de Matemática e Diretor do Curso Momento II, procuro entender a posição de um jornal de grande circulação que publica uma carta recebida sem a devida comprovação de sua procedência. Mais ainda, responde pilheriando. O pior de tudo é que a pilhéria ofende não somente o remetente (suposto), mas também uma entidade educacional. O caso a que me refiro é o do trecho de uma carta enviada (desconheço por quem), publicada e respondida por esse jornal na seção de cartas (pág. 2 — edição n.º 225). Fomos objeto de um engano, maquinado por terceiros, o que justifica o meu julgamento de que vocês não têm culpa da ocorrência, mas foram precipitados tanto na publicação

quanto na resposta. Num caso deste, que envolve nome de pessoas ou entidades, vocês deveriam exigir um comprovante mais concreto da procedência da correspondência (vale a sugestão). Francamente que fiquei surpreso com o que li, não entendendo nada do que ali estava escrito e, acima de tudo, envolvendo o meu nome e do meu curso. O que acham? Devo dizer que nunca tivemos a intenção de escrever para esse ou qualquer outro jornal de projeção com a pretensão de obtermos divulgação e publicação gratuita por meio de picaretagem. Procure situar-se em minha posição e ver se eu seria tão inescrupuloso de escrever a O PASQUIM, sabendo que as cartas são todas respondidas em tom de pilhéria. O que acha? JOSÉ ROBERTO MIGUEL MENDES (Cachoeira de Itapemirim, ES)

• E claro, Zé Roberto, que nós — O PASQUIM e você — fomos vítimas de uma satanagem. Mas é que não dá pra gente pedir aos leitores que mandem suas cartas com firma reconhecida.

NAO

"Pergunto a vocês se há alguma possibilidade de publicação." CARLOS GILBERTO FERNANDES (São Paulo, SP)

• Não, Carlos, claro que não.

REAÇÃO

"A Diretoria da Sociedade Brasileira de Psiquismo elctron um levantamento aéreo e local da Estrada Rio-Santos, para constatar sua situação real, visto as constantes informações divulgadas. Convidando-o para conhecer o material reunido bem como os comentários sobre o processo da sua implantação, no que se refere à conservação da natureza. Após o que haverá debates sobre os critérios adotados." ENGENHEIRO AGRÔNOMO RODOLFO RODOLFO GEISER (São Paulo, SP)

• Não deu pra gente ir, Rodolfo, mas a gente gostaria de conhecer o trabalho de vocês. De qualquer maneira, é legal saber que existe a Sociedade Brasileira de Psiquismo e que não tá parada.

SECULOS

"Com minhas cordiais saudações, ofereço ainda uns minutos com o colunista das golfes, herói de um próximo saqueletto 'softier'. JOSÉ AMÉRICO DA ROCHA (Rio de Janeiro, GB)

• Fuxa, José Américo, você promete "uns minutos" com o Ibrahim Sued e acabou escrevendo seis laudas. E, muito, são séculos.

O ARREPIADO

"Com certeza, o Ivan não viu "A primeira noite de um homem" desde o início, como deu a entender no aparte que deu à dica do Henfil sobre a predição do Francis pela música "The Sounds of Silence". Estou de acordo com o Francis, pois realmente a música de Simon e Garfunkel, de tão linda, causou-me arrepios quando assisti pela primeira vez ao citado filme." JUAREZ HUBBERT (Rio de Janeiro, GB)

• Bem, como não vi o filme, Juarez, deixo o papo pra você e o Ivan Lessa.

DE BOMBAS E LETURAS

"No livro 'O valor do pensamento positivo', li uma declaração de Harry S. Truman contra como certos princípios têm efeito sobre a vida: 'Uma das principais contribuições para a

boa saúde está no código moral que considera o bem-estar das pessoas que nos rodeiam, tanto quanto o nosso próprio bem estar. Desobedi que o vigésimo capítulo do Exodo, que nos fala sobre os Dez Mandamentos e o quinto, sexto e sétimo capítulos do Evangelho Segundo São Mateus são guias perfeitos para uma boa norma de vida. O décimo capítulo de São Lucas tem também um efeito maravilhoso sobre as pessoas que tentam encontrar uma verdadeira definição sobre um bom vizinho'. O pessoal de Hirsómina não era vizinho, né?" FLÁVIO PONTE VIEIRA (Fortaleza, CE)

• Realmente, você pegou o Truman numa contradição, Flávio. Mas que você ainda lendo muito mal, isso você anda.

DE SACO CHEIO

"Eu já não consigo mais suportar estas quatro coisas: Em afirmativa — "Não acredito que o homem tenha ido à Lua"; em admoestação — "Final, o que faz você com o dinheiro que ganha?"; em lembrança — retrato com dedicatória; em conversa — novelas de televisão." PAULO RODRIGUES (Juiz de Fora, MG)

• E por que você não muda de assunto, Paulinho?

ENCÔMIOS

"Gostei da participação do Caidas Marabão na horoscopia reservada exclusivamente ao Professor Egídio Tavares. As entrevistas com Burle Marx, Volts Secc e outros são dignas dos mais graves arquivos históricos." MÂRCIA FALCÃO (Curitiba, PR)

• Obrigado, Márcia, muito obrigado mesmo. Não tenho palavras para exprimir o que vai dentro de mim depois dos seus elogios. Gratíssimo.

POSIÇÃO

"Lendo o último O PASQUIM, descobri estarecido que vocês são a favor dos árabes." ADALTO M. ANTONIO (Campinas, SP)

• Isso mesmo, Adalto. A gente está com problema de falta de petróleo e os árabes ameaçaram O PASQUIM: se não ficarmos a favor de Israel, eles não mandavam petróleo pra nós. Você vê: a Holanda entrou pelo cano.

O COLABORADOR (I)

"Uma pequena colaboração para ver se pode ser aproveitada pelo menos a idêia." JOSÉ CARLOS DUENHAS (São Bernardo do Campo, SP)

• Obrigado, Zé Carlos. Deus te dê em dobro.

O COLABORADOR (II)

"Sendo eu assíduo leitor deste magnífico, comunicativo e, por que não dizer, audacioso folheto de diversão pública, senti-me na obrigação de colaborar de alguma maneira com vocês. Mas como as colaborações que tenho são parcas e, por que não dizer, parcas, cumpro o doloroso dever de informar-lhes que tão cedo vocês não contarão com colaborações de minha autoria. Sorry, periferia." JULLIO ASSUMPCÃO (O MALHADAS JUNIOR (Curitiba, PR)

• Ótimo, Julio, sensacional!

O ZE DA REGRA

"Há uma diferença entre um círculo e uma circunferência. Olha a atenção: um cara que é honesto com aliança é honesto sem aliança. Olha a atenção, assim num dá. O valor de pi é... olha o silêncio." JOSÉ ROBERTO M. MENDES (Cachoeira de Itapemirim, ES)

• Sim, Zé Roberto, e daí?

PICLES

DIRCEU

No meio do caminho tinha uma pedra. No meio do caminho tem um edifício.

As grandes potências estão sempre tomando posição em favor dos países subdesenvolvidos. O problema é custom o devolver.

O emprego é a continuação do lar; já que estamos falando dos domésticos.

O inconveniente de vida no campo é que se você ficar "cheio" lá não tem mais pra onde ir.

Psicanalista é o único capaz de mostrar o que somos na realidade: bons pagadores.

Lutador passivo de karatê é aquele de quem alguém quebra a mão com um tijolo.

No TV autêntica, a maior publicidade seria a do comissário de força.

Meus amigos sempre disseram que não iam me deixar no mão. Por isso é que arranjei o chapéu.

Qualquer semelhança, é mero acidente.

A grande dificuldade em localizar-se nos nossos traumas de infância, é porque eles estão completamente ofuscados pelos nossos traumas de adolescência e idade madura.

É desses ventríloquos que só fecham o boco pra falar besteira.



O PASQUIM

Editora Cantele Ltda. Diretor-Responsável: Mitor Fernandes. Diretor-Administrativo: José Eduardo Barbosa. Redação e Administração: Rua Gen. Tasso Fragoso, 26 — 2º andar. Tel.: 266-2008. Compõem e impresso na Editora Mory, Rua do Bendito, 630/7, Rio de Janeiro, GB.

EDITORIA GERAL — Ziraldo Jugar CONSULTIVA — Ivan Lessa TEXTUAL — Sérgio Augusto DE ARTE — Causis

SECRETARIA REDAÇÃO — Glaucio de Oliveira GRÁFICA — Haroldo Zappi MONTAGEM — Toninho DE CONTAPLANÇA — Nelma Quadros FOTOGRAFIA — Nelson Vidal VOLANTE — João Ramos FINANÇAS — Edira Abreu DE HIGIENE — Seu Oscar DE METEOROLOGIA — Dona Maria DE ARQUIVO — Augusto DE PAÇO ASTRAL — Estêlio Tavares DE SEGURANÇA — Luis Rosa (43 82) CORRESPONDENTES Paulo Praxedes e Henri (N. York) Claudius (Genebra) PUBLICIDADE J. Abreu (Cherô) Representantes Exclusivos:

SITRAL — Jornal de Cultura, Notícias e Mais 101 SAO PAULO, SP — Rua Av. Mandava, 470; RECIFE, PE — Rua Marquês do Realce, 1185/208; SALVADOR, BA — Rua Conselheiro Dantas, 85/91; BRASÍLIA, DF — Setor Comercial Sul, Edif. Mônica-Sala 408; PORTO ALEGRE, RS — Rua Vigarito José Inácio, 445/510; CURITIBA, PR — Rua Pres. Faria, 250; BELO HORIZONTE, MG — Rua Estados Unidos, 918/202; BELEM, PA — Edif. Importadora, Sala 210. DISTRIBUIÇÃO Anil S/A — Cultural e Industrial — Rua Emílio Goeldi, 575 — Lapa, Tel.: 45-5111, São Paulo, SP.

Filiado ao

N.º 2294 XIV Rio, 20 a 26/11/73

Cartas para a nossa redação por e-mail: redacao@opasquim21.com.br

CARTAS

ou pelo correio: Praia de Botafogo, 518/10º andar Botafogo - CEP 22250-040 - Rio de Janeiro - RJ

DETENHAM O ANIMAL

Aquela imagem exibida nos telejornais em que o sádico Bush aparece sendo maquiado para pronunciamento na TV foi demais. Ele próprio determinou que a imagem fosse levada ao ar com toda aquela insolência para que todos vejam quem é que manda no mundo. Cadê a ONU? Coltado dos inspetores que retornaram cabis-baixos de Bagdá, onde o que fizeram foi desarmar ainda mais o Iraque. Manifesto popular para ele não resolve. Então é hora de os países que não se aliaram covardemente como Espanha, Japão (quem diria) e Portugal - já que Inglaterra não conta, pois sempre foi capacho dos EUA - tomarem uma atitude mais enérgica e agir no sentido de deter esse animal antes que todo o mundo esteja sob seu domínio.

Habib Saguih Neto - Maratizes (ES)
Por falar em deter o animal, Fla e Flu estão em guerra pelo Edmundo. Tst! Tst! Tst!

VAI QUE É TUA, CAETANO!

Olá amigos do Pasquim. Gostaria de dar duas dicas para o Marcos e sua página de esportes. Primeiro seria uma coluna. "Por onde andam", ou coisa parecida, que falaria de pessoas do esporte bretão ou não, sei da cacofonia, que depois se aposentaram. Outra, uma consequência da primeira, seria "Marcaram Época", uma breve história das grandes alcançadas por pessoas ligadas ao esporte em geral. É isso. Abraços.
Reginato A. Rezende Moschen - São Bernardo do Campo (SP)

BABACA PERFEITO

Estou me sentindo um perfeito babaca. Sempre comprei OPASQUIM21, só pulei algumas edições. Gostava de vcs por gostar da criticidade, do humor e das temas que são esquecidos pelos grandes jornais. E o que vejo na capa da semana passada? Uma piadinha de mau gosto com gays. Saiba que sou gay, não tenho vergonha disso e não compro mais OPASQUIM21.
Welson Trindade - Brasília (DF)

Deixa de ser pretensioso, Welson. Por que 'perfeito' babaca?! Nenhum babaca é perfeito. A piada com gays foi só para não perder a piada, mesmo correndo o risco de perder amigos. Nada temos contra gays, nossa redação está cheia de gays, cada um mais lindo e mais inteligente do que o outro. Pardon, Trindade, não nos abandone!

"NÃO COMINTES"

Se você almoçou hoje, agradeça a um fazendeiro! Esta frase eu vi num adesivo pregado



em um carro e, ao vê-la, fiquei desconcertado, uma vez que eu, na minha inocente ingratidão, jamais havia atentado para o fato de que quem sacrificiosamente leva comida aos pratos de quem come (já temos uma parcela considerável de "não comintes" no Brasil) são os fazendeiros deste lindo país. Imaginem como deve ser difícil para estes homens abrir mão de seus grãos. Mesmo assim eles o fazem, vendem tudo! tudo pelo progresso do país, tudo para que nós, ingratos vagabundos, mantenhamo-nos em pé e possamos nos mover rumo aos nossos afazeres, sem para tanto ficarmos a rastejar pelas ruas, carentes de substâncias essenciais para a manutenção de nossos equilíbrios. Espero que ainda esteja em tempo de ser perdoado pelos fazendeiros do meu rico país. O problema é que eu não conheço nenhum e não sei como fazer para agradecer-lhes por tão digno trabalho. De qualquer forma, ficam aqui minhas congratulações. Aos miseráveis, meu profundo desprezo. Trata-se de um grupo egoísta!
Elwir Dreyer - Campo Grande (MS)

GUERRA ANUNCIADA

Pra que bola de cristal? Para aqueles que achavam que essa guerra II a missão pudesse ser evitada, aí vai um consolo. Não era preciso ter

uma bola de cristal, nem apelar pra Nostradamus para se chegar à conclusão de que essa guerra iria acontecer. Pois num país construído por ladrões e assassinos e governado por um monte de besta, tava na cara que iria dar um grande medalhão. É aproveitando essa enorme bola de cristal que é o mundo, faço a minha advertência e previsão: Brasil, coloque um capacete na Amazônia para evitar essa política de grande porrete, senão poderemos ser os próximos a sofrer os 'efeitos colaterais' de uma 'puta' dor de cabeça. Post script: Por favor, leiam o artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Atenciosamente:

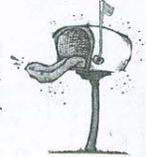
Wederson Rosa Da Fonseca - Franca (SP)
Não nos deixe afritos, Wederson. O que diz o artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos?

DISCRIMINAÇÃO

Se tem uma arte no Brasil que desgraçadamente se mantém em voga é o famigerado cinismo político. O que geralmente vemos nesse país, com rara exceção, é o homem público passando uma imagem que não corresponde à realidade e defendendo idéias que não são suas. Nestes últimos dias de março o Partido Liberal veiculou uma mentação na TV parabenizando as mulheres pelo seu dia internacional e se dizendo um partido que luta contra qualquer tipo de discriminação. Porém, para se dizer avesso à "discriminação" em todas as suas formas a cúpula do PL certamente não conhece o significado dessa palavra. O partido que nesse momento quer passar para as pessoas a imagem de civilizado, racional e que tem como ideal a construção de uma sociedade igualitária é o mesmo que vive sob o jugo de uma denominação pentecostal de inclinação fundamentalista que oprime, humilha e infertiza a todos que não aceitam os seus dogmas autoritários como verdades absolutas e incontestáveis. Uma agremiação política que se permite manipular por um grupelho fanático e autoritário que considera como sendo inferior e merecedoras de perseguição as religiões afro-brasileiras (que são na verdade um dos sólidos e dignos pilares de nossa cultura e história) e que julga barbaramente as pessoas pela sua sexualidade e não por seu caráter (altas, caráter é tudo o que não há nesses julgadores infames), não pode, essa mesma agremiação partidária, ser levada a sério quando se diz defensora de ideais equilibrados e sãos,

pois, equilíbrio e sanidade ela simplesmente desconhece.

Victor Prado Medeiros - Niterói (RJ)



GOIANO ZANGADO

Caros editores. Quero registrar aqui o meu descontentamento com este jornal, uma vez que, como Bom Goiano que sou - e estando por dentro dos noticiários ditatoriais que a imprensa local promove, com uma busca exorbitante de descer goela abaixo as beldades deste nosso governador - fico triste por até OPASQUIM21 parecer ter entrado na onda do mais novo sabonete do mercado político: Sr. Marconi Perillo. Seria ignorância minha negar avanço que Goiás teve durante os últimos quatro anos, principalmente no setor cultural no qual trabalho. Na verdade devemos uma a Marconi, por este ter engavetado uma "corja da terceira idade", que mantinha posse de coronéis aqui em Goiás. Porém, se analisarmos o sistema como um todo, tenho a tristeza de perceber que Goiás está caminhando para o penhasco. A educação, saúde e transporte estão em condições tão precárias que dá vergonha ler os noticiários engabeladores que os retratam, como quase perfeitos. A minha única esperança é o posicionamento sério e honesto deste jornal que mesmo falando bem, consegue (quando quer) apunhalar o que de fato precisa. Por favor, não nos abandone. Eu confio em vocês. Valeu. Obs.: Vê se publica minha carta desta vez. Viu, Ziraldo? **Christian Mariano - Goiânia (GO)**
Como você pode ver, Christian, Ziraldo viu.

MAURO RASI

Bom entrevista com Mauro Rasi. Só que ele esqueceu de falar que assinou, junto com a Associação das Mulheres, o pedido de cassação do vereador Edilson Bastos Gasparini, só porque ele era comunista. Isso, no dia 3 de abril de 1964, tres dias após a Redentora. Pensando melhor, ele deve ter assinado por influência das suas tias, pois tinha somente 14 anos naquela data. Era o tempo da Marcha das Mulheres, pela Família, com Deus e pela liberdade (ou coisa parecida).
Pedro Romualdo - Bauru (SP)
Seguro os pontos, viú, Pedro. Com certeza o Mauro vai responder e você terá que comprovar a denúncia.

LEITORES: para garantir a publicação de sua carta, seja objetivo. Não adianta enviar textos longos, pois o espaço é de coração, mas é modesto. Qualquer assunto pode ser tratado em no máximo dez linhas. Passando disso, fica difícil. (Os editores)

PIXELS

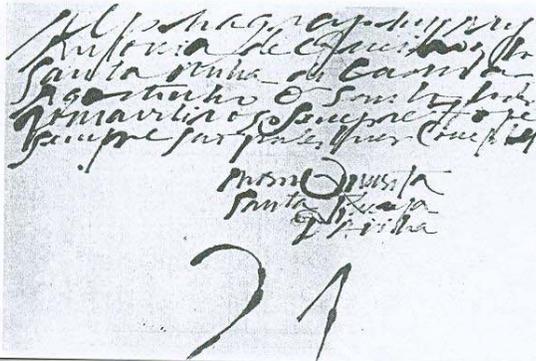
BIONE

Não tenho tudo que quero, mas quero tudo o que não tenho.
Quem semeia vento encañado colhe torcicolo.
O sonho do palhaço é ver o circo segurar fogo e comer a bailarina - nem que seja assada.
Todo mal traz um bem maior.
Toda regra tem 28 dias de exceção.
Quem bebe para esquecer não lembra pra que bebeu.
Quem canta mal seus males espanta.
Mundo, mundo, vasto mundo, se eu me chamasse Marçal teria



WWW.OPASQUIM21.COM.BR

Praia de Botafogo, 518/10º Andar - Botafogo - Rio de Janeiro/RJ CEP: 22250-040 - Tel: (21) 2543-3212



EXPEDIENTE

GAMPZ PUBLICAÇÕES

DIRETORES: ZÉLIO ALVES PINTO • CLAUDIO BARNA LUIZ

OPASQUIM21

REDAÇÃO

EDITOR-GERAL: ZÉLIO
EDITOR-CHEFE: ZÉLIO
EDITOR-ADJUNTO: LUIS PIMENTEL
PROJETO GRÁFICO: ZÉLIO

PROGRAMAÇÃO VISUAL
FERNANDA PRECIGIO • ELIZABETH S. ZELINA
FABIO TEIXEIRA FERREIRA • LILIAN SANCHEZ ANGILOTTI

REVISÃO: SÉRGIO PALMINHA DANTAS
SECRETARIA GRÁFICA: GUARBERTO D DANIELA
FOTOGRAFIA: FRED ROZÁRIO
ENTREVISTAS: CLAUDIO CORDOVIL (EDIÇÃO)
• ZELIO SACK (PRODUÇÃO)
SECRETARIA DA REDAÇÃO: ADRIANA RODRIGUES

COMERCIAL, FINANCEIRO E ADMINISTRATIVO

DIRETOR: CLAUDIO BARNA LUIZ
GERÊNCIA DE MARKETING: VINÍCIUS ROCHA
EQUIPE: ANA PAULA MORAES • ANDREA HECKER
• GRIELLE GOMES • JOSÉ MAURÍCIO ALENCAR FILHO
• SANDRO SILVA CAMPOS • JOÃO BATISTAS • CLEBSON
• NILTON SAMPAIO

REPRESENTAÇÕES COMERCIAIS

RIO DE JANEIRO:
comercial@opasquim21.com.br
PRAIA DE BOTAFOGO, 518 - 10º ANDAR
TEL: (21) 2543-3212

SÃO PAULO E DEMAIS LOCALIDADES:
comercial@opasquim21.com.br
ZÉLIO ARTES
• TEL: (11) 3661-8828

LOGÍSTICA SÃO PAULO
opas@opas.com

Cartas para a nossa redação por e-mail: redacao@opasquim21.com.br

CARTAS

ou pelo correio: Praia de Botafogo, 518/10º andar Botafogo - CEP 22250-040 - Rio de Janeiro - RJ

MAIS ESPAÇO PRO AROEIRA

A voz do povo é a voz de Deus. Em poucos momentos da história de nosso país (e por que não dizer do mundo), esse ditado tão velho fez algum sentido. Nos outros momentos (a maior parte deles) só não fez sentido por omissão do próprio povo estimulada pela mídia ou poder das elites. Por isso, na maior parte da história a verdade é que o povo simplesmente não teve voz. E continua não tendo. Infelizmente, isso se reflete até mesmo no Pasca que em sua edição 55 reduziu vergonhosamente o espaço para a seção de cartas. Vergonhosamente, sim! O que move o leitor a escrever a uma revista ou jornal é a admiração que tem pelo mesmo, além da oportunidade de tornar pública sua opinião, ampliando, inclusive a discussão de determinados assuntos. O espaço já é muito reduzido, afinal como um outro leitor já disse, aqueles quadrinhos do Aroeira merecem espaço maior em outra página. O mesmo poderia acontecer com o Pixels, que poderia ir para o Tox, e algumas informações desse podem ir parar perfeitamente na Agenda. Dessa forma, o espaço mais democrático do jornal seria ampliado, não é? Abraços a todos do jornal e aos seus leitores!

Ivan da Luz - São Vicente (SP)

A edição 55 foi de aniversário, por isto reduzi o espaço das Cartas para publicar aquele lindo desenho do Paulo Corso, mostrando a turma (que a gente não vê) da redação. Todas as suas sugestões foram aprovadas. Ivan, e suas pastas em prática à medida do possível. Aroeira ficou feliz, orgulhoso e envidadeiro.

MULTINACIONAIS DO CIGARRO

A seção de cartas: Espero ainda ver seus pedidos de desculpas, pelo crédito indevido que dearam ao atual ministro da Saúde. Com efeito, foi um chute nas bolas de todos, a medida provisória de conveniência para com as multinacionais do cigarro, permitindo a propaganda de cigarros na Fórmula O1. Que saia o médico e venha novamente o economista Serra. SDS.

Antonio Carlos Toledo - Jequié (BA)

GUARNIÇÃO COMPLETA

Olá amigos! OPASQUIM21 já faz tempo que entrou na Campanha Fome Zero, pois toda a semana me coloca na Banca um Prato Feito de primeira linha. Tem Massa à Bolonhesa (Lancelotti), Carne (Fausto Wolf), Arroz e Feijão (Utzeri), Aborinhas (Jebão), Saladas (Todos os escritores), Sobremesa (Charges e desenhos), mas ando sentindo falta de duas coisas... a pimenta (Angela Dutra Menezes) e um Catchup made in USA (o Redi). Onde estão os condimentos? No mais é que

LEITOR: Para garantir a publicação de sua carta, seja objetivo. Não adianta enviar textos longos, pois o espaço é de coração, mas é modesto. Qualquer assunto pode ser tratado em no máximo dez linhas. Passando disso, fica difícil. (Os editores)

AROEIRA/ODIA - A BOA DA SEMANA



nem meu remédio para a pressão. Não posso viver sem... Entrevistas, sugestões: Abujamia (Pa), Jards Macalé, Sivuca, Hermeto Pascoal, LFM (Luís Fernando Veríssimo), ou ele é da turma de dissidentes com o Jaguar? e quem mais vocês quiserem, pois são todas ótimas. Abração para todos do leitor satisfeito e de barriga cheia (arrotos! Gustavo Uriarte - Taquara (RS)

Arrotos?! Pô, Gustavo, deixa de ser mal-educado. É você quem conhece a sobremesa, que são as lindinhas da redação: Adriana (ameixa) Bethy (jabuticaba), Fernando (morango) e Lilian (puddim).

PAU NO PAPA (NO BOM SENTIDO)

Um pleno século XXI o Homem é obrigado a se deparar com cenas dantescas do período medieval. O massacre e a bestial truculência do Vaticano contra os gays é um trágico exemplo disto. Embora a humanidade tenha obtido êxito em sua luta para separar a Igreja do Estado, o Vaticano continua a se comportar como se ainda estivéssemos imersos nos séculos das trevas onde o clero arvorava-se no direito de interferir nos assuntos internos dos países e na postura comportamental das pessoas. Um posicionamento autoritário que aparentemente não passa de um capricho doentio de uma Instituição de mentalidade prosaica pode ter consequências gravíssimas para todo o conjunto da humanidade; foi com a estig-

matização e perseguição aos homossexuais que se iniciou a animalidade nazista. A palavra de ordem preferida da propaganda nazista era "CRER, OBEDECER, COMBATER". Hoje, a mensagem do grande führer católico é exatamente a mesma. Fica claro, com isso, que Pio XII não está só em sua admiração pela Alemanha dos anos 30. Em virtude dos fatos mencionados, como pode o Papa se julgar em condições morais para criticar o Sr. Bush por sua selvageria e absoluta intolerância se o Vaticano trata os gays com a mesma civilidade que a Ku Klux Klan tratava os negros na primeira metade do século XX? Darcy de Mattos - Niterói (RJ)

Vocês que são religiosos que se entendam...

OPASQUIM21 NO FRONT

Queria parabenizar toda a Redação d'OPASQUIM21 pela brilhante "cobertura" da Guerra do Império Bush - confesso: está bem melhor que a da Rede Globo! E diante do fato, que em meus 17 anos nunca vi nada igual, agradeço por me proporcionarem os mais variados ângulos e pontos de vista dessa Guerra que seria simplesmente hiatória, se não fosse real. Abraços. PS: Ah, esqueci de falar: a foto de aniversário do 1º centenário ficou LIN-DA! Clara Sol da Costa - Belo Horizonte (MG)

DIÁRIO DE GUERRA

Para Sergio Augusto. Assunto: Diário de guerra (4). OPASQUIM21 Nº56. O que, em lugar de aliança, você apropriadamente denomina de "conluio de nações mal-intencionadas" é COLUSÃO. Está no Aurélio: ajuste secreto e fraudulento entre duas ou mais partes, com prejuízo para terceiros; conluio. A macabra Condoleezza Rice, quando do início da invasão/ocupação do Iraque, anunciou que os EUA tinham o apoio de 60 países, totalizando 1,18 bilhão de pessoas. É como dissesse: "o resto" - mais de 4,5 bilhões de pessoas - que se dane; ou que Bush et catervão danar. Um abraço.

Jorge Panazio - Brasília (DF)

ALDIR BLANC

Após duas semanas sem Aldir, estava desolado. Oba! O homem não nos abandonou. Entrevistem o Net Lopes, de dico novo na praça e anulado com tudo o que acontece à sua volta. Outro pedido, lendo a entrevista com o Tandler, li uma citação sobre o Apolônio de Carvalho. Com a idade que tem, e com tudo o que tem para contar, inclusive a guerra que participou, na Revolução Espanhola, ele merece uma edição especial. Não percam a oportunidade, enquanto é tempo. Peçam ao Ziraldo para que o Her-

mino escreva algo sobre os 20 anos sem a Clara Nunes. Luís Pimentel, você também é muito bom (ótimo) para falar de MPB. Saudações baurenses. Henrique Perazzi de Aquino - Bauri (SP)

Aldir, Nei Lopes, Tandler, Apolônio, Ziraldo, Herminio, Pimentel e demais citados agradecem o carinho. Agora: saudações baurenses é foda, viu, Henrique!

VERÍSSIMO

Este jornal é ótimo!!! Só falta uma pessoa.... Chame o Veríssimo. Além de ser ótimo escritor, ele se encaixa perfeitamente ao perfil que vocês estabelecem neste jornal. Garanto que não sou o primeiro a pedir, e nem será o último. Lennon Silva De Souza - Porto Alegre (RS)

A gente vive chamando o Veríssimo, Lennon. Mas o gaúcho é ocupado demais. Mas não perca a esperança, pois também não perdemos.

HIPOCRISIA

A cada ano que passa a revista VEJA fica mais hipócrita. Nunca se viu em suas edições um só artigo que não fosse de interesse dos EUA e seus aliados. Nesta guerra então, é de deus; só falta vir com a bandeira americana estampada na capa. A origem jurídica de seus donos não justifica essa arrogante e repugnante postura, afinal estamos no Brasil, país que na maioria da população sempre se prezo a razão, a justiça e principalmente a imparcialidade das informações. Habib Sughiah Neto - Marataizes (ES)

AMIGO DO LAIR

Prezados Redatores: Concordo plenamente com o leitor LAIR ESTANISLAU ALVES, de Belo Horizonte (MG), em sua carta publicada por OPASQUIM21 de 01/04/2003, edição # 56. Acho que não preciso transcrever suas palavras. João B. da Silveira - Belo Horizonte (MG)

Não precisa.

FOZ DO IGUAÇU

Obrigada! Obrigada, Bravo Ziraldo, Obrigada, grande OPASQUIM21. Li e recebi como um "abraço de respeito e conforto", a cada um de nós, cidadãos iguaçuenses, através da matéria sobre Foz do Iguaçu. Sorte e sucesso para vocês todos, sempre. Rosa Maria Corbari Maccali - Empresa Iguaçuense, 40 anos

PIXELS

WELLINGTON C. MALTA

Para quem vive com fome, jejum é um prato cheio

Esse papo de lavar as mãos, não dá pé.

Na zona, a mulher se disputa

Quem bebe para esquecer, por que não esquece de beber?

Apesar dos ânimos alterados, o governo não vai alterar nada.

É difícil acertar os pontos de pessoas cheias de 9 horas

Certos procuradores vivem perdidos, não acha?

Aquele diabético era um dos de pessoa

WWW.OPASQUIM21.COM.BR

Praia de Botafogo, 518/10º Andar - Botafogo - Rio de Janeiro/RJ - CEP: 22250-040 - Tel: (21)2543-3212

EXPEDIENTE

GAMPZ PUBLICAÇÕES

DIRETORES: ZÉLIO ALVES PINTO • CLAUDIO BAENA LUI

OPASQUIM21

REDAÇÃO

EDITOR-GERAL: ZÉLIO

EDITOR-CHEFE: ZÉLIO

EDITOR-ADJUNTO: LUIS PIMENTEL

PROJETO GRÁFICO: ZÉLIO

PROGRAMAÇÃO VISUAL

FERNANDA PRECIDO • ELIZABETH S. ZELYA

FABIO TENORIO FERREIRA • LUAN SÁNCHEZ ANGLOTTI

REVISÃO: SÉRGIO "PIRINHÃO" DANTAS

SECRETARIA GRÁFICA: GUILBERTO E DANIELA

FOTOGRAFIA: FRED ROZARIO

ENTREVISTAS: CLAUDIO CORDOVI (EDIÇÃO)

• ZÉZÉ SACK (PRODUÇÃO)

SECRETARIA DA REDAÇÃO: ADRIANA RODRIGUES

COMERCIAL, FINANCEIRO E ADMINISTRATIVO

DIRETOR: CLAUDIO BAENA LUI

GÊNERIA DE MARKETING: VINÍCIUS ROCHA

EQUIPE: ANA PAULA MORAES • ANDRÉA HECKER

• GISELE GOMES • JOSE MAURICIO ALENCAR FILHO

• SANDRO SILVA CAMPOS • JOÃO BENTES • CLEBSON

• NILTON SARRIHO

REPRESENTAÇÕES COMERCIAIS COLABORAM NESTE NÚMERO

RIO DE JANEIRO

comercial@opasquim21.com.br

PRAIAS DE BOTAFOGO, 518 - 10º ANDAR

TEL: (21)2543-3212

SÃO PAULO E DEMAIS LOCALIDADES:

comercial@opasquim21.com.br

ZÉLIO ARTES

TEL: (11)3661-8828

LOGÍSTICA SÃO PAULO

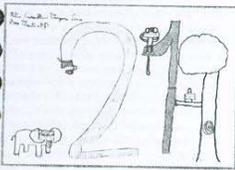
Cartas para a nossa redação por e-mail:
redacao@opasquim21.com.br

CARTAS

ou pelo correio: Praia de Botafogo, 518/10º andar
Botafogo - CEP 22250-040 - Rio de Janeiro - RJ



O 21 DO MATEUS



Zinaldo, este desenho do 21 é um presente do Mateus para você. Ele tem 9 anos, é seu fã e adora o Menino Malquinho, quando começa a ler os seus livros não quer nem estudar (infelizmente também vê o Pokémon, mas ninguém é perfeito). Toda terça ele entra correndo em minha casa para ver os novos cartuns do jornal OPASQUIM21. Espero que ele no futuro seja um cartunista, bela profissão. Tenho muito orgulho de ter apresentado você (através de seus trabalhos e/ou crianças) para o meu sobrinho. Continue com essa força maravilhosa. Abraços, Regina Cappetini - São Vicente (SP)

CONTRAPARTIDA

Tudo bem o Cacá Dileguas protestar contra a tal proposta de "contrapartida cultural" sugerida pelo governo para o patrocínio das estatais sobre obras cinematográficas brasileiras, tomou realmente a iniciativa mais racional e coerente com o que se espera de pessoas com o alto naipe que atribuem a ele. Mas isso tudo até vir com aquele papo de "dirigismo cultural" e comparação com o autoritarismo da política cultural stalinista. Tem nada a ver, tanto que foi só os representantes da classe artística (classe artística?) parece até coisa de pobre, mas não é mesmo) trocarem uma ideia com os devidos representantes do governo, que esses admitiram o papelão que estaria fazendo e voltaram atrás. Porém o pior mesmo ficou com a parte em que ele resolveu dizer que "os xiitas perderam em alguns setores mas venceram em outros". Pô, pra que isso, cara? Foi desnecessário, preconcituoso e fez também estereotipar, rotular esses a quem se referiu indiretamente; mesmo porque, é dupla ignorância proferir semelhantes coisas, não só no que diz respeito aos ditos integrantes do governo (nem tão integrantes assim) mas também quando se trata dos pró-

prios xiitas, que são tratados como fanáticos inconseqüentes só porque são minoria dentre os islâmicos, que assim como os, pelo menos por enquanto, petistas são marginalizados e ridicularizados por pensarem diferente.

Rogério Barros - Guaratinguetá (SP)

Ô, LULA!

Que papo é esse, Lula, pra cima da gente, de vir até a TV pra dizer que o Brasil tá diferente? Vê se não mente! Nem precisa ser vidente pra perceber que estão colocando panos quentes em cima de problemas urgentes. A CPMF, que era provisória, vai virar permanente; a gasolina aumenta descaradamente; o FMI está contente; no Congresso, o Sarney é o presidente e o ACM foi poupadado solenemente; a bancada é indulgente; o PMDB virou aliado e o PT, inconveniente. Agora também querem cobrar taxa de quem se aposente, e ainda acham que a publicidade vai matar a fome do povo carente, que come farinha e bebe aguardente. Aumentam o salário do deputado e o trabalhador que se arrebrante pra arranjar um emprego decente. Ah, vê se não me enche porque eu não sou demente! Está tudo como esteve sempre! É o que a gente sente, e que está evidente, caro presidente, é que você é quem está diferente. Acho que o poder mexeu com a vossa mente! E não me aponte, pois eu não sou mais inocente e não voto no senhor novamente!

Fábio Borges - Rio de Janeiro

NEGRITUDE

Muita coisa mudou no Brasil, um presidente do povo, uma negra ministra, um apresentador do JN negro, um ministro do Supremo Tribunal Federal também. Atores e atrizes no papel principal, escritores em destaque, advogados famosos funcionários nos mais altos escalões do governo, etc. Todos negros. Não é bonito? Eu sei que ainda falta muito mais... mas já melhorou! Ontem o Teatro Carlos Gomes lotou p/ assistir "Candace", a reconstrução do fogo, que conta a história das guerreiras africanas mais valentes de todos os tempos. Lotação esgotada, houve debates, foi lindo. Apesar dos pesares, vejo com otimismo a luta contra o racismo no Brasil. Acho que o racismo e o trauma do racismo estão diminuindo e vão diminuir mais ainda, à medida que o negro for impondo a sua negritude, o nariz largo, o cabelo duro, os lábios grossos, a bunda grande, o gingado, a risada sol-

AROEIRA/ODIA A BOA DA SEMANA

SEQUESTRO!

BAIXEM OS JUROS
OU EU ESTOURO OS
MIOLOS DELE!

É SÉRIO!
ELE NÃO ESTÁ
BRINCANDO!



ta, a roupa colorida, etc. são traços que a elite branca nos ensinou a não gostar. O momento é de reafirmação. Devemos reaprender a gostar de nós mesmos, como somos: negros. Devemos entender também que juntamente com o Índio e com o branco e outras raças, formamos um povo miscigenado, o povo brasileiro, onde o negro tem larga e profunda contribuição. Praticamente, só há índio puro nas reservas, negro na África e branco nos países de origem branca. No Brasil somos todos mestiços. Portanto, embora deva-se sempre respeitar as diferenças, é importante lembrar que a luta do negro é uma luta coletiva. **Álvoro Maciel - Rio de Janeiro (RJ)**
Nariz largo? Cabelo duro? Lábios grossos? Bunda grande? Gingado? Risada solta? Roupa colorida? Pô, Álvoro, sacanagem com os negões...

PROTESTO

Caros companheiros, o Brasil andará repleto de políticos que batam ex-torturadores de alta periculosidade para cuidar da segurança, pessoas que têm um passado imundo e agora assumem cargos importantes e representativos, e quando pessoas capacitadas para tal função, pessoas que sempre estiveram do lado certo, pessoas "do bem", estão

por aí mendigando um espaço importante na nossa sociedade. Bom, indo direto ao assunto, quero deixar aqui o meu protesto. OPASQUIM21 não mostra uma atitude diferente desses mesmos políticos de quem falto, quando publicam o mais reacionário cartunista de Santa Catarina: Zé Dassilva. Por favor, publiquem meu protesto.
Décio Paula - Florianópolis (SC)
O seu protesto está aqui, publicado. Quando ao Zé Dassilva, acho que vai te pegar na esquina.

O PERFIL DO PÉ-DE-MESA

Uma centena de três ou quatro cartas têm me chegado às mãos. Todas querendo saber quem eu sou, de onde vim, pra donde vou. Ah, se o todo fuderoso me respondesse, nem que fosse em pesadelo, a estas enormes questões ficaria. Acabaria de vez com esta angustiante dúvida atormentando a Tobias, o seu Tobias, esta é a questão. Porém no entanto, para não deixar ninguém na mão, principalmente as gatinhas do Baixo Lebrão, do Alto Gávea e do Juazeiro do Norte - salve, salve, meu **Paím Ciço!** - eu resolvi me entrevistar a mim mesmo. Abaixo, os trechos mais pitantes dessa auto-entrevista coletada de mim como próprio.

Ivan Pé-de-Mesa - Quem sou eu, quem eras tu, que somos agora?
Ivan Pé-de-Mesa - Companheiros de outrora, inimigos do amor.
Pé-de-Mesa - As três coisas que mais gosta?

Pé-de-Mesa - A primeira é mulher, a segunda é mulher e a terceira é uma buxadinha com Pitu pra rebater.
Pé-de-Mesa - E as que menos gosta?
Pé-de-Mesa - Festa sem aguardente, puta decente e mulher da gente.
Ivan Pé-de-Mesa (Recife-PE)



A fim de se encontrar, periodicamente, vamos voltar a região na qual ele veio ao mundo, do jeito que veio ao mundo: o sertão pernambucano (Pé-de-Mesa é do meio).

LETTOR! Para garantir a publicação de sua carta, seja objetivo. Não adianta enviar textos longos, pois o espaço é de coração, mas é modesto. Qualquer assunto pode ser tratado em no máximo dez linhas. Passando disso, fica difícil. (Os editores)

PIXELS

LUÍS PIMENTEL

Zé Alencar já pegou a doença dos vices. E vice-versa!

Insegurança no Rio é caso de polícia. E a segurança também.

Guerrilha no PT é entre os novos velhos radicais e os velhos novos neoliberais.

Nas noites do Rio, todos os gatos são patos.

Paciência, gente. Não há mal que sempre dure, porre que nunca se cure, reforma que nunca se acabe.

O porvinho perdídnio: garantido por um garotinho!

Confio em Heloísa, o diabo é que confio também em



WWW.OPASQUIM21.COM.BR

Praia de Botafogo, 518/10º Andar - Botafogo - Rio de Janeiro/RJ - CEP:22250-040 - Tel:(21)2543-3212



EXPEDIENTE

GAMPZ PUBLICAÇÕES

DIRETORES: ZÉLIO ALVES PINTO • CLAUDIO BAENA IJUI

OPASQUIM21

REDAÇÃO

EDITOR-GERAL: ZINALDO

EDITOR-CHEFE: ZÉLIO

EDITOR-ADJUNTO: LUIS PIMENTEL

PROJETO GRÁFICO: ZÉLIO

PROGRAMAÇÃO VISUAL

ELIZABETH S. ZILBERG • FÁBIO TENDINO FERREIRA

FERNANDA PRECOSO • LILIAN SÁNCHEZ Z. ANGLICOTTI

REVISÃO: SÉRGIO 'PALMIRINHA' DANTE

SECRETARIA GRÁFICA: GUILBERTO E DANIELA

FOTOGRAFIA: FRED ROZARIO

ENTREVISTAS: CLAUDIO CORDOVIL (EDIÇÃO)

ZÉZE SACK (PRODUÇÃO)

SECRETARIA DA REDAÇÃO: ADRIANA RODRIGUES

COMERCIAL, FINANCEIRO E ADMINISTRATIVO

DIRETOR: CLAUDIO BAENA IJUI

GERÊNCIA DE MARKETING: VINÍCIUS RÓCHA

EQUIPE ANA, PULLA PLORES • ANDRÉA HECKER

• GISELE GOMES • JOSÉ MAURÍCIO ALENCAR FERRO

• SANDRO SILVA CAMPOS • JOÃO BENTES •

• CLEBISON MAIA • NILTON SAMPAIO

REPRESENTAÇÕES COMERCIAIS COLABORAM NESTE NÚMERO

RIO GRANDE DO SUL:

Av. Nova York, 10 c/j. 207 - POA (51) 3337-3337

classmarketing@classmarketing.com.br

SÃO PAULO E DEMAIS LOCALIDADES:

comercial@opasquim21.com.br

ZÉLIO ARTES

TEL: (11)3661-8828

LOGÍSTICA SÃO PAULO

Cartas para a nossa redação por e-mail:
dacao@opasquim21.com.br

CARTAS

ou pelo correio: Praia de Botafogo, 518/10º andar
Botafogo – CEP 22250-040 – Rio de Janeiro – RJ



VAMPIRO DE ALMAS
 Uma carta sem puxação sem saco, sem ar como o Ziraldo é bacana, é esperto, também pode ser publicada? As vésperas da eleição presidencial do ano passado, com a dianteira de Luiza nas pesquisas, o alvoroço dos banqueiros e agiotas e seus cãeszinhos amestrados da mídia, aterrorizando meio mundo... muita gente, eu inclusive, acreditava que as eleições seriam fraudulentas... Não dava para acreditar que iam permitir sua vitória... Sua eleição tranquila e sem sobresaltos foi uma enorme surpresa... Agorinha poucos meses depois ficou claro o que ocorreu... Quando, lá atrás, se pensava em fraude, imaginava-se a forma clássica, a apuração dos votos, como a que deu a preferência ao Bush filho... Mas eles foram muito mais ousados e criativos... Como o modo clássico seria problemático pela evidente predominância do candidato do PT, com crescimento constante e consistente, eleições após eleição, antes, muito antes, já tinham providenciado a réplica humanóide do próprio candidato e do partido, que foram aos poucos sendo substituídos por clones preparados em vagens alienígenas previamente preparadas. Quem se lembra do filme *Vampiro de Almas* vai entender bem o que falo. A conspiratória a parte, não parece bem menos absurdo que tudo o mais que está sendo feito com este governo?
Indio Caicado de Tobacco – Belo Horizonte (MG)
Ziraldo também diz que não aguenta mais "puxação de saco" nem sugação. "Quem se lembra do filme Vampiro de Almas" também vai entender o que estamos falando, Indio.

JURRICE E MÃ FÉ
 Caríssimos destinatários. Ainda sobre as posições (felizmente) antagônicas do vice-presidente da República e dos financistas monetaristas da equipe econômica. Mapa-branca, vale acrescentar mais um peão contra as justificativas alegadas pelos energúmenos da súcia. Trata-se do pretexto da conveniência de conservar os juros estratosferos por garantia de que a inflação não recrudescerá. Burrice? Mã fé? Ou ambas? Muito simples: baixem a taxa básica; se a inflação voltar a subir, reponham o nível dos juros onde se encontrava. O próprio presidente acaba de dar a partida noutra guerra – esta contra os juros extorsivos praticados pelas instituições bancárias, crediárias e outras categorias de crimino-



dos fiduciários. Coisa de 200% contra os 26,5% da Selic. Deviam acrescentar no imprevisto presidencial que a própria taxa básica elevada e mantida a ferro e fogo pelo maldito Copom já representa o dobro do que dão de esmola para os poupadores da caderneta. Ai um aparte que eu toparia 'tonitruar' mesmo com o risco de ser preso no ato: "Excelência, o exemplo vem de cima; antes de exigir dos bancos, tem que baixar as taxas de vocês!". Abraço.
Nelson Santos – Curitiba (PR)

ALDIR X SPORT
 Aldir Blanc, fiquei inconformado com suas declarações n'OPASQUIM21, de nº 64, sobre o Sport. Todo mundo viu, menos os imbecis comentaristas da Globo, que o Sport foi garfado na disputa contra o Flamengo pela Copa do Brasil. Talvez, pelo fato de o Sport ter merecido a classificação, o senhor tenha buscado qualquer coisa para falar mal do time pernambucano.
Aristóteles Cardona Júnior - Olinda (PE)
O Aldir falou mal do Sport? E porque o time pernambucano também é rubro-negro. Ele queria mesmo era falar mal do Flamengo.

DÍVIDA FAMIGERADA
 Acompanho a coluna do Fritz Utzeri (e outros) e concordo plenamente com suas idéias quanto ao governo Lula (sempre fui petista). Mas acima de todas as idéias e de todos os fatos, está uma verdade, total, incontestável, inexorável: não existe nenhuma solução para qualquer país que continue pagando a famigerada e muitas vezes já paga dívida externa. Não existe mágica. É impossível política e matematicamente resolver a questão. Uma solução utópica seria a negação da dívida. Negação e não calote. Negação, por que não devida, já que foi paga várias vezes. De quebra, nacionalização de todas as empresas e bancos transnacionais existentes no Brasil. Expropriação? Não. Apenas estaríamos revendo parte do que nos foi extorquido durante séculos. Tem um problema: os Estados (Bush) nos invadiriam no ato.
José Anibal Silva Santos - Teófilo Otoni (MG)

CIDADANIA
 Gosto d'OPASQUIM21 porque é diferente e cheio de artistas. Por isso, acho que vocês serão ouvidos, cedo ou tarde. Mas também é uma forma de cidadania. E enquanto as pessoas não pensarem em mudar, não vão aceitar novas idéias. Ai todo mundo sai perdendo.
Gilberto Soares Ferreira - Juiz de Fora (MG)
 Apoiado.

APOLOGIAS
 Afinal, o Álvaro Maciel (OPASQUIM21, 66) está defendendo ou esculhambando a raça? "Lábios grossos, nariz largo, bunda grande, roupa colorida", etc. etc... para mim é apologia da viadagem. Ô, Álvaro, da parte mulatinha que me toca, vá se roçar nas ostras. Se é comercial próprio, escreva para revistas do gênero, seu sacana!
Antonio C. Buere - Belo Horizonte (MG)
 Vocês que têm lábios grossos e bunda grande que se entendam.

SANTOS DUMONT
 Prezados jornalistas do brilhante semanário OPASQUIM21, volto a escrever-lhes pedindo que façam algum tipo de matéria, pode ser de esclarecimento ou protesto, sobre o fato de estarmos 'comemorando' neste ano de 2003 o suposto primeiro voo com um aparelho mais pesado que o ar, pelos irmãos ianques Wilbur e Orville Wright, realizado supostamente na localidade de

Dayton, Ohio, em 1903. Como até hoje pairam dúvidas sobre a veracidade deste fato, e sabendo que o nosso compatriota Santos Dumont foi o maior prejudicado nesta história, pediria a vocês que não deixem passar em branco este fato. Quem sabe o Sérgio Augusto, com sua grande capacidade de pesquisador histórico não pode escrever um artigo a respeito. Obrigada pela atenção.
James Levi Borges - Maricá (RJ)
Boa idéia, James. Vamos encomendar ao nosso Sérgio Augusto um artigo sobre o grande Santos Dumont. Afinal, ele é meio avoadão, tá sempre voando, é um craque nas rasantas.

DESGRACEIRA...
 Eu sou arreitado com esse fregue de violência. Os caras gastam uma grana da brucuta pra fazer xilindrô. Pra comprar pau-de-fogo. Pra botar camburão na rua. E a banditagem palitando os dentes e grelhando com a cara da gente. E como vende jornal! Inda na semana passada fui aí ao Rio pra levar Dona Tracema, minha patroa, pra conhecer o Cristo Redentor e pagar umas promessas – eu também aproveitei pra acender uma velinha pra ele me ajudar a me livrar da velhinha minha sogra. Então inventei de comprar uns fofinhos. Esse mínimo, eu nunca vi tanto sangue na minha vida. Era tanta tripa, tanto bofe e tanto miolo, que dava pra fazer uma panelada capaz de zerrar o Fome Zero. Mas voltando a essa historinha de violência, lá no meu Exu não tem essa fuleragem de assalto, seqüestro, neguinho querendo estrompar a filha alheia não. Teve um tempo em que apareceram por lá uns cabrinhas de Fortaleza querendo dar uma de valente, mas terminaram botando a rabichola entre as pernas e caíndo fora. Descobrimos a tempo que se quissem dar uma de cavalo do cão a gente ia logo às vias de fato, ou seja, passava a lambdeira de 12 polegadas de um jeito que só ia sobrar os fatos dos bichos de fora. É por essa e por outras que toda vez que ouço falar de violência puxo logo a minha peixeira.
Ivan Pê-de-Mesa - Recife (PE)

REGRAS: Para garantir a publicação de sua carta, seja objetivo. Não adianta enviar textos longos, pois o espaço é de coração, mas é modesto. Qualquer assunto pode ser tratado, em no máximo dez linhas. Passando disso, fica difícil. (Os editores)

PIXELS
HERINGER
 O problema nunca foi sentir fome. Duro é não ter o que comer.
 A taxa de juros tem planos elevados e estende não mais largar o Planalto.
 Estrela subiu...no Banco e ainda sonha em ser estrela de Davi.
 A batalha não foi em Creta, teve até o cavalo de pau.
 Não era burra e nem velha, mas morreu na faculdade.
 Cinema nacional: uma câmera na mente e um patrocínio na mão.
 O Ministério da Previdência advertiu: Voto ou morra, mas não se torne inativo.
 As armas letais, de destruição em massa, não estarão? Na cabeça de Mr. Bush!
 O Roriz de Brasília: Prêmio Candango de Pior Filme de Terror:
 Um banqueiro morcego e por isso dormia pendurado no chique-especial.

OPASQUIM21
 WWW.OPASQUIM21.COM.BR
 Praia de Botafogo, 518/10º Andar – Botafogo – Rio de Janeiro/RJ – CEP: 22250-040 – Tel: (21) 2543-3212

EXPEDIENTE
GAMPZ PUBLICAÇÕES
 DIRETORES: ZÉLIO ALVES PINTO • CLAUDIO BAENA JUSI
OPASQUIM21
 REDAÇÃO
 EDITOR-GERAL: ZIRALDO
 EDITOR-CHEFE: ZÉLIO
 EDITOR-ADJUNTO: LUIS PINHELO
 PROJETO GRÁFICO: ZÉLIO
 PROGRAMAÇÃO VISUAL
 ELIZABETH S. ZELAYA • FABIO TENORIO FERREIRA
 FERNANDA PRECIOSO • LILIAN SÁNCHEZ Z. ANGLIOTTI
 REVISÃO: SÉRGIO 'PALHINHA' DANTAS
 SECRETARIA GRÁFICA: GUILBERTO E DANIELA
 FOTOGRAFIA: FRED ROSÁRIO
 ENTREVISTAS: CLAUDIO CORDOVIL (EDIÇÃO)
 SÉRGIO MARTINS (INTERNO) • ZEZE SACK (PRODUÇÃO)
 SECRETARIA DA REDAÇÃO: ADRIANA RODRIGUES
COMERCIAL, FINANCEIRO E ADMINISTRATIVO
 DIRETOR: CLAUDIO BAENA JUSI
 GERÊNCIA DE MARKETING: VINÍCIUS ROCHA
 COMERCIAL: CLAUDIO HENRIQUE SOEIRO
 EQUIPE: ANA PAULA MORAES • ANDRÉA HECKER
 • GISELE GOMES • JOSE MAURICIO ALENCAR FILHO
 • SANDRO SILVA CAMPOS • JOÃO BONITAS • CLERISSON MAIA • NILTON SAMPADO
REPRESENTAÇÕES COMERCIAIS COLABORAM NESTE NÚMERO
 Rio Grande do Sul
 Av. Nova York, 10 c. 207 - POA (SI) 3337-3337
 classimarketing@classimarketing.com.br
 SÃO PAULO E DEMAIS LOCALIDADES:
 comercial@opasquim21.com.br
 ZÉLIO ARTES
 TEL: (11) 3661-8828
 LOGÍSTICA SÃO PAULO

Cartas para a nossa redação por e-mail: redacao@opasquim21.com.br

CARTAS

ou pelo correio: Praia de Botafogo, 518/10º andar Botafogo - CEP 22250-040 - Rio de Janeiro - RJ



O 21 DO HENRIQUE

Amigos d'O PASQUIM21: o 21 do PASQUIM21 desde o lançamento e junto comigo, quem devora e faz uma interpretação maravilhosa de todos os cartuns é meu filho, o Henrique Aquino, de 9 anos, que não me dá sossego e quando estou quieto num canto, lendo meu semanário, lá vem ele me interromper e espalhar as folhas pelo chão. Não preciso explicar quase nada a ele, pois como me acompanha desde o lançamento, entende tudo e já conhece a fisionomia de todos os caricaturados. Ele ficaria cheio de contentamento em ver publicado no jornal, seu desenho de uma locomotiva, com o emblema 21 bem na frente, algo meio assim, uma locomotiva do século passado, adentrando o século 21. Gostamos demais de todos vocês.

Do pai Henrique Forzatti de Aquino e do filho Henrique Aquino - Bauru (SP)

ROBERTO MARINHO 1

É costume no Brasil encher de elogios as pessoas que morrem. Morto não tem defeitos, só qualidades. Quando do falecimento do ex-presidente da República João Batista de Figueiredo, os figurões da vida pública nacional só falaram de qualidades do ex-presidente. Mas aí Figueiredo deixou uma fita gravada detonando os seus elogios. Ficaram todos com cara-de-tacho. Sou contra regimes de exceção, mas uma coisa Figueiredo não era, hipócrita. Respeitar o sentimento dos familiares de Roberto Marinho é uma coisa, mas fazer pronunciamento bajulatório é outra coisa muito diferente. Através da minha prática cristã, respeito a dor dos familiares dos mortos, sejam eles do Roberto Marinho ou do Sô Chico das abóboras. Atenciosamente, Lair Estanislau Alves - Belo Horizonte (MG)

ROBERTO MARINHO 2

Decepção, indignação e revolta foi o que senti lendo o último OPASQUIM21 (pra mim será o último, não leio mais). Nem mesmo Silvino Lach salvou-se, com seu "temeroso" depoimento sobre Roberto Marinho. Ele foi sobretudo tímido, mas o que me enojou foi a postura do nosso Paulo Coelho da literatura infantil. Francamente, Ziraldo. Em suma, foi um tiro no pé. Assim como eu, milhares de pessoas estão furiosas no país inteiro por ninguém da grande e também da pequena imprensa terem a cora-

AROEIRA/ODIA A BOA DA SEMANA

E AGORA, DE MINHA PRÓPRIA LAVRA, UM DISCURSINHO DE IMPROVISO...



gem de falar quem foi Roberto Marinho, sua vida com o governo, a construção do Projeto, o Papa-Tudo (quem se lembra?), o Proconsul, a negociata com o Grupo Time-Life, e outras coisas... Só falta agora (e acho que vai ocorrer) vocês não publicarem esta carta. Vocês poderiam trocar o nome do jornal, só assim não manchariam o nome do nosso bravo PASQUIM. Temporada de humor a favor e... Phodá... (que o diga Chico Caruso).

Julio César Silva - Barra Mansa (RJ)

Ah, é? Ah, é? Se você não vai mais ler a gente, a gente também não vai mais publicar carta sua. Tomou, papuda?!

ROBERTO MARINHO 3

Tá bom, em nome da paz, vamos admitir o Ziraldo elogiando o Roberto Marinho. Mas, é bom lembrar, apenas uma única frase dita pelo Dr. Roberto (que ilustra perfeitamente o seu caráter) joga na lama tudo o que ele tenha feito de bom. Certa vez, questionado sobre sua posição a respeito da banalheira institucionalizada pelo Collor, o Dr. Roberto respondeu: "Fiquei tão feliz com a derrota do Lula, que ainda não tive tempo de ficar com raiva do Collor". Isso para não falar em inúmeros fatos de triste memória

da vida nacional que contaram com sua participação, como protagonista ou indiretamente. José Anibal Silva Santos - Teófilo Otoni (MG) Liga não, Zé, Ziraldo é assim mesmo, muito sentimental.

LETÍCIA SABATELLA

Alô, turma d'O PASQUIM21! A edição da 3ª semana de agosto conseguiu ser a pior do mês, até agora. Além de nos privarem do Sérgio Augusto, pisaram na bola ao escolherem a Sabatella para musa do nosso Pasca. Ficou parecendo tietagem liderada pelo Zélio, pelo Sérgio Rodrigues e até pelo Luis Pimentel. Usar os espaços da capa e mais as páginas 3, 25 e 32 foi um exagero. Não fosse o conceito que tenho do Pasquim, desde a sua fase inicial, antes de ser o 21, diria que foi falta de assunto. Com certeza, existem, em nosso cenário, mulheres com história de vida mais expressiva e merecedora de justo reconhecimento. O entrevistado do nº 74 não revelou nada de tão extraordinário sobre essa moça. Dramatizar o nascimento de filha prematura, há dez anos, com todo respeito, no caso dela, ficou faltando maior sensibilidade para as situações bem mais graves e complicadas. Alô, Ziraldo! Cade você? Acorda e dá um jeito nessa turma que pode comprometer e vulgarizar o nosso Pasca que sempre foi o diferencial da imprensa tupiniquim, pela criatividade e seriedade bem humorada com que trata assuntos de interesse geral. Sinceramente, foi uma balela essa musa Sabatella!

Helio Costa - Rio de Janeiro (RJ)

Boa pergunta: Alô, Ziraldo! Cade você?!

PAU NO BAIXINHO

É inacreditável que Marcos Caetano não admita definitivamente que o grande mal do Fluminense é Romário. Inacreditável, pois a realidade mostra claramente que, nos jogos que Romário não atua o time ganha, a exemplo do que ocorre contra o Corinthians. Além do mais o sujeito não treina e quando o time mais precisa dele em jogos difíceis o sujeito põe a mão na coxa e finge que está lesionado. Como fazem falta Magno Alves e Roni neste time do Flu. Estou vendo que nosso Flu, seu Marcos, este ano vai para a segundona, e o senhor com certeza vai dizer que Romário não merecia jogar num time ruim como este, mas a ruindade está neste peso morto do clube chamado Romário que você tanto gosta; não sei por que acredito que está na hora de mudar. Leo Carlos Joegger - Caçador (SC)

PAPA-FIGO, 19 ANOS DE GRAÇA

Talvez vosmecê jamais tenha ouvido a palavra 'papa-figo'. Em nordestinês ela designa uma espécie de bicho-papão reficente, que come o fígado - 'figo' - das crianças. 'Papa-figo' também é o nome de um ente que ao invés de fígado se alimenta do sossego da família pernambucana. Trata-se de um dos jornalecos de humor mais antigos em circulação no Brasil, quicê no mundo. E nesta semana ele está comemorando 19 primaverinhas de azucrinada, xistes e galhofas em cima dos poderosos de Pernambuco, do Brasil, do planeta e adjacências. O Papa-figo old de war não deixa pregar sobre prego. A exemplo de seu debochado slogan "Pernambuco cagando para o mundo", ele já produziu manchetes antológicas, como "Maconeiros protestam: respeitem verde de nossas matas", por ocasião de uma grande queima da erva maldita pela polícia, no sertão pernambucano. "Analfabets terão instruções bilingües na hora de votar", quando da aprovação da extensão dos votos aos analfas. "No debate com Tancredo, Maluf roubou o espetáculo", sem comentários. Durante o lançamento do famigerado Plano Verão o 'Papa' lascou: "Acabou a vaselina, o fumo agora é com bronzeador". Ave, Papa-figo, os que vão morrer de rir te saudam! Tim-tim, sniff-sniff. IVAN PÉ-DE-MESA - Recife (PE)

LEITORES: Para garantir a publicação de sua carta, seja objetivo. Não adianta enviar textos longos, pois o espaço é de cotação, mas é modesto. Qualquer assunto pode ser tratado em no máximo dez linhas. Passando disso, fica difícil. (Os editores)

PIXELS

SALETE AGUIAR

Os decadentes têm muito mais a ensinar do que os que ainda nem chegaram lá.

Mundo moderno é isso: humanização mercado e coisificação das pessoas.

Indigitado é apenas o que não deu tempo de digitar.

Quem "tem uma sólida linha de pensamento" tende a ficar solidamente amarrado.

Quanto mais tentamos medir nossa insignificância mais percebemos que nem somos grandes o suficiente.

Quando tenho uma mulher bonita à vista, me aprazo.

É perigoso tirar um hábito, pois pode virar um vício, dizia a prostituta, ex-freira. Dizem que Camões nunca ficou cheio de dedos.

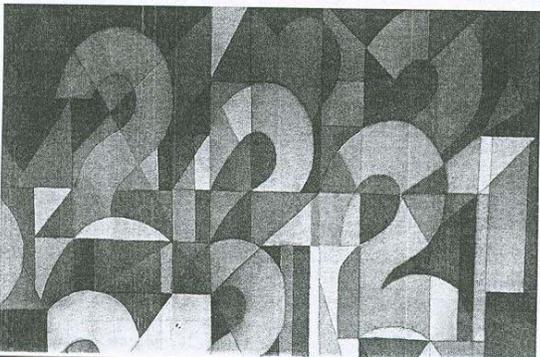
Sentir saudade é estar meio morto.

Desde FHC os sinônimos "de



WWW.OPASQUIM21.COM.BR

Praia de Botafogo, 518/10º Andar - Botafogo - Rio de Janeiro/RJ - CEP:22250-040 - Tel:(21)2543-3212



EXPEDIENTE

GAMPZ PUBLICAÇÕES

DIRETORES: ZÉLIO ALVES PINTO • CLAUDIO BAENA LUIZ

OPASQUIM21

REDAÇÃO

EDITOR-GERAL: ZÉLIO

EDITOR-CHEFE: ZÉLIO

EDITOR-ASSISTENTE: LUIS PIMENTEL

PROJETO GRÁFICO: ZÉLIO

PROGRAMAÇÃO VISUAL

ELIZABETH S. ZELAYA • FABIO TÊNORIO FERREIRA

FERRIENDA PRECOSO • LILIAN SÁNCHEZ Z. ANGLICOTTI

REVISÃO: SÉRGIO 'PALHINHA' DANTAS

SECRETARIA GRÁFICA: GUARBERTO E DANIELA

FOTOGRAFIA: FRED ROSARIO

ENTREVISTAS: RICK GOODWIN (EDIÇÃO)

ZÉLIO SACK (PRODUÇÃO)

SECRETARIA DA REDAÇÃO: ADRIANA RODRIGUES

COMERCIAL, FINANCEIRO E ADMINISTRATIVO

DIRETOR: CLAUDIO BAENA LUIZ

GERÊNCIA DE MARKETING: VINÍCIUS ROCHA

COMERCIAL: CLAUDIO HENRIQUE VIEIRA SOeiro

EQUIPE: ANA PAULA MORAES • ANDRÉA HECKER

• GISELE GOMES • SANDRO SILVA CAMPOS •

JOAO BENTES • CLEISSON MAIA • NILTON SAMPANO

REPRESENTAÇÕES COMERCIAIS

RIO GRANDE DO SUL

Av. Nova York, 10 c/ 207 - POA (51) 3337-3337

classmarketing@classmarketing.com.br

SÃO PAULO e demais localidades:

comercial@opasquim21.com.br

ZÉLIO ARTES

TEL: (11)3661-8828

LOGÍSTICA SÃO PAULO

ybore@bore.com

Osório

RUA RICO FREITAS, 454 - 8ª ANDAR

TEL: (11) 314-3766

Cartas para a nossa redação por e-mail: redacao@opasquim21.com.br

OPASQUIM21 CARTAS

ou pelo correio: Praia de Botafogo, 518/10º andar, Botafogo - CEP 22250-040 - Rio de Janeiro - RJ

LULA MALHADO

Muitas pessoas perguntam-me qual a diferença dos jornais de direita, entre os jornais ditos de esquerda? Galhofando, respondo - nenhuma! Todos estão malhando o governo Lula. Leia OPASQUIM21 para constatar isso! As vezes, parafraseio Nelson Rodrigues: Lula está desagradando à esquerda e deixando a direita bando de raiva.

Justino Justo J. Silva - Sarzedo - MG

Valeu por indicar nosso jornal para seus amigos inteligentes, Justino. Mas vamos combinar que, além de ser muito melhor que os jornais de direita, é bem melhor ser desagradado pelo Lula do que pelos outros, né?

CRIME CONTRA OS PALESTINOS

Israel, mantendo sua tradição de sadismo e impudência, cometeu um grande erro ao assassinar o líder do Hamas, sob pretexto de que era este quem comandava o terror na região. Sharon sabe que isso não é verdade. O que ele queria mesmo era magoar o povo palestino, que via no líder um grande exemplo de perseverança e sacrifício. Isso certamente colocará mais lenha na fogueira, pois não faltarão homens e mulheres dispostos à imolação para vingar a morte do líder. No fundo, esta é a intenção de Sharon, pois possui armamento, apoio de Bush e impotência internacional para destruir todos os palestinos em questão de minutos.

Habib Sagalib Neto - Maratizes (ES)

O importante é não perder a fé, meu caro Habib. Um dia, os deuses têm que perder.

A propósito: Você é uma pessoa mesmo, ou uma marca de fast-food? É que a turma aqui da redação te adora...

O PECADO DA CHARGE

Recentemente houve uma reclamação por parte de um judeu, que se sentiu com razão ofendido com algumas piadas de judeus que haviam sido publicadas. Agora eu me sinto extremamente ofendido com a crucificação do Nani que fazemos galhofas com a crucificação de Cristo. (...) Essas piadinhas religiosas com certeza não fazem bem a OPASQUIM21, pois demonstram um desrespeito muito grande com a fé dos outros. O pior é o Nani ter afirmado que vai continuar a fazer esses quadrinhos. Será que ele se sente bem com isso? Não tem criatividade para outros tipos de piada? Ninguém gosta de ver o motivo da sua fé no meio de um quadrinho de mau gosto! Não vou deixar de comprar OPASQUIM21 por causa disto, mas fica registrada minha indignação com qualquer tipo de piadinha estúpida sobre religião. Espero que vocês continuem abor-

AROEIRA - A BOADA SEMANA

ÓPERA BUFA

VOCÊS DO PL TÃO ME ACHANDO COM CARA DE PALOCCI?



dando outros assuntos nas piadas e nos quadrinhos, que não sejam tão agressivos à fé alheia. Aurélio B. P. de Moraes - São José dos Campos (SP)

Olha, Aurélio: A gente lamenta que você tenha ficado ofendido, mas podemos afirmar com certeza que o nosso talentoso Nani não visava o ofender ninguém com seus troços. É importante dizer que somos, além de um jornal que prima pela liberdade de seus colaboradores, um jornal de humor. E isso, em nosso entendimento, não pode impor restrições sobre qualquer tema. De qualquer modo, fica a queixa registrada. E vê se continua lendo nosso jornal.

BOLACHEIA

Amigos d'OPASQUIM21: O editorial do Ziraldo na sexual edição 101 cita três revistas semanais cor-de-rosa publicadas: onde estão o Sérgio Augusto e o Fritz Ulzer? Tem uns 30 números que os caras não aparecem... No mais, parabéns a todos e um enorme abraço! Inté, Gleydson, São Paulo (SP)

to tudo que as capas das demais semanais escancararam a todos: uma merda.

PS: a entrevista com Greenhalgh está uma maravilha. Vocês conseguiram mais uma vez se superar.

Henrique Perazzi de Aquino - Bauru - SP
Fala assim não, Henrique, senão o Mino Carta vai sair espalhando por aí que a revista dele tá quase tão boa quanto o nosso jornal.

SE A MODA PEGA...

Tem aquela piada do sujeito que flagrou sua esposa traindo-o com um amigo em cima do sofá da sala. Tomou a decisão: jogou o sofá fora. Foi o que aconteceu agora. O ministro José Dirceu não fez jus à confiança que o cargo exige para com o presidente, colocando lá dentro um marjado agenciador de propinas junto a casas lotéricas e à contravenção e que é seu íntimo. Ao invés de afastar o ministro e não tentar impedir a CPI, ele tomou a suprema decisão: fez uma medida provisória fechando os bingos. Já pensou se acontecer agora suspeita de propinas envolvendo donos de Planos de Saúde? Ele manda fechar os planos de saúde e hospitais conveniados. E se forem prefeitos da construção civil? Fecham-se as empresas de construção civil. Original.

Francisco J. D. Santana - Salvador - BA
Muito bem pensado esse seu argumento, Francisco. E já penso se surgirem suspeitas de propina no mercado das drogas? Seria o fim dos ser-tanejos e dos pagodeiros? A se pensar...

TORREMOS OS TORRELMOS!

Sempre me disseram que o Brasil é uma grande porca que sustenta (desde sua origem até os dias de hoje) o resto do mundo. Está mais que na hora de matar essa porca, acabar com a mamata, assar a porcada, desossar a carcaça. Do que sobrar, abutres de jatéco, rapinas de gravata que se nutram. Post Script: a doença desvasta país é a falta de amor à pátria. Quanto às riquezas, nem preciso mostrar, olhe a sua volta. Wederson Rosa da Fonseca - Franca (SP)

Só pega leve com o colesterol, meu caro Wederson,

ONDE ANDAM VOCÊS...

Olá pessoal: uma rapidinha sem trocêilho pra ser publicada: onde estão o Sérgio Augusto e o Fritz Ulzer? Tem uns 30 números que os caras não aparecem... No mais, parabéns a todos e um enorme abraço! Inté, Gleydson, São Paulo (SP)

O Fritz anda em Juiz de Fora, editando o jornal O Panorama. Já o Sérgio Augusto, dedicando-se aos livros. Mas continue assim, Gleydson: comprando o jornal que daqui um pouco eles aparecem.

O ANO QUE NÃO QUER ACABAR

Em Pernambuco, o dia 31 de março de 1964 caiu em 1º de abril. Só no Dia da Mentira é que ficamos sabendo da deflagração da "Redentora". Tropas nas ruas, Palácio do Governo cercado... E medo, muito medo. Todo mundo de pé na mão. Duas figuras hoje famosas teriam destinos diversos. Miguel Arraes era o governador do estado mais à esquerda da União. E Marco Maciel não passava de um "famoso-quem?" líder estudantil que vivia fazendo discursos anticomunistas em cima do muro da Faculdade de Direito.

Pernambuco nessa época tinha mais esquerdistas do que o Politburo. O mais importante Movimento de Cultura Popular (MCP) do país era tocado por, entre outros, João Câmara, Abelardo da Hora e Ariano Suassuna. Paulo Freire comandava a luta contra o analfabetismo. Josué de Castro se antecipava ao *Manguebeat* e mostrava ao mundo o ciclo de miséria dos homens-caranguejos. Francisco Julião se antecipava ao MST e organizava as Ligas Camponesas na luta contra o latifúndio açucareiro. O golpe foi abaixo da linha de cintura. Arraes foi tirar férias forçadas em Fernando de Noronha e Marco Maciel crescia embandalado nos poderosos braços dos milicos. O muro da faculdade de direito fora trocado pelo do Congresso Nacional. Por seu vanguardismo Pernambuco pagaria pesado tributo. Recife despenciaria de terceira capital do país, na década de 1960, para a décima-primeira, em DH, em 2003. Sua região metropolitana fora retirada das áreas prioritárias de investimentos da Sudene, para se incluir Salvador, Natal e Fortaleza. Com o fim da Lei do Sítio levava de moradores, foram expulsos dos canaviais e foram etnossar as fileiras do exército de reserva de mão-de-obra nas favelas dos grandes centros industriais. Com a anistia, Arraes voltou do seu exílio argelino e foi governador por mais dois mandatos. E Maciel continuou onde sempre esteve: em cima do muro dos poderes. E 1964 não passa de uma data no calendário da memória. Mas com dó.

IVAN PÉ-DE-MESA (Recife - PE)

LEITOR: Para garantir a publicação de sua carta, seja objetivo. Não adianta enviar textos longos, pois o espaço é de coração, mas é modesto. Qualquer assunto pode ser tratado em no máximo dez linhas. Passando disso, fica difícil. (Os editores)

PIXELS

Injustiça: Jader desviou milhões para criar rãs e está solto. Já a perereca da vizinha - que não teve nada a ver - está presa na gaiola.

Maluf eleito? Que isso nunca mais se Re-Pitta!

Corrupto brasileiro se preocupa muito com segurança. Tanto que guarda seu dinheiro na Suíça.

(WILSON)

É fácil reconhecer um tigre de Bengala: geralmente ele tem idade avançada e é cego. Ou os dois.

A dignidade de um homem termina onde começa a diarreia.

Se a natureza fosse sábia, daria ao bicho-da-seda competência pra montar uma tecelagem.

OPASQUIM21

WWW.OPASQUIM21.COM.BR

Praia de Botafogo, 518/10º Andar - Botafogo - Rio de Janeiro/RJ - CEP: 22250-040 - Tel: (21) 2543-3212

EXPEDIENTE

GAMPZ PUBLICAÇÕES

DIRETORES: ZÉLIO ALVES PINTO • CLAUDIO BAENA LUI

OPASQUIM21

REDAÇÃO

EDITOR-GERAL: ZÉLIO

EDITOR-CHEFE: ZÉLIO

EDITOR-ADJUNTO: FERNANDO DE CASTRO

PROJETO GRÁFICO: ZÉLIO

PROGRAMAÇÃO VISUAL

ELIZABETH S. ZELAVA • FABIO TEIXEIRA FERREIRA

FERNANDA PRECOSO • LILIAN SÁNCHEZ Z. ANICOLOTTI

REVISÃO: SÉRGIO PALMINHA DANTE

SECRETARIA GRÁFICA: GUARIBERTO E DANIELA

FOTOGRAFIA: FRED ROZARIO

ENTREVISTAS: RICKY GOODWIN (EDIÇÃO)

ZÉLI SACK (PRODUÇÃO)

SECRETARIA DA REDAÇÃO: FÁBIANA FERREIRA

COMERCIAL, FINANCEIRO E ADMINISTRATIVO

DIRETOR: CLAUDIO BAENA LUI

GERÊNCIA DE MARKETING: VINÍCIUS ROCHA

COMERCIAL: CLAUDIO HENRIQUE VIEIRA SOEIRO

EQUIPE: ANA PAULA MORAES • ANDREA PECKER • CLESON MARI • GISELE GOMES • JOÃO BRUNO • Mª APARECIDA • NELTON SAMBAIO • SANDRO SILVA CAMPOS

REPRESENTAÇÕES COMERCIAIS

Rio Grande do Sul

Av. Nova York, 10 c/ 207 - POA (51) 3337-3337

classmarketing@classmarketing.com.br

São Paulo e demais localidades:

comercial@opasquim21.com.br

ZÉLIO ARTES TEL: (11) 3661-8828

LOGÍSTICA SÃO PAULO

OBORO@OBORO.COM

OBORO - RUA REGO FREITAS, 454 - 8º ANDAR

TEL: (11) 2214-3766